

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE ECONOMIA

JOANA BÚRIGO VACCAREZZA

IMIGRAÇÃO EM MERCADOS DE TRABALHO SEGMENTADOS:  
UMA ANÁLISE INSTITUCIONALISTA DOS ESTADOS UNIDOS APÓS 1990

RIO DE JANEIRO

2020

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

IMIGRAÇÃO EM MERCADOS DE TRABALHO SEGMENTADOS:  
UMA ANÁLISE INSTITUCIONALISTA DOS ESTADOS UNIDOS APÓS 1990

Joana Búrigo Vaccarezza

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Economia da Indústria e Tecnologia, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Economia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Aguiar de Medeiros

Rio de Janeiro  
Setembro de 2020

## FICHA CATALOGRÁFICA

V114 Vaccarezza, Joana Búriço.  
Imigração em mercados de trabalho segmentados: uma análise institucionalista dos Estados Unidos após 1990 / Joana Búriço Vaccarezza. – 2020.  
110 f.; 31 cm.

Orientador: Carlos Aguiar de Medeiros.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Economia, Programa de Pós-Graduação em Economia da Indústria e da Tecnologia, 2020.  
Bibliografia: f. 96 - 102.

1. Imigração. 2. Mercado de trabalho – Estados Unidos. 3. Estrutura salarial.  
I. Medeiros, Carlos Aguiar de, orient. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Instituto de Economia. III. Título.

CDD 325.1

JOANA BÚRIGO VACCAREZZA

IMIGRAÇÃO EM MERCADOS DE TRABALHO SEGMENTADOS:  
UMA ANÁLISE INSTITUCIONALISTA DOS ESTADOS UNIDOS APÓS 1990

Dissertação apresentada ao programa de Pós-Graduação em Economia da Indústria e Tecnologia, Instituto de Economia, Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Economia.

Aprovada por:

---

Presidente, Prof. Dr. Carlos Aguiar de Medeiros  
Instituto de Economia/UFRJ

---

Prof. Dr. Carlos Pinkusfeld Monteiro Bastos  
Instituto de Economia/UFRJ

---

Prof. Dr. Fábio Neves Perácio de Freitas  
Instituto de Economia/UFRJ

---

Prof. Dr. João Luiz Maurity Saboia  
UFRJ

Rio de Janeiro  
Setembro de 2020

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço às instituições públicas de ensino superior brasileiras, pela oportunidade de seguir minha formação em uma universidade pública, gratuita e de excelência. É preciso dizer também que este trabalho só foi possível graças ao financiamento, em diferentes períodos ao longo do mestrado, da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, do Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento Científico e da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

À toda a comunidade que faz do Instituto de Economia um espaço acolhedor e tão rico de saber, muito obrigada. Agradeço aos professores do PPGE, por tudo que me ensinaram dentro e fora da sala de aula. Agradeço especialmente ao Prof. Carlos Medeiros, pela orientação e ensinamentos ao longo dos últimos anos. Aos professores Carlos Pinkusfeld, Fabio Freitas e João Saboia, quero agradecer pelas suas críticas e comentários valiosos – e por gentilmente aceitarem avaliar este trabalho em meio às dificuldades de uma pandemia. Muito obrigada também ao Grupo de Economia Política, com quem pude aprender tanto.

Ao longo dos últimos dois anos e meio, fiz muitos amigos queridos com quem compartilhei alegrias, angústias, aprendizado e luta. A todos que me acompanharam, muito obrigada! Às meninas da turma de 2018, especialmente Suelen, Nathalia e Paola, sou grata pela cumplicidade e parceria. Agradeço especialmente ao Caio, Vinícius, Sérgio, Luciano e Guilherme pelos comentários e sugestões para a dissertação.

Agradeço também aos amigos de mais longa data, que me incentivaram a ingressar no mestrado na UFRJ e estiveram sempre presentes, mesmo de longe. Obrigada aos queridos parceiros de ponte aérea, Marcelo, Bruna e Mari Albite. A Mariana, Amanda e Marina, meu profundo agradecimento. O afeto e encorajamento diário de vocês deixa tudo mais leve.

Por fim, agradeço à minha família por sempre me apoiarem e incentivarem. Quero agradecer especialmente à minha mãe, Elisabete, meu maior exemplo. Sem o seu apoio, nada disso seria possível. Muito obrigada também ao meu tio, Cláudio, meu pai, Cândido, e minha irmã, Gabriela.

## RESUMO

O aumento da imigração é elencado como uma das possíveis causas para estagnação dos salários e aumento da desigualdade de renda nos Estados Unidos observado desde o último quarto do século XX, embora não haja consenso em favor dessa alegação na literatura de trabalhos empíricos sobre o efeito salarial da imigração. Esta dissertação propõe uma leitura para a questão da imigração do trabalho pouco qualificado e o efeito sobre salários nativos desde uma perspectiva teórica institucionalista e heterodoxa. O objetivo desta dissertação é examinar a relação entre o aumento do trabalho imigrante na força de trabalho americana e o seu impacto sobre a distribuição salarial. Mais precisamente, esta dissertação identifica os principais mercados afetados pelo influxo de trabalhadores migrantes e as condições institucionais em que estes são incorporados ao sistema econômico e em que os salários são formados. Esse estudo justifica-se por dois motivos. O primeiro é a relevância em termos absolutos do trabalho imigrante na economia estadunidense em particular, e nas economias desenvolvidas em geral. O segundo é o lugar que a imigração tem ocupado no debate público.

Mais além de analisar as características da oferta de trabalho em que consiste o influxo de imigrantes e a participação relativa no mercado de trabalho, como é de praxe, propõe-se contrapor essa análise com a evolução estrutural da demanda de trabalho e com três elementos institucionais do mercado: a segmentação de mercados de trabalho, um processo de limita e aloca trabalhadores a postos de trabalho bem ou mal remunerados, o movimento sindical e o salário mínimo. Os resultados mostram que enquanto todas as categorias ocupacionais analisadas observaram aumento da participação de imigrantes na força de trabalho, algumas observaram crescimento salarial e outras estagnação. Apesar da concentração dos trabalhadores imigrantes em ocupações de baixa especialização, não há indícios de competição exacerbada com os trabalhadores nativos menos escolarizados, com exceção da população nativa latina. A especialização ocupacional de migrantes versus nativos, a segmentação de mercados e o movimento sindical são três elementos que protegem parcelas dos trabalhadores nativos da exposição à imigração no mercado de trabalho e possíveis perdas salariais. No entanto, a tendência que se apresenta é a erosão da proteção via esses três processos. O salário mínimo institucional segue sendo uma ferramenta à disposição da sociedade estadunidense para garantir o padrão de vida mínimo para seus trabalhadores mais vulneráveis, nascidos ou não nos EUA.

**Palavras-chave:** imigração; segmentação de mercados de trabalho; instituições do mercado de trabalho; estrutura salarial; mercados ocupacionais.

## ABSTRACT

Literature cites the increase in immigration as one of the possible causes behind the stagnation of the median wage and increased income inequality in the United States since the last quarter of the 20th century, although empirical studies have not found evidence support this claim. This dissertation proposes an alternative interpretation on the issue of immigration of low-skilled workers and natives' wage from a heterodox institutionalist theoretical perspective. The purpose of this work is to examine the increase in the immigrant share in the American workforce and its impact on the wage structure. More precisely, this dissertation identifies the main markets affected by the inflow of migrant workers and the institutional conditions in which they are incorporated into the economic system and in which wages are fixed. There are two main reasons that justify this study. The first is the growing relevance of immigration in absolute terms in the American economy in particular, and in developed economies in general. The second reason is the fact that immigration and its outcomes for the local labor markets is a central issue at the political arena.

The analysis of the labor supply represented by migrant workers and their relative participation in the labor market is compared with the structural evolution of the labor demand and with three institutional elements in the labor market: its dualist segmentation, a process that limits opportunities and allocates workers to well or poorly paid jobs, the union movement and the minimum wage. The results show that while all the occupational categories analyzed observed an increase in the immigrant share in the workforce, some observed rapid wage growth and others stagnation. Despite the concentration of immigrant workers in low-skilled occupations, there is no evidence of exacerbated competition suffered by less skilled workers born in the USA, with the exception of the native Latino population. The occupational specialization of migrants vis-à-vis natives, the labor market segmentation and the union movement are three elements that shield portions of native workers from exposure to immigration in the labor market and possible wage losses. However, the apparent trend is the erosion of this protection by means of these three processes. The institutional minimum wage remains a valuable tool that is available to the American society to secure the minimum living standards for its most vulnerable workers, whether born or not in the USA.

**Keywords:** immigration; segmented labor markets; labor market institutions; wage structure; occupational markets.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Estoque internacional de migrantes nos Estados Unidos, 1990 a 2017 .....	44
Figura 2: Força de trabalho imigrante por região de origem, 2019 .....	45
Figura 3: proporção de imigrantes na força de trabalho, estados selecionados.....	46
Figura 4: Proporção de imigrantes por categoria ocupacional, 1994-2019 .....	48
Figura 5: Participação relativa do crescimento do emprego na força de trabalho civil, 1994-2019 .....	49
Figura 6: Mediana do salário horário estimado (1999 USD), 1994-2019 .....	52
Figura 7: Crescimento real médio anual do salário (mediano), por hora e por ano, 1995-2018 .....	55
Figura 8: Taxa de desemprego, por origem da força de trabalho .....	56
Figura 9: Salários nativos medianos <i>versus</i> participação de imigrantes na força de trabalho..	57
Figura 10: Porcentagem de trabalhadores na força de trabalho representados por negociação coletiva .....	80
Figura 11: Porcentagem de trabalhadores na força de trabalho representados por sindicato, ocupações selecionadas .....	82
Figura 12: Porcentagem de trabalhadores com salários inferiores ao salário mínimo federal .	86

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Escolaridade da população adulta (18+ anos) por origem, 2010-2019 .....	47
Tabela 2: Perfil ocupacional da força de trabalho civil por origem, 1994-2019 .....	47
Tabela 3: Coeficiente da regressão do status de imigrante sobre salários horários (log) com efeitos fixos .....	53
Tabela 4: Características da amostra .....	61
Tabela 5: Parcela de imigrantes (%) e variação (p.p.) por amostra.....	61
Tabela 6: Distribuição do emprego por setores e grupo demográfico, 2018.....	63
Tabela 7: Índice estimado de competição no mercado de trabalho ( $\beta$ ), nativos não qualificados .....	65
Tabela 8: Participação relativa no emprego por setor, 2018 .....	68
Tabela 9: Crescimento relativo do emprego por setor, 2000-2018 .....	69

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIACÕES**

ASEC	Annual Social and Economic Supplement
ACS	American Community Survey
BLS	Bureau of Labor Statistics
CES	Constant Elasticity of Substitution
CPS	Current Population Survey
EUA	Estados Unidos da América
IOM	International Organization for Migration
IPUMS	Institute Public Use Microdata
MSAs	Metropolitan Statistical Areas

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1    IMIGRAÇÃO E SALÁRIOS DOS TRABALHADORES NATIVOS DESDE UMA PERSPECTIVA DE PODER DE BARGANHA .....	16
1.1    O impacto da imigração sobre os salários americanos na literatura recente .....	18
1.1.1    Testes empíricos: avanços e debates .....	20
1.1.2    Competição, substituição e heterogeneidade entre trabalhadores.....	21
1.1.3    Instituições do mercado de trabalho.....	26
1.2    Determinação dos salários por poder de barganha: contribuições institucionalistas e estruturalistas .....	28
1.3    Interpretando os efeitos do trabalho imigrante no mercado de trabalho.....	35
2    IMIGRAÇÃO E O MERCADO DE TRABALHO ESTADUNIDENSE (1994-2019): DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL E BAIXOS SALÁRIOS .....	43
2.1    Tendências nos mercados ocupacionais: imigração, demanda e salários.....	44
2.1.1    Salários ocupacionais: tendências para nativos e imigrantes.....	51
2.2    Distribuição setorial do emprego nativo e imigrante.....	58
2.2.1    Dados .....	60
2.2.2    Resultados .....	62
2.3    Considerações finais .....	71
3    FATORES EXTRAMERCADO NA RELAÇÃO ENTRE IMIGRAÇÃO E SALÁRIOS NATIVOS.....	73
3.1    Segmentação e trabalho imigrante no mercado de baixos salários.....	74
3.2    Movimento sindical e trabalhadores estrangeiros.....	79
3.3    O papel do salário mínimo no mercado de trabalho com imigração .....	84
3.4    Conclusão .....	89
CONCLUSÃO.....	92
REFERÊNCIAS .....	96
APÊNDICE A – Distribuição ocupacional da força de trabalho nativa e imigrante.....	103

APÊNDICE B – Estimação do <i>gap</i> salarial de imigrantes.....	104
APÊNDICE C – Lista de cidades com alta e baixa imigração.....	108

## INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, tem-se observado o aumento da desigualdade de renda nos Estados Unidos da América (EUA), que decorre tanto da queda da parcela dos salários na renda nacional quanto da maior desigualdade entre os salários (OCDE, 2011; OSTRY; BERG; TSANGARIDES, 2014; PIKETTY, 2014). Este processo ocorreu em paralelo a importantes mudanças estruturais, e diferentes fatores são elencados para explica-lo (LEE, 1999). Por um lado, discute-se o papel da mudança tecnológica, que produz efeitos desiguais sobre trabalhadores especializados e não-especializados, e as consequências da globalização econômica para a demanda por trabalho e os salários nos mercados de trabalho locais. Do lado da oferta de trabalho, estuda-se o efeito da imigração sobre os salários dos trabalhadores nativos, ou seja, aqueles nascidos no mesmo país onde residem e trabalham. Uma terceira linha foca nos fatores institucionais e processos políticos que levaram à desregulamentação dos mercados de bens e de trabalho e à perda de poder de barganha da classe trabalhadora. Embora estes fatores estejam todos presentes nas principais interpretações elas divergem sobre como estes fatores agem e qual tem sido a sua importância relativa para o entendimento da evolução da distribuição de renda nos EUA.

Longe de investigar exaustivamente a discussão e as evidências destas interpretações, o objetivo desta dissertação é examinar um destes fatores, o aumento do trabalho imigrante na força de trabalho americana, e o seu impacto sobre a estrutura salarial. Mais precisamente, esta dissertação identifica os principais mercados afetados pelo influxo de trabalhadores migrantes e as condições institucionais em que estes são incorporados ao sistema econômico e em que os salários são formados. A população imigrante nos Estados Unidos é extremamente diversa – em termos de origem, formação e atuação profissional, motivações para migração, duração da estadia, status legal, entre muitas outras categorias possíveis. Este trabalho trata dos trabalhadores assalariados, migrantes e nativos. Apesar da crescente parcela de imigrantes altamente especializados no mercado estadunidense, este trabalho está focado no trabalho menos qualificado – ocupações que podem ser realizadas por trabalhadores com escolaridade média (até 12 anos de estudo nos EUA), incluindo ou não algum treinamento específico, seguindo a classificação do Bureau of Labor Statistics (BLS, 2010).

Este exame justifica-se por duas razões fundamentais. Em primeiro lugar por sua dimensão absoluta, isto é, pelo aumento substancial da parcela do trabalho imigrante na composição da força de trabalho nos EUA que afeta principalmente as posições ocupacionais

de menor qualificação. Segundo as estimativas oficiais, mais de 49 milhões de migrantes internacionais<sup>1</sup> vivem nos Estados Unidos – quase um quinto do total de migrantes internacionais pelo mundo (UN DESA, 2019). 17,4% da força de trabalho no país é estrangeira (BLS, 2019).

Em segundo lugar, o estudo da imigração no mercado de trabalho estadunidense se justifica porque a política migratória tem ocupado um espaço relevante no debate público desse país. Entre os argumentos levantados pelos opositores à abertura das fronteiras à imigração, cita-se a ideia de que a presença maior de migrantes, especialmente aqueles com pouca qualificação profissional, teria efeitos negativos sobre a taxa de salários e de emprego na economia de destino, contribuindo para a piora na distribuição de renda e no padrão de vida médio do cidadão de economias maduras. Em uma pesquisa divulgada em 2014, mais de 50% dos estadunidenses declarou que os empregadores deveriam priorizar trabalhadores nativos (INGLEHART et al., 2014). Ao lado do comércio internacional, o aumento do fluxo migratório tem sido apresentado desde 2016 pelo Governo Trump como causa para o desemprego e redução do salário do trabalhador nascido nos EUA. Em meio à polêmica sobre a construção de um muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México, o presidente Donald Trump declarou em seu discurso ao Congresso:

Os Estados Unidos recebe com orgulho milhões de imigrantes legais que enriquecem nossa sociedade e contribuem para nossa nação, mas todos os americanos são prejudicados pela migração ilegal descontrolada. Ela sobrecarrega os recursos públicos e *reduz empregos e salários*. Entre os mais atingidos estão os afro-americanos e hispano-americanos<sup>2</sup> (FULL TRANSCRIPTS, 2019, grifo e tradução nossa).

O efeito adverso da imigração sobre salários e empregos a que o presidente Trump fez referência está fundamentado no modelo canônico da teoria neoclássica para o mercado de trabalho, que prevê um ajuste mecânico e automático dos salários frente a uma expansão da oferta. Essa visão releva os elementos extramercado que mediam o processo de determinação salarial, influenciando como o mercado responde à flutuação nas quantidades relativas. Como será discutido no Capítulo 1, a maioria dos trabalhos empíricos sobre o impacto salarial da

---

<sup>1</sup> Pessoas que nasceram em outro país e atualmente residem nos Estados Unidos, sem incluir descendentes de imigrantes, tradicionalmente apresentados pela literatura como imigrantes da segunda geração.

<sup>2</sup> Transcrição original em inglês: “America proudly welcomes millions of lawful immigrants who enrich our society and contribute to our nation, but all Americans are hurt by uncontrolled illegal migration. It strains public resources and drives down jobs and wages. Among those hardest hit are African-Americans and Hispanic-Americans.”

imigração não encontra resultados significativos de que o aumento na parcela de imigrantes na força de trabalho reduza os salários nativos nos EUA.

Metodologicamente, esta dissertação segue a abordagem da economia política clássica e a análise institucionalista dos mercados segmentados de trabalho. Seguindo a primeira, considera-se a pressão à baixa que o excedente de mão-de-obra exerce sobre a remuneração do trabalho por meio da erosão do poder de barganha dos trabalhadores. O presente trabalho incorpora a contribuição institucionalista sobre a segmentação dos mercados de trabalho, que postula que enquanto em alguns segmentos do mercado os trabalhadores estão relativamente protegidos da competição graças a estratégias empresariais e à organização sindical, em outros segmentos os trabalhadores não só estão expostos à competição entre si, mas enfrentam alta instabilidade do emprego e baixos salários. Para avaliar as condições de competição entre trabalhadores nativos e imigrantes de maneira adequada, é necessário distinguir padrões na alocação de trabalho e na formação salarial nos mercados em que os trabalhadores migrantes *efetivamente estão ocupados*. Como se discute ao longo deste trabalho, não apenas não há evidências substantivas de mecanismos que postulam uma relação direta entre aumento do trabalho migrante e evolução dos salários, como não é possível isolar o efeito deste aumento de outros processos em curso no mercado de trabalho nos Estados Unidos, quais sejam, a reestruturação da demanda por trabalho, a desvalorização do salário mínimo institucional, a dessindicalização e a erosão dos direitos e benefícios trabalhistas.

O Capítulo 1, após um breve panorama da literatura recente sobre o tema, desenvolve um marco analítico calcado nas perspectivas institucionalistas e estruturalistas da determinação salarial, discutindo como o efeito da imigração nos mercados de trabalho pode ser analisado desde uma perspectiva heterodoxa. Apresenta-se os principais resultados, avanços e limitações na literatura recente sobre o impacto da imigração sobre os salários de trabalhadores estadunidenses. Em seguida, apresenta-se perspectivas teóricas sobre a determinação salarial por meio do processo de barganha e, por fim, implicações para a interpretação da imigração no mercado de trabalho. Em suma, argumenta-se que a estrutura salarial está sujeita a movimentos na oferta de trabalho, mas também depende da demanda em cada mercado, das condições de barganha coletiva disponíveis aos trabalhadores e das instituições do mercado de trabalho que impulsionam ou reduzem o poder de barganha dos trabalhadores. Além disso, é necessário considerar como a segmentação do mercado de trabalho limita e aloca a oferta de trabalho a diferentes oportunidades.

O Capítulo 2 dedica-se a analisar a distribuição do trabalho imigrante em ocupações e setores vis-à-vis a distribuição entre trabalhadores estadunidenses. A partir dessa comparação, é possível compreender quais setores são os principais mercados para o trabalho imigrante e onde há maior competição com os nativos menos qualificados, apontados como os principais perdedores com a imigração de trabalhadores não qualificados. Essa análise é complementada por uma apreciação da evolução dos salários para imigrantes e nativos nas últimas décadas. A estrutura salarial é aproximada por meio da análise das medianas do salário para seis categorias ocupacionais distintas. No Capítulo 3, qualificam-se os resultados obtidos no segundo capítulo ao analisar três fatores extramercado: a segmentação do mercado de trabalho, o movimento sindical e o movimento do salário mínimo institucional. A síntese dos resultados é apresentada na Conclusão.

## 1 IMIGRAÇÃO E SALÁRIOS DOS TRABALHADORES NATIVOS DESDE UMA PERSPECTIVA DE PODER DE BARGANHA

O principal objetivo deste capítulo é discutir quais fatores devem ser levados em conta na análise do efeito potencial da imigração sobre a renumeração dos trabalhadores nativos em uma economia desenvolvida. Como mencionado na Introdução, nos interessa interpretar esse efeito a partir de uma perspectiva teórica alternativa ao modelo neoclássico do mercado de trabalho, dominante na literatura sobre o tema. No marco da economia política clássica e nas correntes teóricas contemporâneas que interpretam a determinação salarial como um processo político de barganha, existe uma relação negativa entre o excedente da força de trabalho – o exército industrial de reserva tal como denominado por Marx (1983) – e a taxa de salário. Esta relação é mediada por fatores que vamos chamar de *extramercado*, aqueles fatores que incidem sobre a barganha salarial além das quantidades relativas de oferta e demanda.

Como Ricardo e outros economistas clássicos, Marx distinguia o preço natural do trabalho, o valor ao qual os salários tendem a convergir, e o preço de mercado, ou seja, os salários efetivamente pagos pelos empregadores a cada momento (STIRATI, 1994). O nível natural dos salários tende a convergir para o valor da força do trabalho, aquele que apenas permite a reprodução da força de trabalho. Este valor é, em termos ricardianos, o custo de produção da força de trabalho: o que garante aos trabalhadores a sua própria manutenção e o sustento familiar que permita a substituição geracional dos trabalhadores. Vale notar que este valor de subsistência não se limita às necessidades físicas, mas inclui elementos históricos relativos aos hábitos de consumo de cada sociedade em um dado momento (LEVRERO, 2013; MARX, 1983).

Já o salário de mercado está sujeito a oscilações de acordo às condições de oferta e demanda por trabalho (MARX, 1977). No entanto, os trabalhadores constantemente buscam preservar e aumentar seus salários, e o nível efetivo dos salários de mercado depende do resultado da barganha entre trabalhadores e capitalistas, um ponto destacado por Marx em Salário, Preço e Lucro (MARX, 1977). Assim, a variável chave na formação dos salários em Marx é o poder de barganha dos trabalhadores, e este depende das condições do mercado de trabalho, do grau de organização dos trabalhadores e outros fatores políticos que regulem as relações entre capital e trabalho (LEVRERO, 2013).

Rowthorn (1982), ao interpretar a teoria marxista dos salários, elenca a imigração entre os mecanismos que ampliam a competição entre trabalhadores pressionando os salários para baixo, assim como o comércio internacional:

[...] a acumulação unifica a economia mundial e, através do comércio e da migração, atrai operários de diferentes países em competição uns com os outros. Assim, a acumulação rompe as barreiras entre um tipo de mão-de-obra e outro, gerando um imenso reservatório internacional do qual a mão-de-obra pode ser retirada. Isso obriga o trabalhador médio a competir com o mais pobre dos trabalhadores, que mal consegue sobreviver nas condições mais miseráveis. Os salários são assim equiparados por baixo, em direção ao mínimo denominador comum. (ROWTHORN, 1982, p. 178).

Se a força de trabalho empregada puder ser substituída por reservas externas, os capitalistas pagam o mínimo possível aos empregados, possivelmente abaixo do custo de produção da força de trabalho. O resultado, segundo Rowthorn (1982, p. 186) é “um rápido declínio na quantidade ou qualidade da força de trabalho existente, mas isso não importa, de vez que novos suprimentos podem ser trazidos de outras regiões”. Conclui-se então que, no marco da teoria marxista dos salários, um influxo migratório pode piorar as condições de mercado se aumentar a reserva de trabalhadores a um ritmo superior ao crescimento da demanda por trabalho dos capitalistas. A consequência desse enfraquecimento é uma pressão à baixa dos salários reais e a piora das condições de vida para os trabalhadores.

Este capítulo dedica-se a explorar o problema da determinação salarial frente à imigração em uma abordagem compatível com a economia clássica, mas absorvendo contribuições de perspectivas institucionalistas. A dificuldade dos pesquisadores em encontrar um efeito significativo e negativo da imigração sobre salários nativos nos EUA costuma ser tratada como um problema de método – modelos mal especificados produzem estimadores viesados – ou então explicada por *imperfeições* no mercado de trabalho relacionadas a especificidades do trabalho imigrante. Como a primeira seção deste capítulo apresenta, a literatura tem avançado nesses dois sentidos, tentando dar sentido a resultados empíricos em desacordo com o efeito teórico esperado a partir da teoria econômica convencional. Alternativamente, este capítulo propõe a discussão dentro dos marcos da heterodoxia, rejeitando o modelo de determinação do salário pelo equilíbrio da demanda e da oferta no mercado de trabalho.

A seção a seguir explora os principais resultados publicados nas últimas três décadas sobre o impacto da imigração para os salários nativos. O objetivo, entretanto, não é realizar uma revisão exaustiva da literatura, e sim apresentar os resultados prévios que inspiraram as

questões avançadas neste trabalho. A seção 1.2 apresenta perspectivas teóricas sobre a determinação salarial por meio do processo de barganha, destacando a contribuição da abordagem de mercados segmentados para o entendimento do mercado de trabalho. A seção 1.3 volta a discussão para a interpretação teórica do efeito da imigração em acordo com esta última visão.

## 1.1 O impacto da imigração sobre os salários americanos na literatura recente

Desde os anos 1980, economistas do trabalho vêm tentando mensurar o efeito da imigração sobre os salários dos trabalhadores nascidos nos Estados Unidos. Teoricamente, a discussão parte do modelo neoclássico de equalização dos preços dos fatores aos moldes de Heckscher-Ohlin (CONSTANT, 2014; ZAVODNY, 2014). Neste modelo canônico, a entrada de imigrantes no mercado de trabalho produz um deslocamento da curva de oferta de trabalho em função do salário real, levando a um ajuste mecânico e automático dos salários e nível de emprego. Com estoque de capital fixo e produtividade marginal dos fatores decrescente, esse deslocamento implica redução da taxa de salário real e aumento do nível de emprego até que as empresas absorvam todo o excesso de mão-de-obra resultante da imigração<sup>3</sup> (EDO *et al.*, 2018).

Mesmo entre economistas heterodoxos, que seguem a perspectiva da economia política e não adotam esta curva, entende-se que pode haver um efeito negativo da expansão da oferta sobre os salários, via redução do poder de barganha no mercado de trabalho (PIVETTI; BARBA, 2016). Não obstante, a maioria dos estudos empíricos sobre o tema não encontrou uma correlação negativa entre imigração e salários. A literatura especializada está longe de qualquer consenso, como indicam as extensas revisões de Peri (2014), Dustmann, Schönberg e

---

<sup>3</sup> Se por um lado, o modelo mais simples de oferta e demanda prevê a queda permanente dos salários em resposta ao aumento populacional causado pela imigração, o princípio de substituição entre fatores é utilizado por autores para ressaltar a possibilidade de efeito nulo ou positivo sobre os salários no longo prazo por meio de um efeito-produtividade, como fazem Peri (2014), Constant (2014), e Dustmann, Frattini e Preston (2013), entre outros. O trecho a seguir introduz uma revisão bibliográfica sobre efeitos da imigração no mercado de trabalho e sintetiza a perspectiva teórica predominante sobre o tema:

“According to standard economic models, the main mechanism through which immigration can affect the labour market is by increasing the number of workers. This increase mechanically reduces the level of physical capital per worker, which negatively affects the productivity of labour. In response to an immigration-induced increase in labour supply, the average wage of workers therefore declines. An important assumption underlying these preliminary results is that the capital stock in the economy is fixed. From a theoretical viewpoint, it is important to distinguish the impact of immigration on wages in the “short run” (the instant after the immigrants arrive) and the “long run” (after capital has fully adjusted to their entry). In the long-run, firms respond to the increased number of workers through capital accumulation. [...] The rise in the capital stock increases labour productivity and labour demand, thereby mitigating the initial detrimental wage effects induced by the labour supply shock.” (EDO *et al.*, 2018, p. 4).

Stuhler (2016) e Edo (2019)<sup>4</sup>. Em uma revisão de 27 artigos, publicados entre 1982 e 2013, Peri (2014) encontrou que as estimativas para a variação salarial associada a um aumento de 1% na população imigrante variavam entre -0,8 e 0,8, muitas próximas a um efeito nulo. Peri (2014, p. 4) ilustra a modéstia desses resultados à luz dos números da economia estadunidense:

A aplicação do valor médio das estimativas à imigração total nos EUA entre 1990 e 2010, época em que a proporção de trabalhadores estrangeiros subiu de 9% para 16%, implicaria um impacto dos imigrantes no salário médio dos trabalhadores nativos de 0,056 ponto percentual (7% vezes 0,008) ou um aumento de aproximadamente um vigésimo de ponto percentual. Essas variações são extremamente pequenas, especialmente ao longo de um período de 20 anos, e não validam a noção de que os imigrantes baixam os salários dos trabalhadores nativos.<sup>5</sup>

A ausência de evidências sólidas de perdas salariais decorrentes do aumento dos fluxos migratórios coloca em questão os postulados da própria teoria econômica quanto ao processo de determinação dos salários. O debate na literatura tem se centrado, então, a compatibilizar a teoria com os resultados diversos na prática. Por um lado, discute-se método. Conforme mostra Edo (2019), estudos espaciais tendem a encontrar efeitos positivos ou inexistentes, enquanto modelos estruturais em nível nacional encontram efeitos negativos no curto prazo e positivos no longo prazo, que projetam sobre o produto um efeito positivo do ajuste do estoque de capital à expansão populacional. Além do desenho do modelo, problemas de identificação podem gerar um viés na estimação do efeito salarial da imigração, resultado em coeficientes artificialmente positivos, como é apresentado abaixo. Por outro lado, discute-se os limites em que o trabalho imigrante pode ser considerado substituto do trabalho nativo. Isto é, existem especificidades relacionadas ao trabalho de imigrantes que diferenciam o seu mercado de trabalho do mercado para trabalhadores nativos e que, assim, dissolvem as potenciais perdas da imigração. Como pretende-se argumentar ao longo deste trabalho, a perspectiva teórica da determinação salarial pelo poder de barganha, inspirada na economia política clássica, pode explicar não só a relativa insensibilidade dos salários estadunidenses à expansão da oferta de trabalho na economia local, mas também a heterogeneidade dessa relação que é relatada na literatura.

<sup>4</sup> Para uma revisão da literatura pioneira, ver Friedberg e Hunt (1995).

<sup>5</sup> Tradução livre do original: “Applying the average value of the estimates to total immigration in the US between 1990 and 2010, a time when the share of foreign-born workers rose from 9% to 16%, would imply an impact of immigrants on the average wage of native workers of 0.056 of a percentage point (7% times 0.008), or an increase of roughly one-twentieth of a percentage point. These are extremely small changes, especially over a 20-year period, and do not support the notion that immigrants lower the wages of native workers.”

### 1.1.1 Testes empíricos: avanços e debates

Os primeiros estudos que tentaram estimar os impactos da imigração no mercado de trabalho nos EUA usavam a abordagem espacial, comparando resultados nativos em regiões que recebem um alto fluxo de migrantes internacionais com resultados em áreas não afetadas (FRIEDBERG; HUNT, 1995). Uma das primeiras avaliações empíricas dos impactos da imigração no mercado de trabalho, Grossman (1982) usou dados do censo de 1970 para estimar as elasticidades de substituição de trabalhadores nativos e imigrantes em um modelo de equilíbrio geral. Os resultados indicaram a ocorrência de efeitos moderadamente negativos sobre os salários e o emprego de trabalhadores nativos nas cidades conhecidas como “portos de entrada” para imigrantes. Outro exemplo de estudos precursores é o de Card (1990), que estimou o impacto da chegada de imigrantes cubanos a Miami no episódio conhecido como Êxodo de Mariel em 1980. O estudo quase-experimental de Card não encontrou efeitos significativos na evolução dos salários dos nativos nem dos imigrantes anteriormente assentados em Miami em comparação com outras cidades não afetadas (CARD, 1990).

Uma série de críticas à abordagem espacial motivou o desenvolvimento de métodos alternativos, dentre os quais se destaca a abordagem estrutural a nível nacional e o uso de variáveis instrumentais nos estudos a nível local para torná-los mais robustas. A primeira crítica é que o destino dos migrantes econômicos é sensível às condições econômicas gerais em cada localidade (BORJAS *et al.*, 1997; CARD, 2001). O fato de os trabalhadores imigrantes poderem se estabelecer nas regiões com taxas mais altas de crescimento dos salários poderia gerar um viés positivo nos coeficientes estimados, subestimando os efeitos adversos para os nativos. Essa endogeneidade costuma ser resolvida empregando-se uma variável instrumental em uma estimativa em dois estágios, como em Card (2001) ou Orrenius e Zavodny (2007).

Um segundo problema com a abordagem espacial em mercados de trabalho locais é que os trabalhadores nativos podem decidir mudar-se para outra cidade em resposta a efeitos salariais adversos causados por maiores taxas de imigração (BORJAS, 2003; BORJAS *et al.*, 1997; DUSTMANN; GLITZ; FRATTINI, 2008). Em outras palavras, a interpretação dos coeficientes que relacionam taxas de imigração a tendências salariais é sensível às suposições feitas sobre a elasticidade da oferta de trabalho em relação às variações salariais (DUSTMANN; SCHÖNBERG; STUHLER, 2016). A relevância da migração interna nativa no ajuste dos mercados estadunidenses aos fluxos de imigrantes é principalmente uma questão empírica e continua sendo objeto de debate na literatura (DUSTMANN; GLITZ; FRATTINI, 2008).

Terceiro, alega-se que o comércio entre as diferentes regiões do país compensa o efeito negativo sobre salários porque expande a demanda dos setores e regiões afetadas pela imigração seguindo uma queda *inicial* de salários e preços (BORJAS et al., 1997; FRIEDBERG; HUNT, 1995). Devido a essas três questões, Borjas defende que os impactos da imigração no mercado de trabalho são melhor compreendidos por estudos nacionais (BORJAS, 2003; BORJAS et al., 1997). O autor argumenta que, embora as curvas de demanda e oferta nos mercados locais possam mudar em resposta à imigração, é razoável pressupor a existência de uma curva de demanda decrescente em relação aos salários para o mercado de trabalho *nacional* como um todo. No entanto, Altonji e Card (1991) argumentam que os custos de transporte e o setor de bens e serviços *non-tradables* favorecem a hipótese de curvas de demanda descendentes ao nível local. É interessante notar que esse debate equipara problemas de identificação dos modelos de estimadores a uma questão teórica de definição do escopo e alcance corretos do modelo neoclássico do mercado de trabalho, calcado no equilíbrio entre curvas de demanda *versus* oferta, sem nunca questionar a existência de funções negativas de demanda *em algum* nível.

### 1.1.2 Competição, substituição e heterogeneidade entre trabalhadores

Um resultado com razoável consenso na literatura é a heterogeneidade dos impactos da imigração para diferentes estratos do mercado de trabalho (EDO, 2019). De Silva et al. (2010) distinguem trabalhadores com base em características do setor empregador (mais ou menos intensivo em trabalho qualificado). Uma abordagem comum é segmentar o mercado conforme as características dos indivíduos em termos de formação e faixa etária (BORJAS, 2003; BORJAS *et al.*, 1997; EDO; RAPOPORT, 2018; OTTAVIANO; PERI, 2012), enquanto outros trabalhos optam por utilizar categorias ocupacionais por se aproximarem melhor à definição de mercados de trabalho (CARD, 2001; ORRENIUS; ZAVODNY, 2007; PEDACE, 2006; STEVANS, 1996). Há ainda quem diferencie os trabalhadores ao longo da distribuição salarial, como Dustmann, Frattini e Preston (2013). Além disso, a maioria dos estudos aborda a heterogeneidade do mercado de trabalho calculando estimativas distintas para os salários absolutos de cada grupo, mas há estudos que têm salários relativos como variável dependente, testando o impacto da imigração nos *diferenciais* de salário entre grupos (CARD, 2009; DE SILVA *et al.*, 2010).

A principal explicação para efeitos heterogêneos da imigração sobre salários, ou seja, impactos de magnitudes diferentes sobre os diferentes grupos nativos, vem da ideia de que alguns trabalhadores nativos estão mais expostos à competição dos trabalhadores imigrantes do que outros. Este argumento é explorado seguindo três tipos de raciocínio. O primeiro decorre das implicações de estender o modelo neoclássico do mercado de trabalho ao trabalho heterogêneo, seguindo as contribuições da teoria do Capital Humano, e foca na estimação da elasticidade da substituição entre trabalhadores de distintos níveis de especialização - a discussão gira em torno de como classificar os trabalhadores, as propriedades relativas à substituíbilidade, como medir os efeitos, etc. Borjas (2003) é o autor mais influente nessa tradição. A segunda vertente se envolve com essa literatura, mas destaca as imperfeições do mercado e algumas características específicas do trabalho imigrante que prejudicam a substituíbilidade de trabalhadores nativos e estrangeiros, como os trabalhos de David Card e Giovanni Peri citados abaixo. Por fim, existem alguns estudos que se concentram no processo de barganha salarial como um passo fundamental para mediar a relação entre mudanças na oferta de trabalho e mudanças nos salários (PEDACE, 2006; STEVANS, 1996; WIENER, 2019). Estes serão discutidos na próxima seção.

No marco da economia neoclássica, Dustmann, Frattini e Preston (2007) observam que, em um modelo com mão-de-obra heterogênea e oferta de capital elástica, o efeito da imigração sobre os salários depende da distribuição relativa de qualificações de cada onda migratória comparada à população nativa. Se o mix de qualificações entre migrantes e nativos diferir consideravelmente, existe uma complementaridade que resultará no chamado "excedente migratório" e haverá um efeito positivo na taxa salarial média. No entanto, os efeitos divergem conforme os estratos de trabalhadores; os trabalhadores nativos cujas competências se assemelham às dos trabalhadores imigrantes podem ter seus salários reduzidos, enquanto outros devem ter ganhos. Com dados do Reino Unido entre 1997 e 2005, o estudo estima que o aumento de um ponto percentual na porcentagem de imigrantes na força de trabalho provoque o aumento do salário médio nativo de 0,3 a 0,4%, mas reduza em 0,5% os salários no primeiro decil da distribuição salarial (DUSTMANN; FRATTINI; PRESTON, 2007).

Em 1991, Altonji e Card estimaram os efeitos dos influxos de imigração durante a década de 1970 sobre a taxa de emprego e salários de trabalhadores nativos menos qualificados – definidos como aqueles com até doze anos de escolaridade – nos mercados de trabalho locais específicos por setor econômico. Embora não tenham encontrado resultados significativos para as taxas de emprego, os autores encontraram evidências de uma redução de 1,2% nos salários

dos trabalhadores menos qualificados após o aumento de um ponto percentual da proporção de imigrantes em cada mercado de trabalho (ALTONJI; CARD, 1991).

Em um estudo posterior, Card (2001) reconheceu a alta heterogeneidade no perfil profissional dos imigrantes dos EUA, observando que o salário médio para homens imigrantes era superior ao salário médio para homens nativos em pelo menos um terço de 175 cidades segundo o censo de 1990. Por isso, Card opta pela análise dos impactos salariais da imigração específicos por ocupação. Em raciocínio semelhante ao exposto por Dustmann, Frattini e Preston (2007), Card (2001) argumenta que, se o perfil ocupacional da entrada de imigrantes for equilibrado quando comparado à distribuição dos nativos, a estrutura salarial não será afetada. Como será mostrado no Capítulo 2, no entanto, a distribuição ocupacional dos trabalhadores imigrantes é consideravelmente distorcida em direção a certas ocupações. Card (2001) considera que a imigração entre 1985 e 1990 para os EUA pode ter reduzido os salários e as taxas de emprego de nativos menos qualificados em 1 a 3 pontos percentuais nas cidades mais afetadas, como Miami e Los Angeles.

Borjas (2003) adota uma abordagem mais ortodoxa do mercado de trabalho, considerando todos os trabalhadores nos EUA, nativos ou estrangeiros, com anos de escolaridade e experiência semelhantes como substitutos perfeitos a nível nacional. O estudo adota a abordagem de grupos de qualificação-experiência (“*skill-cells*”), dividindo a amostra de trabalhadores em 32 grupos, de acordo com quatro categorias de escolaridade e 8 faixas etárias. Borjas observa que a distribuição ocupacional de imigrantes e nativos é muito mais semelhante dentro de cada grupo de experiência do que quando se comparam imigrantes e nativos com tempos de experiência muito diferentes. As estimativas para a elasticidade dos salários em relação ao aumento da força de trabalho após a imigração são obtidas a partir de equações de forma reduzida e variam de -0,3 e -0,4, em média. Ao permitir diferentes elasticidades dentro de cada grupo qualificação-experiência mostra que trabalhadores sem ensino secundário completo sofrem efeitos mais negativos do que os demais. O estudo também apresenta efeitos heterogêneos usando uma abordagem estrutural para identificar efeitos diretos e indiretos da imigração sobre cada grupo de experiência em educação. Estima-se que um aumento de 10% na força de trabalho causada pela imigração (aproximadamente a mudança entre 1980 e 2000) tenha reduzido a taxa salarial média em 3,2%, mas em 8,9% para os que não completaram o ensino médio, 2,6% para os que concluíram o ensino médio e 4,9% para graduados em ensino superior (BORJAS, 2003).

Ottaviano e Peri (2012) descartam a suposição de perfeita substituíbilidade entre nativos e imigrantes que sustenta o modelo de Borjas (2003). Alternativamente, os autores usam um modelo estrutural com funções aninhadas para estimar a elasticidade da substituição entre os dois grupos aplicando dados nacionais a funções de produção hipotéticas. Os autores entendem que pessoas de idade e escolaridade semelhantes ainda possuem habilidades diferentes, geralmente executam tarefas totalmente diferentes e trabalham em empregos diferentes. Ainda assim, os autores aplicam a abordagem dos grupos de experiência para permitir a comparação de estimativas com os trabalhos influentes nesta tradição. O modelo indica que há um grau baixo, mas significativo, de substituíbilidade imperfeita entre trabalhadores imigrantes e nativos com experiência e níveis educacionais semelhantes. Os autores também usam uma função de produção CES aninhada para distinguir entre os efeitos diretos e indiretos da imigração sobre cada grupo de trabalhadores e estimar o impacto da imigração a longo prazo. O resultado sugere que o aumento da imigração para os EUA entre 1990 e 2006 teve um efeito positivo na taxa salarial média, em contraste com os resultados anteriores de Borjas (2003). As estimativas para o efeito salarial da imigração para os trabalhadores menos qualificados – aqueles que não completaram o ensino médio – variam de -2,1% e + 1,7%, dependendo da especificação do modelo (OTTAVIANO; PERI, 2012).

A variação dos resultados na literatura se explica não só pela diferença de métodos e fontes de dados, mas também pela seleção dos períodos analisados, especialmente dentro da lógica neoclássica. Borjas (2003) explica que diferentes ondas de imigração para os Estados Unidos podem ter tido diferentes impactos sobre os salários dos nativos porque as coortes de imigrantes variaram em termos do mix de qualificação e distribuição etária. No mesmo sentido, Peri (2014, p. 4) argumenta que os efeitos adversos para os salários de nativos menos qualificados são limitados ao período dos anos 1990, quando a imigração era particularmente intensiva em mão-de-obra pouco qualificada.

Mais além dos pressupostos teóricos sobre o funcionamento do mercado de trabalho, existem alguns problemas com a abordagem do grupo de experiência. O próprio reconhecimento da substituíbilidade imperfeita entre trabalhadores imigrantes e nativos de características semelhantes (CONSTANT, 2014; OTTAVIANO; PERI, 2012; PERI; SPARBER, 2009) revela a limitação dessa abordagem para explicar os padrões salariais e de emprego dos trabalhadores nascidos nos EUA em resposta à imigração. Em primeiro lugar, é razoável supor que empregos em diferentes mercados ocupacionais ou setoriais estejam sujeitos a padrões distintos de fixação de salários que não possam ser tratados com precisão

considerando os registros de escolaridade dos trabalhadores<sup>6</sup>. Há evidências de que trabalhadores estrangeiros realizam tarefas bastante diferentes dos trabalhadores americanos que têm educação semelhante (PERI; SPARBER, 2009) e se concentram em ocupações específicas (BLS, 2019).

Isso nos leva a uma segunda falha na abordagem dos grupos de experiência. Da maneira que é empregada por Ottaviano e Peri (2012), Borjas (2003) e outros, pressupõe que a educação e o tempo da experiência profissional alcançada por imigrantes no exterior são mais ou menos equivalentes aos dos trabalhadores nativos. No entanto, Dustmann, Schönberg e Stuhler (2016) mostram que os imigrantes sofrem um “rebaixamento” de suas qualificações profissionais ao chegar ao novo país, tanto em termos de formação quanto de tempo de experiência. Os imigrantes americanos recebem salários sistematicamente mais baixos do que seria esperado com base na remuneração de trabalhadores nativos com características observáveis de capital humano semelhantes. Os autores argumentam que o viés nas estimativas para os efeitos salariais da imigração usando grupos qualificação-experiência é ambíguo e pode explicar as diferenças entre os resultados de Borjas (2003) e Ottaviano e Peri (2012). Para evitar designar trabalhadores nascidos no exterior em níveis de especialização definidos *a priori*, Dustman, Frattini e Preston (2013) sugerem o uso da distribuição salarial observada como parâmetro para classificar trabalhadores em grupos de habilidades: analisar o impacto de imigrantes sobre nativos nas mesmas faixas salariais.

Orrenius e Zavodny (2007) usam categorias ocupacionais para explorar diferenças na substituíbilidade de trabalhadores nativos frente à concorrência com imigrantes e também encontram resultados heterogêneos. As autoras optam pela análise a nível dos mercados de trabalho locais (por regiões metropolitanas), controlando para a endogeneidade das decisões de localização dos imigrantes em relação às tendências salariais locais. O estudo constata um efeito negativo de imigrantes para o salário dos trabalhadores manuais, mas nenhum efeito significativo para profissionais ou trabalhadores dos serviços. Além disso, esse efeito adverso é detectável para trabalhadores imigrantes que já estavam no território estadunidense, mas não para recém-chegados. Assim, o estudo sugere que a substituíbilidade entre trabalhadores estrangeiros e nativos aumenta conforme avança o processo de assimilação.

Embora os estudos citados acima indiquem a presença de efeitos diferenciais da imigração nos EUA sobre diferentes grupos de trabalhadores, as evidências sobre o assunto

---

<sup>6</sup> Por exemplo, faz mais sentido falar sobre a fixação de salários de operários da indústria automobilística *versus* trabalhadores do comércio do que a fixação de salários de trabalhadores com ensino médio completo como um todo.

ainda são inconclusivas. Se a resposta do mercado de trabalho à imigração é realmente heterogênea, deve-se esperar que um aumento na participação dos imigrantes afete a estrutura dos salários relativos de trabalhadores nativos, elevando a desigualdade salarial entre eles. O único estudo publicado até o momento sobre esse assunto nos Estados Unidos examina os efeitos da participação de imigrantes nos mercados locais sobre a desigualdade residual dos salários entre trabalhadores nascidos nos EUA, controlando para diferenças associadas a gênero, idade, raça/etnia e escolaridade. Os resultados indicam que a imigração não afeta significativamente a desigualdade salarial entre os nativos, embora seja responsável por cerca de 5% do crescimento da desigualdade salarial entre 1980 e 2000, devido à alta divergência dos níveis de renda entre os próprios trabalhadores imigrantes (CARD, 2009).

### 1.1.3 Instituições do mercado de trabalho

Outro tópico que tem recebido alguma atenção, especialmente entre autores europeus, é como as instituições do mercado de trabalho afetam a maneira como a imigração é sentida pelos trabalhadores nativos. A estrutura institucional do mercado de trabalho, que inclui a regulação do salário mínimo, auxílio desemprego, estruturas de negociação coletiva e medidas de proteção ao emprego, pode impedir que ocorram as reduções salariais esperadas em função da imigração (EDO, 2016). No entanto, há autores que argumentam que a rigidez imposta ao mercado de trabalho por esses regulamentos causa um ajuste mais lento do sistema econômico aos fluxos de imigração, resultando em piores resultados para os trabalhadores nativos em termos da taxa e nível de emprego (ANGRIST; KUGLER, 2003; EDO, 2016). O influente artigo de Angrist e Kugler (2003) mostra pequenos efeitos negativos da imigração sobre o emprego em um grupo de países europeus, resultado consistente com a previsão neoclássica para mercados de trabalho rígidos.

Um estudo mais recente com quinze países da Europa Ocidental mostrou que o emprego de nativos teve aumento na complexidade de tarefas e na remuneração em resposta à imigração (D'AMURI; PERI, 2014). Os autores estimaram um aumento de 0,7% no salário mensal devido ao *upgrade* ocupacional associado à maiores fluxos migratórios. Eles também notaram que o ajuste para tarefas mais complexas era mais rápido em países cuja regulamentação do mercado de trabalho é mais fraca (D'AMURI; PERI, 2014). Focando no mercado de trabalho francês, Edo (2016) constata que a imigração se associa a efeitos negativos para os *salários* de

trabalhadores nativos com contratos de trabalho temporários, mas efeitos negativos sobre o *emprego* de nativos com contratos de trabalho de duração indeterminada.

Em comparação com economias desenvolvidas europeias, o mercado de trabalho estadunidense tem um grau de proteção ao trabalho mais baixo (BOSCH; GAUTIÉ, 2011), mas o salário mínimo institucional tem um importante papel na trajetória dos salários, especialmente os salários mais baixos (CARD; KRUEGER, 1997; LEE, 1999). Uma vez que a literatura aponta que as perdas salariais decorrentes do aumento da imigração são maiores entre os trabalhadores menos qualificados, aqueles que estão na parte inferior da distribuição de salários, é importante considerar como o salário mínimo incide neste processo. Dustmann, Frattini e Preston (2007) relatam que no Reino Unido o salário mínimo se tornou cada vez mais importante à medida que a imigração pressionava à baixa os salários na extremidade inferior da distribuição de salários. Para os Estados Unidos, Edo e Rapoport (2018) empregam dois métodos complementares para avaliar o papel do salário mínimo na mediação dos efeitos da imigração na empregabilidade e remuneração dos grupos de experiência entre 2000 e 2013. Os autores encontram um impacto negativo da imigração sobre salários nativos e taxas de emprego, mas estes se tornam nulos ou até positivos à medida que o nível do salário mínimo imposto em cada estado dos EUA aumenta. Seus resultados sugerem que as políticas de salário mínimo protegem os trabalhadores nativos da competição com imigrantes com habilidades semelhantes. O estudo também sugere que um salário mínimo mais alto pode reduzir o número de trabalhadores nativos, especialmente mulheres, que saem da força de trabalho em resposta à competição com imigrantes (EDO; RAPOPORT, 2018).

Em suma, a evidência de efeitos adversos da imigração no salário dos nativos nos Estados Unidos é ambígua. Os resultados variam muito, dependendo do desenho da pesquisa e da seleção da amostra. Dustmann, Schönberg e Stuhler (2016) atribuem essa variabilidade ao fato de que as especificações de modelo tendem a medir parâmetros distintos, enquanto o modelo teórico por trás é o mesmo: algum modelo de equilíbrio parcial com função de produção com retornos constantes à escala. As estimativas de resultados nos mercados de trabalho locais, em geral, não encontraram efeitos negativos significativos, levando a um debate sobre qual nível geográfico reflete com mais precisão os impactos da imigração. Outro avanço na literatura consiste em estimar a perda salarial sofrida por trabalhadores que competem em diferentes mercados de trabalho, caracterizados por alguma medida de habilidade. Enquanto a maioria dos estudos nessa direção mostra que o impacto da imigração não é homogêneo, não há clareza

sobre a direção e o tamanho dos efeitos heterogêneos, nem os mecanismos por trás dessa diferenciação. Autores no *mainstream* destacam a composição de fluxos de imigração em relação à população nativa em termos de escolaridade e experiência profissional. Segundo esse argumento, a divergência nos coeficientes estimados por grupos deve variar no tempo, sendo altamente sensível às características de cada onda migratória.

Trabalhos como os de Angrist e Kugler (2003), Edo e Rapoport (2018), Dustmann, Frattini e Preston (2007) tratam de aspectos que são socialmente determinados e mediam a incorporação de trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho como extensões aos modelos subjacentes de oferta e demanda. Esses modelos, por sua vez, permanecem relativamente rígidos, assumindo uma relação mecânica negativa entre as flutuações na oferta de mão-de-obra e a tendência dos salários. Outra linha destaca diferenças nas estruturas e no contexto da fixação de salários que podem explicar por que algumas categorias parecem estar em maior desvantagem, além das variações quantitativas na oferta de mão-de-obra. Esta perspectiva será explorada na seção 1.3. A próxima seção explora uma perspectiva alternativa sobre o processo de determinação de salários e os possíveis impactos da imigração.

## **1.2 Determinação dos salários por poder de barganha: contribuições institucionalistas e estruturalistas**

Com poucas exceções, a imigração esteve relativamente ausente do debate na heterodoxia econômica. Argumentamos que o debate sobre as implicações da imigração para o mercado de trabalho deve retornar o foco sobre um elemento-chave do processo de fixação de salários: o poder de barganha dos trabalhadores. Diferentemente do processo de ajuste automático nos modelos neoclássicos, os economistas clássicos entendiam que a transmissão de mudanças na população para as variações nos salários é mediada pelo poder relativo dos trabalhadores em relação aos seus empregadores. A evolução da taxa salarial depende não apenas das condições de oferta de trabalho em relação à demanda, mas também dos fatores políticos e institucionais que montam a arena de negociação nos mercados de trabalho (STIRATI, 1994). Essa perspectiva foi desenvolvida no século XX sobretudo pelos economistas do trabalho institucionalistas, que deram destaque para os elementos extramercado que influenciam a determinação dos salários e se distanciaram da abordagem marginalista da economia neoclássica para o mercado de trabalho. Essa corrente defende que o trabalho não pode ser analisado de maneira análoga à de outra mercadoria qualquer. Isso se deve ao fato de

que no mercado de trabalho as *normas*, uma ampla gama de fatores culturais e políticos, prevalecem sobre a mecânica da oferta e da demanda na determinação da taxa de salários (KAUFMAN, 2004; LAVOIE, 2015).

Como Lavoie (2015) salienta, o principal argumento compartilhado pelos economistas pós-Keynesianos e institucionalistas é que o mercado de trabalho, ironicamente, não é realmente um mercado. Nem a oferta nem a demanda de trabalho são funções do salário real, e, por isso, a taxa real de salário não pode atuar como uma variável de equilíbrio do mercado, conforme a perspectiva tradicional (APPELBAUM, 1979). Partindo do pressuposto de coeficientes técnicos fixos no curto prazo, segue-se que quantidade de trabalho demandada pelas firmas depende diretamente da produção que elas esperam vender. O nível de emprego corresponde ao agregado da demanda por trabalho por parte das empresas, que, por sua vez, é determinado pelo nível (esperado) da demanda efetiva. Assim, o desemprego é principalmente um fenômeno liderado pela demanda – e não pode ser eliminado por cortes salariais (APPELBAUM, 1979; LAVOIE, 2015). Adicionando como pressupostos uma estrutura industrial oligopolista e precificação por *mark-up*, o salário real é uma variável *residual* que depende não apenas da trajetória dos salários nominais – negociados entre os trabalhadores e a gerência - mas também do que acontece com os preços das mercadorias<sup>7</sup> (APPELBAUM, 1979).

Quanto à oferta de trabalho, Appelbaum (1979) salienta que o aspecto negativo do trabalho, que é capturado pela noção neoclássica de desutilidade do trabalho, não é o único fator por trás da decisão das pessoas para vender sua força de trabalho. O emprego é uma fonte para a aquisição de habilidades e também dá às pessoas um senso de dignidade. Ainda, e mais importante, o emprego é a única fonte de renda possível para a maioria dos trabalhadores. Poucas pessoas podem se dar ao luxo de trabalhar menos ou deixar a força de trabalho quando há um declínio do salário real. A oferta de trabalho responde às condições gerais do mercado de trabalho, mas não há uma relação direta com a taxa de *salário real* que justifique a existência de uma função positiva como a curva de oferta convencional (APPELBAUM, 1979).

Piore (1979a) acrescenta que alguns trabalhadores no segmento de baixos salários se comportam como *target earners*, ou seja, buscam trabalhar o número de horas suficientes para suprir suas necessidades financeiras à taxa de salário vigente. Consequentemente, poderia

---

<sup>7</sup> Segundo Appelbaum (1979), enquanto as empresas tendem a se ajustar às variações dos custos da mão-de-obra através dos preços, o ajuste às variações da demanda é feito principalmente nas quantidades, uma vez que as empresas geralmente operam com excesso de capacidade. Esse é outro argumento para distinguir o processo de determinação do nível de emprego e a fixação de salários.

haver, de fato, uma curva de oferta *negativamente* inclinada, uma vez que os trabalhadores tenderiam a trabalhar menos quanto maiores fossem os salários reais recebidos, resultando em um mercado instável. Nas palavras de Piore (1979a, p. 198), “as próprias características dos trabalhadores com baixos salários que sugerem que eles se comportam como o *homo economicus* hipotético na teoria convencional, também significam que a curva de oferta não assume a forma de uma ‘mercadoria normal’”<sup>8</sup>. Nesse caso, o salário mínimo desempenha um papel fundamental na estabilização do mercado ao fixar a taxa de salário no mercado de baixos salários.

Os argumentos apresentados acima questionam o poder explicativo do modelo convencional de equilíbrio entre as curvas de oferta e demanda que determinam simultaneamente a taxa real de salário e o nível de emprego. Isso não quer dizer que as mudanças nas quantidades na oferta ou na demanda não desempenhem um papel no processo de determinação salarial<sup>9</sup>, mas que essa influência ocorre através de mecanismos que têm pouco a ver com a produtividade marginal individual dos trabalhadores. Assim como na teoria clássica dos salários, considera-se que a condição do mercado de trabalho que resulta da diferença entre o nível de oferta e demanda de trabalho, o exército industrial de reserva, tem um efeito importante sobre os salários nominais, devido ao seu impacto no *poder de barganha* dos trabalhadores (APPELBAUM, 1979; GLEICHER; STEVANS, 1992). Appelbaum (1979) nos anos 1970 argumentava que o crescimento econômico e a solidariedade do movimento sindical assumiam uma importância cada vez maior na formação salarial, colocando em segundo plano o papel da oferta de trabalho. Atualmente, é necessário reavaliar esta consideração frente à queda na sindicalização da classe trabalhadora nos EUA e a redução dos seus recursos de poder num sentido mais amplo (KRISTAL, 2013; STANSBURY; SUMMERS, 2020).

Embora seja comum tratar o processo de determinação de salário usando uma única taxa de salário, existe na verdade um conjunto quase infinito de salários para cada posto de trabalho, definidos a nível das unidades econômicas – empresas ou mesmo filiais distintas de uma empresa. Seguindo Dunlop (1957), a definição dos múltiplos salários em cada uma dessas unidades está sujeita a fatores internos e externos. Em cada unidade de fixação de salários, o processo decisório interno das empresas é baseado em seus arranjos tecnológicos e

---

<sup>8</sup> Tradução livre do original em inglês: “the very characteristics of low-wage workers which suggest they will behave like the *homo economicus* hypothesized in conventional theory, also imply that the supply curve will not take the form of a ‘normal’ commodity.”

<sup>9</sup> Afinal, como observou Dunlop, “toda teoria salarial é, em certo sentido, uma análise de demanda e oferta. Um salário é um preço, e a estrutura salarial é um subsistema de preços. Preços e sistemas de preços são proveitosamente interpretados em termos de demanda e oferta.” (DUNLOP, 1957, p. 14, tradução nossa).

administrativos. Quando sindicatos ou associações profissionais estão presentes, eles também são fatores internos na determinação de escalas salariais dentro dessa unidade.

Mas esse processo interno é influenciado por outros *fatores externos* à unidade, como a oferta de trabalho e a configuração dos mercados de bens. Uma empresa pode decidir oferecer salários mais altos com o objetivo de atrair trabalhadores quando enfrenta uma escassez de mão-de-obra, por exemplo. As flutuações na oferta de trabalho em relação à demanda são relevantes na definição de decisões internas. As condições competitivas nos mercados de produtos determinam o poder disponível para as firmas na fixação de salários e nas relações interfirmas. Enquanto empresas oligopolistas podem decidir pagar salários acima do mercado para reter mão-de-obra ou com o objetivo de melhorar a eficiência do trabalho, esta decisão não está disponível para as empresas que têm estruturas de custos menos eficientes ou que operam em mercados altamente competitivos via preço.

A regulamentação do mercado de trabalho também pode ser considerada um fator externo relevante, na medida em que pode limitar ou expandir o escopo dos empregadores para fixar salários. Outras fontes de normas legais e sociais também podem exercer influência externa sobre o processo de negociação salarial. Noções costumeiras de remuneração justa (*fair pay*), por exemplo, podem restringir as decisões salariais dos empregadores mesmo quando não há obrigação legal (KAUFMAN, 2010; PIORE, 1979a). A literatura institucionalista também nota como o contexto regulatório e políticas mais amplas afetam o poder de barganha dos empregadores e trabalhadores “pré-mercado”, estabelecendo as condições com que cada um entra no mercado de trabalho – ou seja, a distribuição de recursos disponíveis para ambos os grupos (KAUFMAN, 2010). A própria política migratória pode ser incluída nesse âmbito, na medida em que determina os direitos que regulam o trabalho imigrante, além de influenciar no tamanho e distribuição da força de trabalho.

As taxas salariais distintas e praticamente infinitas no mercado não seguem o mesmo padrão, mas os salários que estão sujeitos a condições semelhantes de negociação tendem a se mover de maneira semelhante. Conforme Dunlop (1957), dentro de cada empresa, existem agrupamentos de postos de trabalho cujos salários se movem em conjunto devido à sua proximidade no processo produtivo, na administração da firma, ou porque prevalece um entendimento tácito de que eles têm características de formação de salários em comum. A nível interfirmas, os *contornos salariais* definem uma certa escala de salários para trabalhadores semelhantes em ocupações semelhantes e em uma determinada região demográfica. Em cada contorno salarial, bem como nos agrupamentos intrafirma, há um número limitado de salários-

chave que orientam o processo de negociação, transmitindo as mudanças nos fatores externos a todo o complexo de taxas salariais. Por causa dessas interligações no processo de negociação salarial, Dunlop (1957) defende que a teoria dos salários deve se concentrar sobre as tendências na *estrutura salarial*, isto é, o complexo de salários-chave formado pelas estruturas salariais interfirmas e escalas intrafirma.

Na abordagem institucionalista, os salários desempenham uma função fundamental além de sinalizar a alocação de trabalho: a definição das relações sociais (LAVOIE, 2015). Piore (1979b, p. 6) exemplifica:

[taxas salariais] definem relações entre trabalho e gerência, entre um grupo de trabalhadores e outro, entre várias entidades institucionais [...] e, por último, o lugar dos indivíduos em relação uns aos outros na comunidade de trabalho, na vizinhança, e na família.<sup>10</sup>

Conseqüentemente, as relações hierárquicas definidas pelos contornos salariais são relativamente rígidas. Piore (1979b) argumenta que a menos que haja uma transformação das relações sociais subjacentes entre classes de trabalhadores, a realização de um aumento salarial por um determinado grupo de trabalhadores desencadeará uma reação entre os demais na tentativa de garantir a manutenção dos salários relativos. Nesta perspectiva, uma mudança na estrutura de salários relativos ocorre quando diferentes grupos de trabalhadores têm trajetórias divergentes com relação ao seu poder de barganha.

O modelo das reservas líquidas de emprego de formação dos salários ocupacionais (GLEICHER; STEVANS, 1992) se propõe a explicar como os salários variam em resposta às mudanças quantitativas na força de trabalho sob uma perspectiva pós-Keynesiana. Considera-se que se houver um aumento no número de trabalhadores capazes e dispostos a trabalhar em uma determinada ocupação – chamado reservas brutas de emprego –, mas o número de postos de trabalho disponíveis permanecer o mesmo, as reservas ocupacionais *líquidas* mais altas aumentam a probabilidade de que os empregados sejam substituídos. Gleicher e Stevans (1992) argumentam que é esse risco adicional para o trabalhador que permite ao empregador pagar menos pelo mesmo trabalho. Alternativamente, se o aumento da oferta de trabalho é recebido com um aumento proporcional na demanda, ou seja, no nível de emprego, as reservas

---

<sup>10</sup> Tradução livre do original em inglês: “[wage rates] define relationships between labor and management, between one group of workers and another, among various institutional entities [...], and last, the place of individuals relative to one another in the work community, in the neighborhood, and in the family.”

ocupacionais líquidas se mantêm inalteradas. Por isso, este aumento não alteraria as condições de barganha salarial e não teria implicações no nível salarial dos trabalhadores.

Gleicher e Stevans (1992) incorporam o grau de representação sindical como variável em seu modelo como *proxy* da força da ação coletiva entre os trabalhadores. Os autores esclarecem que, embora individualmente os trabalhadores não tenham controle sobre a demografia que afeta seu poder de barganha elevando as reservas brutas de emprego, a atuação do movimento sindical pode contrabalançar esse efeito. Os autores também incluem no modelo escolaridade e anos de experiência no mercado de trabalho, para captar efeitos de  *sinalização positiva*<sup>11</sup> no nível individual que se transformam em diferenciais salariais. Gênero e raça são incluídos como fatores de sinalização negativa. A discriminação racial e de gênero afeta negativamente o acesso da população negra, mulheres e outras minorias sociais a qualificação profissional e oportunidades de mobilidade vertical no mercado de trabalho.

Vale ressaltar que Gleicher e Stevans não atribuem à produtividade individual do trabalho os diferenciais de salário associados à qualificação (escolaridade e experiência). No nível das ocupações, a relação positiva entre salários e grau de escolaridade e especialização é explicada simplesmente pelo fato de que em ocupações altamente qualificadas, os trabalhadores são relativamente mais raros ou difíceis de substituir, o que fortalece a posição de trabalhadores qualificados na negociação salarial. Este efeito é captado no modelo pela própria variável de reservas ocupacionais líquidas (GLEICHER; STEVANS, 1992).

Uma característica crítica do mercado de trabalho nas economias industriais avançadas enfatizada por economistas marxistas e institucionais na década de 1970 é sua segmentação em dois submercados (DOERINGER; PIORE, 1985; REICH; GORDON; EDWARDS, 1973; RUBERY, 1978). Os autores da tradição dos mercados de trabalho segmentados, ou dualistas, diferem sobre a principal razão por trás da segmentação e como medir esse fenômeno (HUDSON, 2007; PEDACE, 2006). Ainda assim, pode-se resumir a abordagem como a identificação de um **mercado de trabalho primário**, onde os *fatores internos* propostos por Dunlop (1957) são preponderantes e os empregos são bem remunerados, em comparação com um **mercado secundário** onde o emprego é marcado por altas taxas de rotatividade e baixos salários. A hipótese de segmentação fornece uma contribuição interessante para explicar as diferenças no nível salarial e na qualidade do emprego entre trabalhadores, inclusive com as

---

<sup>11</sup> Socialização positiva é a ideia de que pessoas com grau de instrução elevado e com maior experiência no mercado de trabalho demonstram estar em conformidade com normas e expectativas sociais quanto ao seu comportamento (PIORE, 1979b).

*mesmas ocupações e graus de qualificação.* A abordagem dualista também contribui especificamente para o debate em torno da imigração e seus efeitos no mercado de trabalho.

No chamado mercado primário, as empresas oligopolistas organizam mercados internos; salários e condições de trabalho são o resultado de normas estabelecidas entre as empresas e seus funcionários para garantir uma força de trabalho estável. A estabilidade era considerada um requisito tecnológico imposto às empresas modernas, pois há postos de trabalho cuja produtividade depende da continuidade do vínculo empregatício (APPELBAUM, 1979). Deve-se acrescentar que os sindicatos foram essenciais no processo de segmentação, não apenas por sua influência direta na negociação dos salários e das condições do local de trabalho, mas principalmente por atuarem como guardiões desses mercados internos, regulando a oferta de trabalho (MEDEIROS, 1992; RUBERY, 1978). Uma vez dentro destes mercados internos, os trabalhadores ficam relativamente protegidos contra a competição e flutuações do mercado, recebem salários e benefícios relativamente altos, têm acesso a planos de carreira, e os contornos salariais são estáveis (DOERINGER; PIORE, 1985).

Por outro lado, no **mercado secundário**, os trabalhadores competem por empregos mal remunerados e altamente instáveis, com poucas perspectivas de ascensão no mercado primário. Uma porção de empregos neste segmento consiste em tarefas braçais e subalternas, como o trabalho doméstico. Outra porção executa tarefas semelhantes àquelas realizadas no mercado segmento primário, com a diferença de que os postos de trabalho no mercado secundário são responsáveis por absorver a volatilidade do sistema econômico. Quando há um pico no ciclo econômico, as empresas terceirizam trabalho no mercado secundário para atender sua demanda adicional. Durante os períodos de contração econômica, as condições flexíveis no mercado secundário permitem que os empregadores dispensem facilmente a força de trabalho em excesso. Devido às características dos postos de trabalho, o desemprego é concentrado no mercado secundário (PIORE, 1979b).

Piore (1979c) argumentou que nas economias avançadas a maior parte do trabalho imigrante não especializado se dirige ao mercado de trabalho secundário, de baixos salários. Assim, os trabalhadores imigrantes preenchem vagas que são funcionais para o funcionamento do sistema econômico, mas são repelidas pela força de trabalho nativa seja por causa do status degradante das tarefas ou pelas condições ruins associadas ao posto de trabalho.

Os teóricos dos mercados segmentados de trabalho consideram que, em comparação com o mercado primário, as empresas do mercado secundário têm pouco poder de mercado<sup>12</sup>. Os atores institucionais da formação salarial, como as organizações de trabalhadores e de empregadores, são praticamente ausentes ou muito mais fracos. Essa ausência de atores normativos torna a determinação dos salários no mercado secundário muito mais sujeita às convencionais forças de oferta e demanda. Além disso, a oferta de mão-de-obra no mercado secundário pode ser completamente elástica. Por um lado, a discriminação social para grupos demográficos específicos, como as mulheres e os trabalhadores negros, combinados com o fenômeno da “inflação de credenciais”, dificulta que a maioria dos trabalhadores obtenha empregos no mercado primário, ficando restritos a este mercado secundário. Por outro lado, o recrutamento de trabalhadores imigrantes é mais um recurso disponível para os empregadores atraírem mão-de-obra sem recorrer a aumentos salariais (PIORE, 1979c).

A oferta de trabalho quase infinitamente elástica neste segmento, juntamente com a fraca organização entre os trabalhadores, o baixo custo do controle do local de trabalho e a predominância de empresas tomadoras de preços, resultam numa tendência a salários baixos e estagnados (PIORE, 1979a). Nos anos 1970, Piore (1979a) observou dois padrões diferentes na remuneração do setor secundário nos Estados Unidos. Uma parte desses empregos tinha vínculos institucionais com outras posições no mercado primário, e sua remuneração parecia seguir a tendência da taxa salarial na base do mercado primário - composta basicamente por operários empregados em grandes empresas. Outra parcela não tinha conexão com os empregos primários e recebia uma taxa de salário estagnada, que seguia a evolução do salário mínimo.

### 1.3 Interpretando os efeitos do trabalho imigrante no mercado de trabalho

A primeira conclusão que deriva do marco analítico apresentado na seção acima é que os desenvolvimentos no lado da demanda do mercado de trabalho são tão significativos para interpretar os efeitos da imigração quanto a própria expansão da oferta. Recordando o modelo de reservas líquidas de Gleicher e Stevans (1992), podemos expor brevemente a questão da seguinte forma: a imigração aumenta as reservas *brutas* de emprego disponíveis nos mercados de trabalho<sup>13</sup>, mas o resultado final em termos de reservas *líquidas* de emprego – isto é, a

---

<sup>12</sup> Hoje em dia, a distinção entre tipos de empresa em cada segmento é menos relevante, pois as grandes empresas também atuam também no segmento secundário, reduzindo consideravelmente os postos considerados “primários” (PÉTIT, 2007).

<sup>13</sup> Supondo que o número de trabalhadores nativos em cada mercado de trabalho permanece relativamente estável apesar dos fluxos de imigração.

quantidade de trabalhadores disponíveis em relação às vagas no mercado – depende do que está acontecendo com a demanda de trabalho. As reservas ocupacionais líquidas podem permanecer as mesmas, aumentar ou até diminuir após a entrada de trabalhadores imigrantes no mercado de trabalho local, dependendo da tendência na oferta de postos de trabalho nesse mercado.

A demanda de trabalho em cada mercado ocupacional é dada pelo nível da demanda agregada e os coeficientes técnicos, que juntos determinam a quantidade de trabalho em cada ocupação necessária ao sistema econômico. Caso o resultado líquido entre variações na oferta (imigração) e demanda seja o aumento das reservas líquidas de emprego – ou, como aproximação, uma maior taxa de desemprego –, empregados atuais e potenciais terão menos poder para negociar o seu nível salarial. Assim, o resultado *combinado* de oferta e demanda impacta o poder de barganha em cada segmento ocupacional, colocando pressão negativa sobre os salários nas ocupações que enfrentam um elevado afluxo de trabalhadores migrantes e nível de emprego estagnado – ou talvez uma participação estável de trabalhadores imigrantes, mas queda na demanda.

Também vale notar as consequências do princípio da demanda efetiva no efeito da imigração no nível agregado de emprego. Como as reduções salariais são consideradas ineficazes para aumentar a demanda por trabalho, o potencial efeito adverso da imigração sobre os salários não é “compensado” com um nível mais alto de emprego, como sugerem economistas otimistas do *mainstream* – por exemplo, Constant (2014). Se o nível de demanda efetiva permanecer inalterado, a entrada de trabalhadores migrantes deve levar a uma maior taxa de desemprego. Pivetti e Barba (2016) observam que, em uma perspectiva de crescimento liderada pela demanda, o cenário é pior: uma vez que taxas mais baixas de consumo causadas por salários mais baixos desestimulam o investimento gerador de capacidade, o efeito negativo para a renda do trabalho poderia ser permanente.

Saindo do nível agregado de emprego, a segmentação do mercado de trabalho discute o efeito da imigração para os diferentes tipos de emprego. Tradicionalmente, os empregos no segmento secundário nos Estados Unidos eram ocupados por trabalhadores negros ou grupos cuja participação na força de trabalho é marginal, como mulheres e jovens (PIORE, 1979b). Piore (1979d) observou que o trabalho imigrante não qualificado nas cidades americanas se dirigia a suprir as vagas nesse mercado secundário em um contexto em que os trabalhadores nativos aspiravam a melhores oportunidades. Reich, Gordon e Edwards (1973) mencionam como a presença de imigrantes foi utilizada por capitalistas no início do século XX para dividir os trabalhadores e enfraquecer a luta de classes estimulando conflitos entre grupos étnicos. O

emprego da mão-de-obra estrangeira cumpre, portanto, a função de manter a segmentação do mercado de trabalho funcional ao sistema econômico, seja diretamente ao empregar os imigrantes nas ocupações enfrentando escassez de mão-de-obra, seja mitigando a organização dos trabalhadores nativos em prol de melhores condições de trabalho.

A esse respeito, Portes e Rumbaut (2014) notam que a percepção teórica em torno do que motiva empregadores a contratar trabalhadores imigrantes leva expectativas muito diferentes para a relação entre imigração e a taxa de desemprego. Por um lado, para os economistas marxistas como Reich e Edwards, que se concentram sobre o emprego de imigrantes como um movimento dos capitalistas para impor disciplina aos trabalhadores, taxas de imigração mais altas devem ser seguidas de taxas mais elevadas de desemprego. Já Piore destaca a imigração como um processo viabilizado pela crescente demanda em alguns empregos que os nativos não tinham interesse em ocupar. Deste modo, altas taxas de imigração são acompanhadas de *baixas* taxas de desemprego.

Piore (1979d) argumenta que a sociedade industrial gera empregos tão degradantes que os trabalhadores nativos só aceitam ocupar em situações críticas, e recorrentemente faz-se necessário ao sistema econômico encontrar pessoas dispostas a preencher essas vagas. Para o autor, os trabalhadores migrantes aceitam empregos de má qualidade porque não pretendem permanecer muito tempo no país e porque sua identidade e status não é afetada pelo trabalho fora da sua comunidade de origem<sup>14</sup>. Esses trabalhos muitas vezes são complementares à própria estrutura produtiva, enquanto outros asseguram um determinado nível de padrão de vida para os grupos privilegiados.

É a partir dessa caracterização que se discute os impactos da imigração sobre os trabalhadores nativos. Em primeiro lugar, entende-se que os trabalhadores no setor primário, majoritariamente brancos, estão insulados da competição com estrangeiros, como foi efetivamente observado por Stevans (1996). São as minorias já empregadas em relações de trabalho precarizadas que estão sujeitas aos efeitos adversos da presença de trabalhadores migrantes (PIORE, 1979c; PORTES; RUMBAUT, 2014). Em segundo lugar, entende-se que há uma endogeneidade do processo migratório com relação à demanda por trabalho, tornando implausível a condição de *ceteris paribus* utilizada nos modelos tradicionais. Em outras

---

<sup>14</sup> Essa perspectiva estava baseada na observação do padrão de migração temporária que era predominante à época. Em um texto posterior, o próprio autor considera como as mudanças na política migratória estadunidense a partir dos anos 1980 alteraram esse padrão e, conseqüentemente, aproximaram a relação das comunidades imigrantes com o trabalho dos valores da comunidade nativa. Ver Piore (1986). Sobre as transformações no perfil da força de trabalho imigrante nos Estados Unidos ao longo do tempo, ver Portes e Rumbaut (2014).

palavras, o influxo de migrantes responde, pelo menos em parte, à evolução no nível e na estrutura ocupacional da demanda<sup>15</sup>.

A hipótese da segmentação do mercado de trabalho também fornece uma explicação para as questões levantadas na literatura sobre o “rebaixamento” da qualificação da força de trabalho imigrante, usando os termos de Dustmann, Schönberg e Stuhler (2016). Essa ideia vai além de obstáculos culturais mencionados por Constant (2014), como habilidades de linguagem, por exemplo, sem os quais os trabalhadores imigrantes seriam contratados em postos de trabalho em conformidade com as suas competências adquiridas no país de origem. De acordo com a abordagem de mercados de trabalho segmentados, em geral, os imigrantes são contratados e até recrutados para um conjunto específico de postos de trabalho que são tradicionalmente “empregos ruins”: inseguros e mal remunerados. Nesse sentido, as características de escolaridade da população imigrante em relação à população nativa importam menos do que as oportunidades de trabalho abertas aos novos imigrantes.

Os aspectos sociais envolvidos na incorporação dessa população no mercado de trabalho influenciam como a expansão da força de trabalho afeta os trabalhadores nativos. Só há sentido em pensar na existência de efeitos adversos da imigração para trabalhadores nativos se a possibilidade de substituição por trabalhadores estrangeiros for crível. No entanto, como discutido anteriormente, alguns postos de trabalho – aqueles no mercado de trabalho primário – são relativamente protegidos contra novos entrantes, de forma implícita ou por medidas explícitas que controlam a entrada (posições reguladas por sindicatos, ocupações licenciadas, etc.). Além disso, parte dos salários-chave do mercado de trabalho está sob forte influência de organizações internas (empresas e sindicatos). Para que a imigração afete a remuneração nessas posições, deve ter efeito desestabilizante sobre as instituições normativas que as regulam. Já no mercado secundário, a maioria dos trabalhadores menos qualificados compete por empregos de baixos salários e têm poucos recursos para negociação coletiva. Nesse mercado secundário “externo”, onde os postos de trabalho estão disponíveis aos trabalhadores imigrantes, os nativos podem ser particularmente vulneráveis a perdas salariais. Por isso, a extensão relativa desses dois segmentos do mercado de trabalho determina a base da força de trabalho nativa sujeita a perdas salariais frente ao aumento da imigração.

---

<sup>15</sup> Pode-se citar como exemplo o efeito da Grande Depressão, que interrompeu décadas de alta imigração aos EUA, uma vez que não havia estímulos para os migrantes juntarem-se à massa de desempregados no país, conforme relatam Portes e Rumbaut (2014). Mais tarde, o crescimento da demanda na agricultura motivou a criação do programa de migração temporária Bracero, firmado entre os governos dos EUA e do México para suprir as fazendas americanas com mão-de-obra mexicana.

Em teoria, pressões negativas sobre os salários causadas pelo aumento de trabalhadores disponíveis poderiam ser compensadas por um movimento trabalhista mais forte (APPELBAUM, 1979; GLEICHER; STEVANS, 1992). Esse argumento perde força se a contratação de trabalhadores estrangeiros for uma estratégia empregada precisamente para enfraquecer as articulações existentes por trabalhadores nativos e reforçar a disciplina dos trabalhadores, seja pela ameaça de desemprego ou por demissões, como postulam Pivetti e Barba (2016) e Reich, Gordon e Edwards (1973). Além disso, como mencionado na última seção, a regulamentação do mercado de trabalho pode impactar no processo de determinação de salários, reforçando ou enfraquecendo a posição relativa dos trabalhadores com respeito a seus empregadores. A política de imigração em si pode ser considerada uma instituição reguladora do mercado de trabalho, uma vez que influencia a expansão da oferta de trabalho (KAUFMAN, 2010). Já salário mínimo institucional tem um papel determinante para limitar o tamanho do mercado secundário, ou de baixos salários (BOSCH; GAUTIÉ, 2011; PIORE, 1979c). O salário mínimo também media o quanto os salários podem cair em resposta à erosão do poder de barganha que pode decorrer da imigração, bem como de outros processos no mercado de trabalho.

Dois artigos que buscaram estimar o impacto da imigração sobre salários nativos fazem referência à segmentação do mercado de trabalho e ao poder de barganha como categoria de análise. Stevans (1996) combina a lógica das reservas líquidas de emprego com o conceito de *crowding-in* ocupacional. Se os imigrantes são excluídos de determinadas ocupações e acabam se concentrando em outras, então os trabalhadores nativos nessas mesmas ocupações são mais suscetíveis à substituição e observam uma diminuição no seu poder de negociação, com reflexos negativos em seus salários. Stevans (1996) testou o efeito da maior presença de imigrantes em certas ocupações no salário dos trabalhadores estadunidenses, usando dados da pesquisa *US National Longitudinal Youth Survey* de 1990.

O estudo apontou a existência de efeitos salariais significativos, mas a direção dos efeitos variou de acordo com a cor/etnia, lugar de nascimento e escolaridade dos trabalhadores. Os coeficientes encontrados foram positivos para os salários de brancos e estrangeiros qualificados já estabelecidos nos EUA, mas negativos para imigrantes negros em qualquer nível de qualificação e todos os grupos de nativos não qualificados. Esses resultados reforçam a hipótese de segmentação do mercado de trabalho. Para o autor, há evidências de um mercado de trabalho primário para os nativos, no qual trabalhadores qualificados são protegidos de

quaisquer efeitos adversos da imigração. Haveria também outra segmentação entre os próprios trabalhadores imigrantes com base nas características étnico-raciais (STEVANS, 1996).

Pedace (2006) também aborda o impacto da imigração sobre os salários de nativos em mercados de trabalho segmentados, com base nos dados do censo dos EUA de 1990. O autor divide a amostra em um segmento primário e um segmento secundário do mercado de trabalho usando as categorias ocupacionais de Boston (1990). O estudo regride os salários dos trabalhadores nativos, agrupados por gênero, cor e etnia, contra a participação relativa de imigrantes recentes em cada segmento do mercado de trabalho por áreas metropolitanas. Uma medida da mobilidade da força de trabalho é incluída no modelo para controlar o possível viés na estimativa causada pela migração interna que pode ocorrer simultaneamente aos fluxos de imigração internacional em cada mercado de trabalho local.

Pedace (2006) encontrou que, no segmento primário, os trabalhadores apresentaram efeitos positivos e significativos de uma participação maior de imigrantes na força de trabalho, exceto por um efeito positivo, mas não significativo, para os homens hispânicos. No segmento secundário, no entanto, os resultados foram diversos. Um aumento na parcela de imigrantes de um ponto percentual resultou em aumentos de 0,8 e 1,1% nos salários semanais de homens e mulheres brancos, respectivamente, mas resultou em uma diminuição de 0,8% na remuneração de mulheres hispânicas. Os resultados para homens hispânicos e mulheres negras e homens não foram estatisticamente significativos ao controlar pela mobilidade da força de trabalho.

Segundo Pedace (2006), o fato de os trabalhadores do setor primário parecerem ter um impacto mais positivo da imigração pode ser explicado pela disponibilidade de trilhas para progressão na carreira. Enquanto essa mobilidade permite que os trabalhadores do segmento primário se movam em direção a posições mais bem remuneradas, essas oportunidades raramente estão disponíveis para os trabalhadores do segmento secundário. O impacto negativo sofrido por mulheres hispânicas empregadas no mercado secundário sugere que elas enfrentam maior concorrência com imigrantes recentes, possivelmente porque tendem a trabalhar nas posições mais baixas da hierarquia de empregos, que também são as posições que imigrantes recentes conseguem acessar com mais facilidade (PEDACE, 2006).

Dada a heterogeneidade nos padrões de fixação de salários, propomos abordar o impacto da imigração na estrutura salarial, e não em uma única taxa média salarial. As categorias ocupacionais compartilham contornos salariais e definem, mais ou menos precisamente, o pool de mão-de-obra em que os empregadores buscam trabalhadores para posições específicas. No que diz respeito às particularidades do trabalho imigrante, também é mais razoável usar a

ocupação do que variáveis relativas à qualificação individual para dividir a força de trabalho, uma vez que trabalhadores imigrantes especializados podem não ter acesso a postos de trabalho mais qualificados devido à segmentação e discriminação do mercado.

Em resumo, a imigração pode impactar os salários dos trabalhadores nativos por meio de seu poder de barganha. A configuração do mercado de trabalho, incluindo a mobilidade profissional de diferentes grupos de trabalhadores, afeta a que mercado ocupacional os trabalhadores imigrantes podem aspirar. Assim, os graus de segmentação do mercado de trabalho e como esta influi na contratação de estrangeiros explicam *como* a imigração aumenta as reservas brutas de emprego em *cada* mercado local. Supondo uma demanda constante de trabalho, um aumento na oferta de trabalho (as reservas ocupacionais brutas) em um determinado mercado causado pela imigração, significa reservas líquidas mais altas, possivelmente aumentando o desemprego na categoria ocupacional. Isso significa que os empregadores têm mais facilidade para encontrar novos funcionários, enquanto trabalhadores estão mais propensos a serem substituídos e têm mais dificuldade em conseguir um emprego. Consequentemente, reduz-se o poder de negociação dos trabalhadores e há uma tendência de queda nos salários nominais.

No entanto, outros elementos entram na equação. Primeiro, deve-se considerar o lado da demanda: o número de empregos disponíveis, determinado pelo nível da demanda agregada, e os requisitos técnicos do sistema econômico para cada ocupação. Se os trabalhadores imigrantes entram em mercados de trabalho aquecidos, não há razão para esperar uma diminuição nos salários dos trabalhadores previamente estabelecidos<sup>16</sup>. Segundo, instituições do mercado de trabalho, como políticas de proteção ao emprego ou movimento coletivo de trabalhadores, podem interferir nesse relacionamento alavancando o poder de barganha dos trabalhadores e também devem ser consideradas na interpretação dos efeitos salariais da imigração. O efeito da imigração nos salários ocupacionais é sensível ao estado do movimento trabalhista e como ele responde à presença de trabalhadores estrangeiros. Numa perspectiva de barganha da fixação de salários, isso deve ser levado em consideração. Uma restrição final é dada pelo salário mínimo legal. Este tem um efeito direto no impacto salário de imigração, estabelecendo um limite inferior para salários de nativos e de migrantes. Além disso, pode haver

---

<sup>16</sup> Há, no entanto, a possibilidade de que a alta imigração nesse contexto possa aliviar as pressões para aumento salarial para os empregados atuais, reduzindo o crescimento dos salários com respeito ao que poderia ocorrer na ausência de fluxos de imigração. Este ponto é levantado por Pivetti e Barba (2016), que argumentam que sem a imigração pouco qualificada, o crescimento dos salários reais na Alemanha e outros países europeus poderia ter sido muito maior do que os valores observados durante o pós-guerra.

efeitos positivos indiretos adicionais para salários acima do nível mínimo por meio dos contornos salariais ou por um possível efeito de propulsão da demanda.

Os próximos capítulos se voltam ao mercado de trabalho dos Estados Unidos da América desde meados dos anos 1990, analisando o emprego da força de trabalho imigrante dentro desse marco, com foco no trabalho não qualificado. O Capítulo 2 descreve em quais mercados ocupacionais os imigrantes se concentram, buscando entender o que esse influxo pode significar em termos de acirramento da competição entre trabalhadores em diferentes estratos. O Capítulo 3 dedica-se aos elementos extramercado supracitados: o processo de segmentação do mercado, o papel do movimento sindical e de outras iniciativas coletivas, e o salário mínimo institucional.

## 2 IMIGRAÇÃO E O MERCADO DE TRABALHO ESTADUNIDENSE (1994-2019): DISTRIBUIÇÃO OCUPACIONAL E BAIXOS SALÁRIOS

Este capítulo dedica-se a analisar as características gerais da força de trabalho imigrante nos Estados Unidos nas últimas décadas, o que isso representa para a expansão da oferta de trabalho local e como se relaciona com a evolução da demanda por trabalho no período. Nas últimas três décadas, os Estados Unidos da América têm sido um dos principais destinos de migrantes internacionais em números absolutos (IOM, 2020). Hoje, a cada seis pessoas trabalhando nos EUA, uma nasceu em outro país. Segundo uma estimativa a partir da *Current Population Survey* (CPS), de cerca de 36 milhões de empregos criados desde 1994 (variação líquida), 16 milhões destinam-se a trabalhadores nascidos no exterior. Neste capítulo discutimos o que esse influxo significa para a estrutura salarial, tendo em vista a concentração em mercados ocupacionais. Dentro do marco analítico da economia política clássica, considera-se que o excedente de oferta no mercado de trabalho pode ter efeitos negativos sobre os salários nativos por seu impacto sobre o poder de barganha dos trabalhadores. Portanto, nos interessa saber em que mercados de trabalho a imigração provoca acréscimos mais significativos. Além disso, é importante tratar esse efeito de expansão da oferta à luz da evolução da demanda por trabalho na economia estadunidense.

Os resultados mostram que há uma concentração relativa dos trabalhadores imigrantes em ocupações menos qualificadas. Há indícios de que atualmente homens não qualificados se tornaram mais sujeitos à competição com imigrantes, pelo movimento duplo de expansão do emprego imigrante e compressão da demanda em ocupações rotineiras na manufatura, transportes e em menor grau na construção. Na primeira parte do capítulo, são apresentadas tendências gerais do mercado estadunidense para nativos e imigrantes, classificados em seis grandes categorias ocupacionais. A segunda seção analisa o grau de exposição de grupos de trabalhadores nativos à competição com imigrantes no mercado de trabalho conforme as distribuições relativas do emprego nos setores econômicos. Por fim, a última seção retoma as principais conclusões do capítulo.

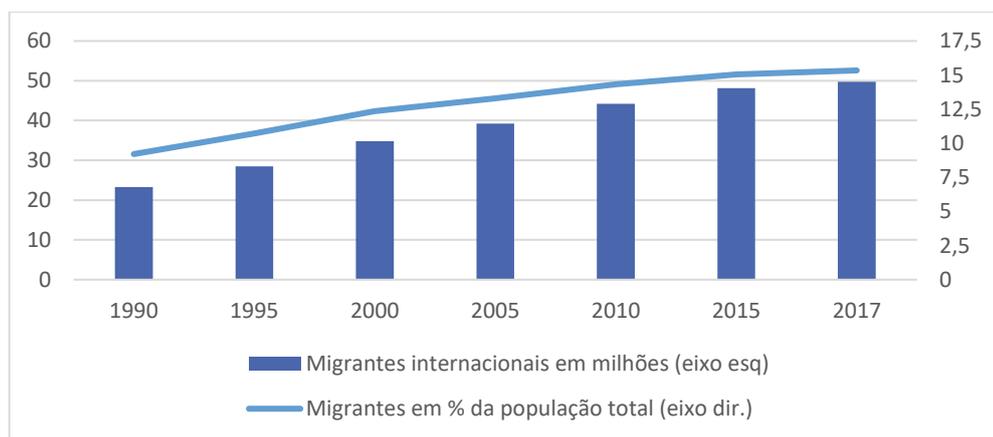
A análise na seção 2.1 se baseia amplamente nos dados do *Annual Social and Economic Supplement* da *Current Social Population Survey*, realizada pelo Bureau of Labor Statistics (BLS). Desde 1994, a CPS inclui variáveis que permitem a obtenção das estatísticas do mercado de trabalho de acordo com o local de nascimento e o status de cidadania dos indivíduos. Seguindo a definição do BLS para “*foreign-born workers*”, este estudo considera trabalhadores

imigrantes<sup>17</sup> aqueles nascidos no exterior de pais estrangeiros (sem direito à cidadania americana no momento de nascimento). Essa categoria inclui todos os estrangeiros que residem nos EUA à época da aplicação da pesquisa, inclusive migrantes em situação migratória irregular (indocumentados), refugiados e requerentes de asilo, estudantes internacionais e outros tipos de imigrantes temporários. Porém, não é possível distinguir entre os diferentes tipos na amostra. A seção 2.2 utiliza dados do censo estadunidense de 2000 e da *American Community Survey* (ACS) de 2010 e 2018, ambos realizados pelo *United States Census Bureau*. Tanto os dados da CPS quanto os dados do censo e da ACS foram extraídos junto ao *Integrated Public Use Microdata Series – IPUMS* (FLOOD et al., 2019; RUGGLES et al. 2020).

## 2.1 Tendências nos mercados ocupacionais: imigração, demanda e salários

O gráfico abaixo mostra a evolução da população imigrante nos Estados Unidos desde 1990. Conforme ilustra a Figura 1, a participação relativa de imigrantes na população americana vem crescendo nas últimas décadas. Esse crescimento foi maior durante os anos 1990 e desacelerou sobretudo após a crise financeira de 2007. Ainda assim, nota-se uma tendência ascendente na porcentagem de imigrantes na população e na força de trabalho.

Figura 1: Estoque internacional de migrantes nos Estados Unidos, 1990 a 2017



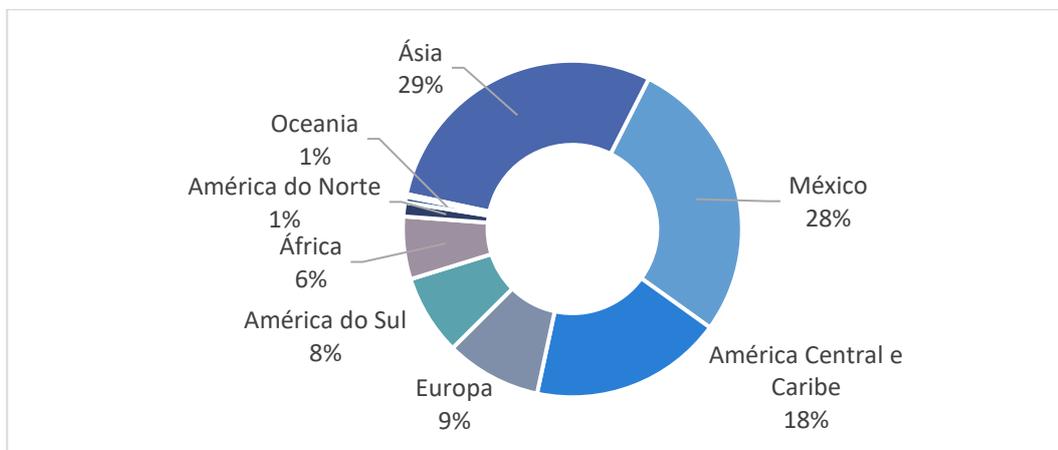
Fonte: Elaboração própria com dados de UN DESA (2019).

Diferentes motivações levam pessoas a deixarem seus lugares de origem em direção aos Estados Unidos. Uma delas é a busca por melhores oportunidades econômicas. Portanto, é

<sup>17</sup> No decorrer deste capítulo e do próximo, as denotações trabalhador “imigrante”, “estrangeiro” e “nascido no exterior” são utilizadas de forma indistinta. Em contraste, são considerados “nativos” os trabalhadores nascidos nos EUA ou de pais estadunidenses.

natural que imigrantes apresentem taxas de participação na força de trabalho superior aos nativos. Os trabalhadores imigrantes nos Estados Unidos são bastante diversos; dentre as diferentes maneiras de dividi-los, estão o modo de entrada no país, o nível de especialização profissional, a região de origem (PORTES; RUMBAUT, 2014). As duas principais regiões de origem dos trabalhadores migrantes nos Estados Unidos são a América Latina, com destaque para o México, e a Ásia, especialmente Índia e China. O gráfico na Figura 2 mostra a origem da força de trabalho imigrante nos Estados Unidos em 2019.

Figura 2: Força de trabalho imigrante por região de origem, 2019

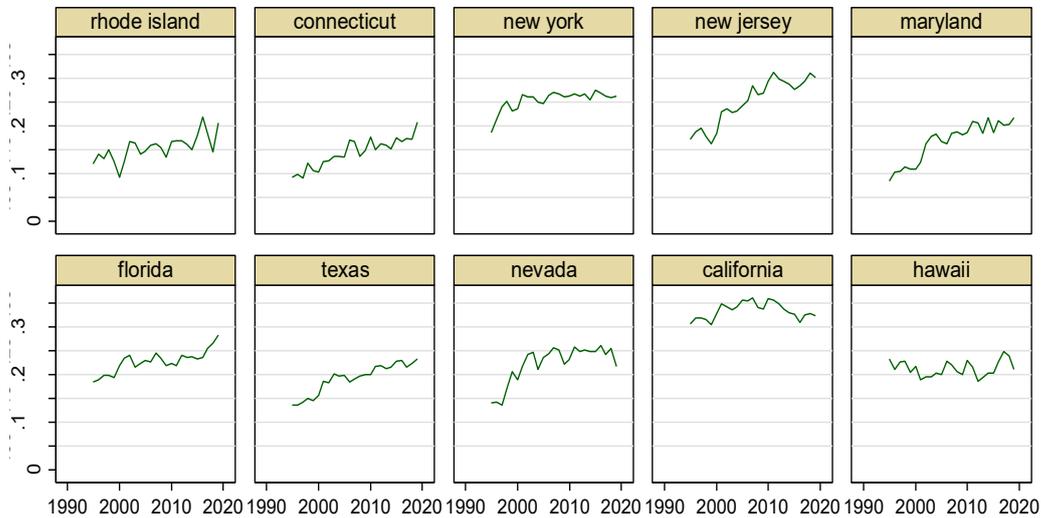


Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

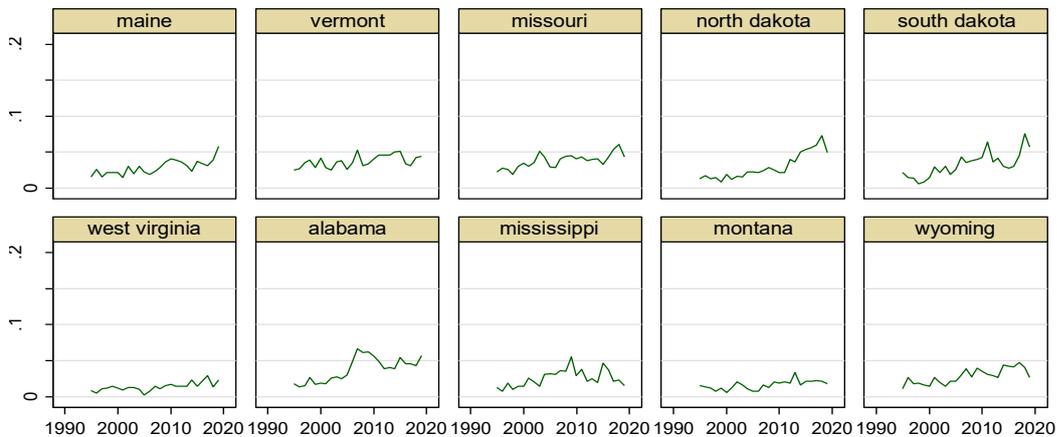
A população imigrante nos EUA tende a se concentrar em centros urbanos e em alguns estados que são destinos tradicionais de migração (PORTES; RUMBAUT, 2014). Califórnia, Nova York, Texas, Flórida e Nova Jersey são os principais estados que concentram a população de imigrantes. Contudo, nos anos 1990 houve uma dispersão geográfica dos imigrantes, que atenuou essa concentração geográfica (CAPPS; FIX; PASSEL, 2002). Os gráficos na Figura 3 mostram a evolução da proporção de imigrantes na força de trabalho por estado, para os 10 estados com os maiores valores em 2019 e os 10 estados com os menores valores no mesmo ano. A maioria dos estados americanos observaram um aumento na parcela de imigrantes, inclusive naqueles onde a população imigrante ainda é pouco expressiva em termos relativos. Ainda assim, nos estados com menor proporção de imigrantes, esta permanece abaixo dos 5%. Nota-se uma estabilização da proporção de imigrantes nos estados principais receptores de imigrantes, em torno de 30% na Califórnia, 25% em Nova York e 20% no Havai.

Figura 3: proporção de imigrantes na força de trabalho, estados selecionados

A) Primeiros 10



B) Últimos 10



Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

Outra característica da força de trabalho imigrante nos EUA é a preponderância de trabalhadores pouco qualificados em comparação com a população americana. Conforme mostra a Tabela 1, mais de um quarto da população adulta nascida no exterior não possui um diploma de ensino médio ou equivalente, comparado a menos de 10% entre os adultos nascidos nos EUA. Contudo, vale notar que tem crescido o volume de imigrantes altamente especializados que ingressam no país desde os anos 1990. Para o período 2010-2019, em média 30% dos adultos imigrantes nos EUA possuem diploma de terceiro grau ou superior, a mesma proporção entre nativos. Conforme notam Portes e Rumbaut (2014), o perfil de especialização

de imigrantes está relacionado à política migratória estadunidense: enquanto profissionais especializados entram nos EUA a partir das preferências ocupacionais para concessão de vistos, trabalhadores não especializados entram de maneira irregular ou por meio das preferências de visto para familiares de cidadãos e residentes do país.

Tabela 1: Escolaridade da população adulta (18+ anos) por origem, 2010-2019

	Nativos	Imigrantes	Total
Menos que ensino médio completo	9,4	26,7	12,2
Ensino médio completo	30,2	25,7	29,5
Ensino superior incompleto	20,5	11,5	19
Ensino Técnico	10	6,2	9,3
Ensino superior completo	19,5	18,1	19,3
Mestrado completo	7,7	8,2	7,8
Diploma profissional	1,3	1,4	1,3
Doutorado completo	1,4	2,2	1,5
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	<b>100</b>

Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

Uma vez que educação e formação profissional são determinantes dos tipos de emprego a que trabalhadores podem aspirar, não surpreende que a distribuição ocupacional dos trabalhadores imigrantes seja concentrada nas posições de menor qualificação e menores salários. Os trabalhadores sem ensino médio completo, tanto nativos quanto estrangeiros, trabalham principalmente na construção, serviços de limpeza e zeladoria, linhas de produção e serviços de alimentação. A Tabela 2 mostra a distribuição ocupacional da força de trabalho ao longo de todo o período em que há dados disponíveis. São distinguidas seis amplas categorias ocupacionais seguindo o agrupamento do BLS (2010), excluindo as ocupações militares. A mesma tabela a um nível maior de desagregação se encontra no Apêndice A.

Tabela 2: Perfil ocupacional da força de trabalho civil por origem, 1994-2019

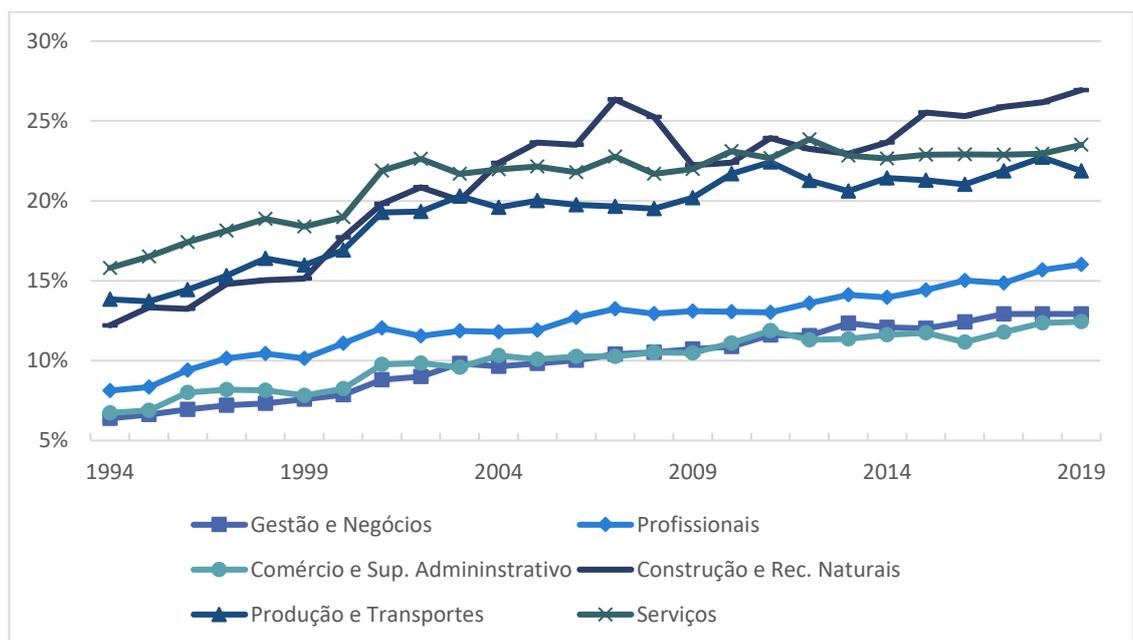
Grupos ocupacionais	Distribuição		Participação relativa			Salário anual médio (2019)
	Imigrantes	Nativos	Imigrantes	Nativos	Total	
Gestão e Negócios	11,0%	16,3%	10,4%	89,6%	100,0%	\$ 90 719
Especialidades Profissionais	18,0%	21,8%	12,5%	87,5%	100,0%	\$ 70 889
Comércio e Suporte Administrativo	17,1%	25,6%	10,3%	89,7%	100,0%	\$ 43 242
Construção, Recursos Naturais e Manutenção	13,4%	8,8%	20,7%	79,3%	100,0%	\$ 41 001
Produção e Transportes	17,3%	12,6%	19,1%	80,9%	100,0%	\$ 48 273
Ocupações de Serviços	23,2%	14,9%	21,2%	78,8%	100,0%	\$ 29 082
<b>Todas as ocupações civis</b>	<b>100,0%</b>	<b>100,0%</b>	<b>14,7%</b>	<b>85,3%</b>	<b>100,0%</b>	<b>\$ 55 078</b>

Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

A tabela acima mostra que os trabalhadores nascidos no exterior estão super-representados na base da hierarquia do mercado de trabalho, particularmente em serviços de baixa qualificação e baixos salários. A categoria ampla de ocupações de serviços, que emprega quase um quarto dos trabalhadores imigrantes, abrange atividades como apoio à saúde, serviços de alimentação e hotelaria, serviços de limpeza e zeladoria e cuidados pessoais. Ao mesmo tempo, cerca de um terço dos trabalhadores imigrantes estão empregados em ocupações altamente especializadas, particularmente gerentes, operadores comerciais e financeiros, médicos e dentistas e cientistas da computação.

Ao longo do período estudado, a participação de imigrantes aumentou em todas as seis categorias, como se vê no gráfico da Figura 4. No entanto, nota-se que os trabalhadores estrangeiros são particularmente relevantes em ocupações agrupadas em produção e transportes, construção e recursos naturais e serviços de baixa qualificação. Mais de um quinto dos trabalhadores ocupados nessas três categorias é imigrante. Nos serviços não especializados e na produção e transportes, o crescimento da participação de imigrantes foi mais intenso nos anos 1990 até meados dos anos 2000. Essa disparidade na distribuição ocupacional de trabalhadores imigrantes gera preocupações a respeito dos impactos da imigração para a empregabilidade e remuneração dos nativos nessas ocupações menos qualificadas, já que eles estariam competindo pelos mesmos postos de trabalho. A esse respeito, a seção 2.2 apresenta um estudo da competição entre imigrantes e nativos não qualificados a nível setorial.

Figura 4: Proporção de imigrantes por categoria ocupacional, 1994-2019

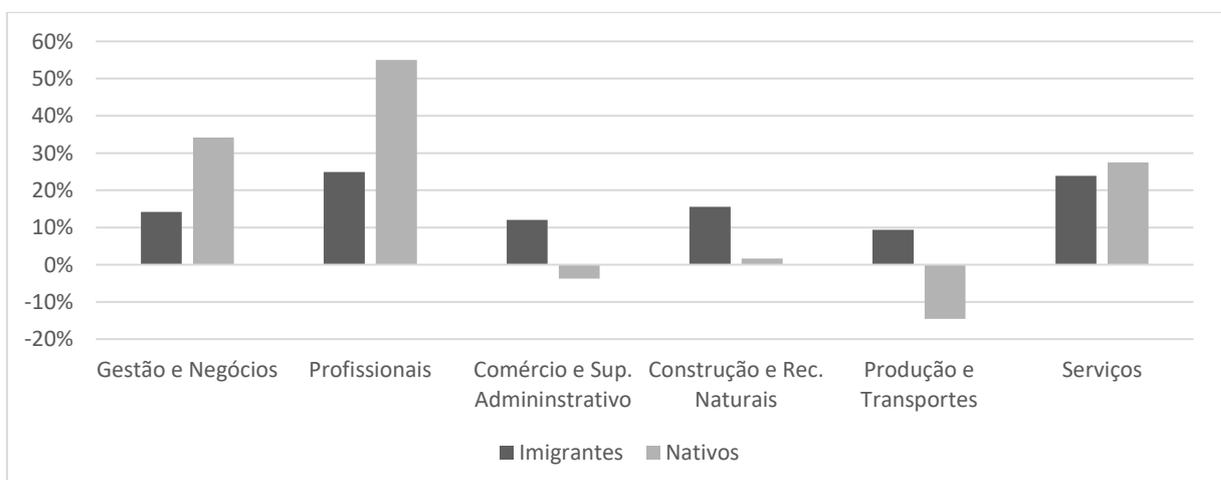


Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

De acordo com Portes e Rumbaut (2014), o fluxo contínuo de trabalhadores sem documentos para os EUA demonstra uma intensa compatibilidade entre as aspirações destes trabalhadores e as necessidades dos empregadores americanos. Além disso, os autores notam que o perfil educacional dos fluxos recentes de imigração se sobrepõe à forma de ampulheta da estrutura atual no mercado de trabalho americano (PORTES; RUMBAUT, 2014). Desde a década de 1980, as oportunidades de emprego cresceram tanto em ocupações de alto salário e alta qualificação como em posições de baixo salário e baixa especialização, enquanto ocupações intermediárias observaram uma queda relativa no emprego e nos salários. Em especial na década de 2000, as ocupações que empregam trabalhadores semiqualiificados e pagam salários mais próximos da mediana nacional observaram uma redução em termos relativos, tanto no nível de emprego quanto no nível salarial (AUTOR, 2010).

Bean, Leach e Lowell (2004) mostram que, apesar dessa coincidência apontada por Portes e Rumbaut, a polarização do emprego nos anos 1990 – definida como um crescimento relativo do emprego nos dois extremos da distribuição salarial – foi um processo que afetou fundamentalmente os trabalhadores nativos. Os dados da CPS desde meados dos anos 1990 no gráfico abaixo mostram a continuidade do resultado de Bean, Leach e Lowell. O emprego imigrante continua a crescer em todas as categorias ocupacionais, diferentemente do padrão que se observa para o emprego nativo. Vale notar, porém que o crescimento do emprego imigrante é, de fato, mais acentuado nas ocupações no topo do mercado (profissionais e gestores) e na base (serviços não especializados). Pode-se concluir, assim, que a polarização do emprego é menos acentuada entre os trabalhadores imigrantes quando comparada ao cenário vivido pelos trabalhadores nascidos nos EUA.

Figura 5: Participação relativa do crescimento do emprego na força de trabalho civil, 1994-2019



Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

A Figura 5 mostra que, enquanto o emprego nativo diminuiu em termos absolutos nas categorias do comércio e suporte administrativo e de produção e transportes, estas categorias somam 20% da variação total do emprego de estrangeiros entre 1994 e 2019. À primeira vista, esses dados podem sugerir que está em curso um deslocamento do emprego nativo e substituição por emprego imigrante nessas categorias de pouca especialização e tarefas rotineiras. No entanto, um estudo mostra que nos estados que receberam maiores influxos migratórios entre 1990 e 2000 os trabalhadores nativos não especializados se deslocaram de empregos intensivos em tarefas manuais e rotineiras e se dirigiram a empregos intensivos em habilidades de comunicação (PERI; SPARBER, 2009). Segundo o modelo de Peri e Sparber (2009), essa especialização de tarefas entre trabalhadores nativos e imigrantes não especializados reduziu o impacto salarial da imigração sobre os nativos de -1,2% para -0,3% entre 1990 e 2000.

Não há como determinar se essa mudança na estrutura do emprego nativo, que reflete a mudança mais ampla da reestruturação industrial americana, ocorreria sem a presença de imigrantes. A seção 2.2 tenta avançar essa questão. Outros trabalhos relacionam o aumento no emprego de imigrantes nos EUA com outras transformações na demanda por trabalho nos EUA, como a redução do emprego em função do aumento do comércio internacional e da automação do trabalho. Borjas e Freeman (2019), por exemplo, estimam que a redução de emprego e salários provocada por cada robô adotado na indústria é equivalente ao efeito de 2 a 3 trabalhadores adicionais na força de trabalho, representando um efeito muito mais forte do que o que teria um novo imigrante no mercado de trabalho.

Ottaviano, Peri e Wright (2013) analisam os efeitos do *offshoring* – ou seja, a substituição da produção local pela importação de bens intermediários – e da imigração sobre a empregabilidade e especialização de tarefas dos trabalhadores nativos na indústria entre 2000 e 2007. Em primeiro lugar, não foi encontrada correlação entre a proporção de imigrantes e de trabalhadores nativos, mas ambos os grupos mostraram correlação significativa e negativa com a porcentagem de trabalhadores *offshore*. Os autores sugerem que a competição no mercado de trabalho é mais forte entre trabalhadores em solo estadunidense *versus* trabalhadores em outros países e relativamente fraca entre imigrantes e nativos em indústrias nos EUA.

Os autores explicam a diferenciação entre trabalhadores nativos, imigrantes e *offshore* por meio da dotação relativa de habilidades. No entanto, há motivos para crer que trabalhadores em países em desenvolvimento competem mais com trabalhadores nos EUA, independente do seu lugar de origem, devido ao fato de que os salários dos trabalhadores *offshore* são muito

mais baixos do que os que poderiam ser praticados nos EUA (FREEMAN, 2011; KRUGMAN, 2008; MEDEIROS; TREBAT, 2017), mesmo com a contratação irregular de imigrantes indocumentados. Isto, em si, é uma evidência da prevalência de fatores institucionais específicos ao país e não aos indivíduos na formação dos salários.

### 2.1.1 Salários ocupacionais: tendências para nativos e imigrantes

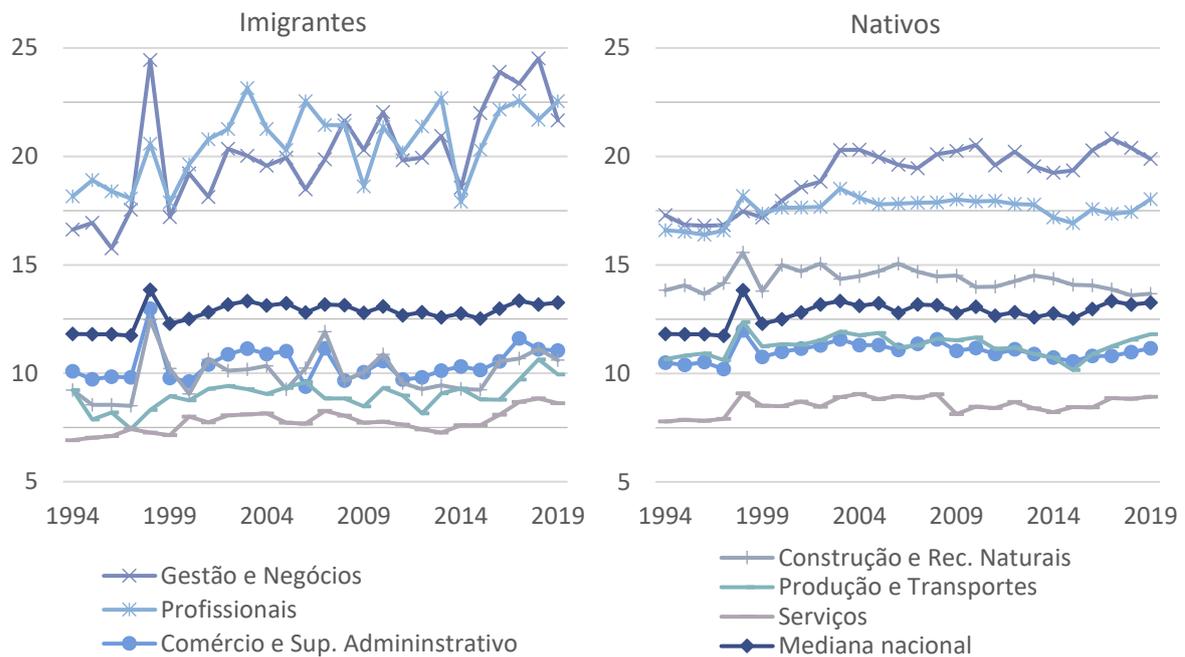
Analisando a evolução dos salários de nativos e imigrantes, percebe-se uma clara divisão entre profissionais especializados e não especializados. A Figura 6 mostra a evolução da mediana dos salários por hora trabalhada para cada categoria ocupacional e a mediana nacional. O salário horário estimado é obtido pela divisão dos rendimentos semanais (variável EARNWEEK no IPUMS) pelo número de horas trabalhadas normalmente em uma semana (UHRSWORKT)<sup>18</sup>. O uso de salários por hora é essencial porque permite separar as diferenças no volume de horas trabalhadas da diferença na remuneração do trabalho de cada indivíduo. Esse problema é particularmente pertinente no setor de baixos salários do mercado de trabalho, marcado por frequências mais altas de empregos de meio período e trabalhadores com um apego marginal à força de trabalho (PIORE, 1979a). Os números foram corrigidos para a inflação utilizando o *Consumer Price Index* (CPI-99) fornecido pelo IPUMS e representam valores em dólares de 1999.

Nota-se que a mediana nacional do salário horário permaneceu praticamente estagnada desde o início dos anos 2000 até 2014. Isso revela que por mais de uma década os trabalhadores na base do mercado de trabalho não tiveram nenhum ganho real de salário. Entre os trabalhadores nativos, as três categorias com salários mais baixos (construção e recursos naturais, produção e transportes e serviços) sofreram uma perda nos salários horários, apenas recuperada nos últimos anos. O gráfico no painel esquerdo, relativo aos salários de imigrantes, reflete a bifurcação no perfil da população imigrante nos Estados Unidos. Os imigrantes em ocupações altamente qualificadas recebem salários mais altos que seus colegas nascidos nos EUA e muito mais altos que os demais trabalhadores estrangeiros.

---

<sup>18</sup> A quebra em 1998 se deve provavelmente a uma mudança no registro das horas trabalhadas pelo BLS entre 1998 e 1999.

Figura 6: Mediana do salário horário estimado (1999 USD), 1994-2019



Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

Comparando os dois grupos de trabalhadores, o que chama atenção nos gráficos acima é a ausência de um meio termo para a remuneração dos trabalhadores imigrantes. As ocupações de “colarinho azul”, como as de construção, produção e transportes, sejam conhecidas por pagar salários próximos à mediana nacional para trabalhadores estadunidenses pouco qualificados. No entanto, os imigrantes empregados nessas categorias não parecem usufruir das mesmas oportunidades. Há uma lacuna significativa entre os ganhos dos americanos e os dos imigrantes que trabalham na construção, transporte e produção. A disparidade persistiu nas últimas décadas, embora os salários nessas ocupações tenham crescido mais rapidamente para os trabalhadores estrangeiros, como se discutirá em seguida. As ocupações de serviços e comércio e apoio administrativo, por outro lado, também apresentam um diferencial de salário entre nativos e nascidos no exterior, mas também oferecem os salários mais baixos entre trabalhadores estadunidenses.

Abaixo, a Tabela 3 mostra os coeficientes estimados por regressões lineares com efeitos fixos para a correlação entre o log do salário por hora e o status de nascido no exterior dos trabalhadores agrupados nas seis categorias ocupacionais amplas usando microdados da CPS. O objetivo é avaliar o quanto os salários de imigrantes desviam da média ocupacional, controlando para explicações alternativas. Todos os modelos incluem *dummies* para o código detalhado da ocupação para comparar os salários de trabalhadores ocupados em tarefas e

posições hierárquicas o mais semelhantes possível. Além disso, em todos os modelos as diferenças nos atributos de capital humano dos indivíduos são controladas pela adição de variáveis fatoriais para seis faixas etárias e oito níveis de escolaridade. Os coeficientes exibidos na tabela indicam a diferença percentual no salário médio por hora dos trabalhadores estrangeiros em comparação com a média nativa. O Apêndice B traz o detalhamento das variáveis utilizadas e mostra os resultados completos dos quatro modelos abaixo e algumas especificações adicionais.

Tabela 3: Coeficiente da regressão do status de imigrante sobre salários horários<sup>19</sup> (log) com efeitos fixos

<b>Especificação</b>	(1)	(2)	(3)	(4)
	Amostra completa	Homens 18-65 anos	Último 5 anos	Controles adicionais
<b>Categoria ocupacional</b>				
Gestão e Negócios	-0,0074	-0,0176	0,0343	-0,0147
Profissionais	-0,0083	-0,0243	0,0346	-0,0137
Comércio e Sup. Admin.	-0,0064	-0,0408***	0,0023	-0,0094*
Construção e Rec. Naturais	-0,0579***	-0,0627***	-0,0511**	-0,0565***
Produção e Transportes	-0,0682***	-0,0789***	-0,0389**	-0,0638***
Serviços	0,0256***	0,0099	0,0385***	0,0145**
<b>Variáveis de controle:</b>				
Membro de sindicato	Não	Não	Não	Sim
Mulher	Não	Não	Não	Sim
Negro(a)	Não	Não	Não	Sim
Ocupação (dummy)	Sim	Sim	Sim	Sim
Escolaridade	Sim	Sim	Sim	Sim
Faixa etária	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>Período</b>	1994-2019	1994-2019	2015-2019	1994-2019
<b>Observações</b>	222.478	100.204	36.611	222.478

Nota: a variável dependente é o logaritmo do salário por hora (*HOURLY WAGE*) corrigido para inflação em valores de 1999. Amostra completa: trabalhadores assalariados cuja remuneração é definida para a hora de trabalho. Todos os dados foram extraídos do IPUMS. Mais informações no Apêndice B.

Significância: \* p-valor<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001.

Os resultados na tabela acima mostram disparidades significativas nas quatro categorias ocupacionais na parte inferior da hierarquia de mercado. Os resultados do modelo base na primeira coluna indicam que ao longo das últimas décadas os imigrantes que trabalham na construção receberam em média salários 5,79% mais baixos que os nativos na mesma ocupação,

<sup>19</sup> Para essa análise, foi utilizada a série de salários/hora conforme reportados pelos trabalhadores que recebem taxas por hora (variável *HOURLY WAGE* no IPUMS). Os trabalhadores que recebem salários por hora compõem cerca de 60% dos assalariados totais e pelo menos três quartos dos trabalhadores nas categorias ocupacionais menos especializadas, conforme o Apêndice B.

grau de escolaridade e faixa etária. O *gap* salarial é um pouco maior para os trabalhadores em produção e transporte e se aproxima dos 7%. Os trabalhadores de serviços observam a relação inversa: o salário médio de imigrantes é 2,56% mais alto que o de nativos segundo o modelo 1.

Os resultados em especificações alternativas apresentam o mesmo padrão, variando na intensidade, mas não na direção. Tomando apenas a força de trabalho masculina entre 18 e 65 anos, a diferença salarial nas ocupações de comércio e suporte administrativo se torna significativa, em 4%, enquanto a vantagem salarial de imigrantes nos serviços perde significância. O modelo 4 inclui alguns controles tradicionais em análises salariais: sindicalização, gênero e cor dos trabalhadores. É interessante notar que a introdução dessas variáveis reduz a desvantagem de imigrantes nas ocupações de colarinho azul, enquanto reduz a sua vantagem nos serviços especializados. Isso sugere que o valor explicativo do status de imigrante para a formação salarial é interage com as categorias de análise mais tradicionais, especialmente a sindicalização, que apresenta os coeficientes mais elevados.

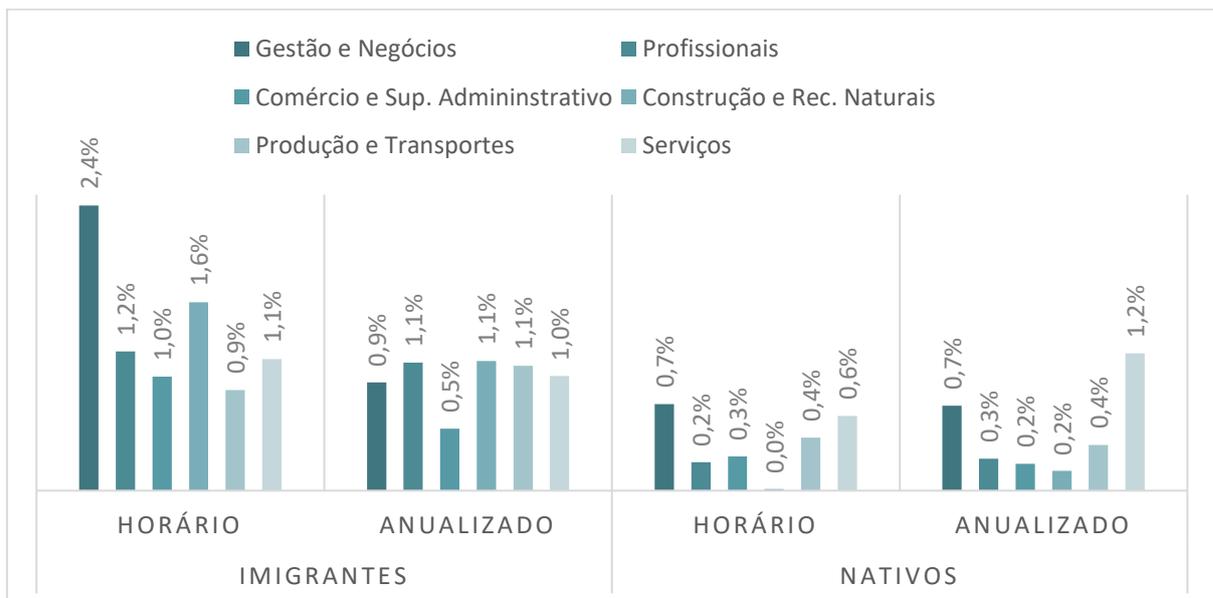
Já o modelo 3, que restringe o período de análise a 2015 a 2019, nota-se que em todas as categorias os coeficientes aumentaram. Enquanto persiste um diferencial de 5% no grupo de construção e recursos naturais, se observa uma redução no diferencial dos trabalhadores da produção e transportes a menos de 4%. Já nos serviços, ampliou-se a vantagem de imigrantes sobre nativos no salário médio. Embora não haja significância estatística, também é interessante notar que as categorias nas três primeiras linhas apresentam coeficientes positivos para o período mais recente. A seguir, será discutida a evolução dos salários que explica essas diferenças.

A disparidade de salários entre os imigrantes é frequentemente explicada por sua distribuição desigual em termos de educação e qualificação (CARD, 2009). No entanto, a persistência de diferenciais salariais entre trabalhadores nascidos nos EUA e nascidos no exterior nos mesmos grupos ocupacionais indica a presença de fatores adicionais operando no processo de determinação dos salários de imigrantes nos EUA. Constant (2014) destaca os componentes do capital humano específicos do país, como habilidades linguísticas e redes profissionais, que tornam imigrantes e trabalhadores nativos substitutos imperfeitos. Ela acrescenta que “com alta ou baixa qualificação, os migrantes raramente substituem diretamente os trabalhadores nativos. Em vez disso, os migrantes geralmente complementam trabalhadores nativos ou aceitam empregos que os nativos não querem ou não podem fazer” (CONSTANT, 2014, p.1). Seguindo a mesma linha, uma possível explicação para a diferença de salários de nativos e imigrantes no mesmo amplo grupo ocupacional poderia ser a especialização do nativo

em tarefas intensivas em comunicação, que geralmente são mais bem remuneradas, conforme documentado por Peri e Sparber (2009). A discriminação cultural, intrínseca no processo de segmentação do mercado de trabalho discutido no próximo capítulo, é outro motivo que explica as diferenças de renda dos imigrantes.

Os gráficos na Figura 6 mostram que os salários de trabalhadores estrangeiros nas categorias que ocupam o topo da hierarquia do mercado de trabalho, relacionadas a atividades de gerência, negócios e especialidades profissionais diversas, cresceram a uma taxa superior à observada pelos colegas estadunidenses, mas também à taxa observada pelos outros imigrantes. A Figura 7 mostra a taxa média de crescimento real anual dos salários reais calculada para as medianas dos salários ocupacionais por hora e por ano.

Figura 7: Crescimento real médio anual do salário mediano, horário e anual, 1995-2018



Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

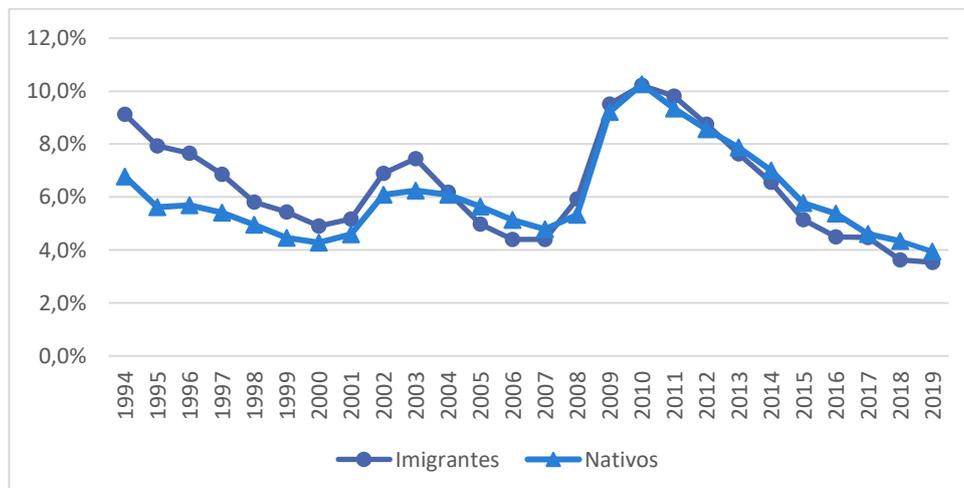
Novamente, percebe-se uma certa polarização do crescimento salarial entre nativos, que é menos evidente entre imigrantes. Além disso, no geral imigrantes observaram uma taxa média superior aos trabalhadores nativos, exceto para a renda anual nas ocupações de serviços. Esse crescimento salarial mais elevado entre imigrantes indica o fechamento do *gap* salarial sofrido por imigrantes, especialmente nos últimos 5 anos. Vale destacar o grupo de trabalhadores da construção, recursos naturais e manutenção: o salário horário de imigrantes cresceu em média 1,6% ao ano ao longo do período de 1995 a 2018 frente ao crescimento virtualmente nulo entre nativos, enquanto a renda salarial anual cresceu em média 1,1% para imigrantes e 0,2% para

nativos. A hipótese de redução salarial provocada pela imigração presume que imigrantes recebem salários inferiores aos níveis aceitos por nativos. Essa hipótese perde força com o resultado de crescimento salarial mais elevado entre imigrantes que entre a população nascida nos EUA, e a conseqüente redução do *gap* salarial entre eles.

A diferença entre o crescimento dos salários anuais e por hora indica diferenças na quantidade de horas trabalhadas. Na categoria de trabalhadores de serviços, a diferença entre a taxa de crescimento real dos salários por hora e por ano é pequena para trabalhadores imigrantes, mas chega à metade para trabalhadores nascidos nos EUA. Isso mostra o crescimento da demanda por trabalho nos serviços de baixos salários, em termos das horas trabalhadas por nativos, acima do crescimento do valor da hora trabalhada. No mesmo sentido, o gráfico sugere que o baixo crescimento na renda anual de trabalhadores nativos da construção e em recursos naturais se deve à expansão de horas trabalhadas, e não à valorização da hora de trabalho. O contrário parece ter ocorrido com imigrantes na mesma categoria.

Com respeito à absorção da mão-de-obra imigrante vis-à-vis a população nativa ao longo do ciclo econômico, também parece haver uma aproximação entre os indicadores de nativos e imigrantes. A Figura 8 mostra a taxa de desemprego para trabalhadores nativos e imigrantes obtida pelos dados anuais da ASEC CPS. Nota-se que nos anos noventa, até meados da década de 2000, a taxa de desemprego observada por imigrantes nos EUA era superior à observada pelos nativos. Na última década, os dois grupos apresentaram índices de desemprego mais próximos.

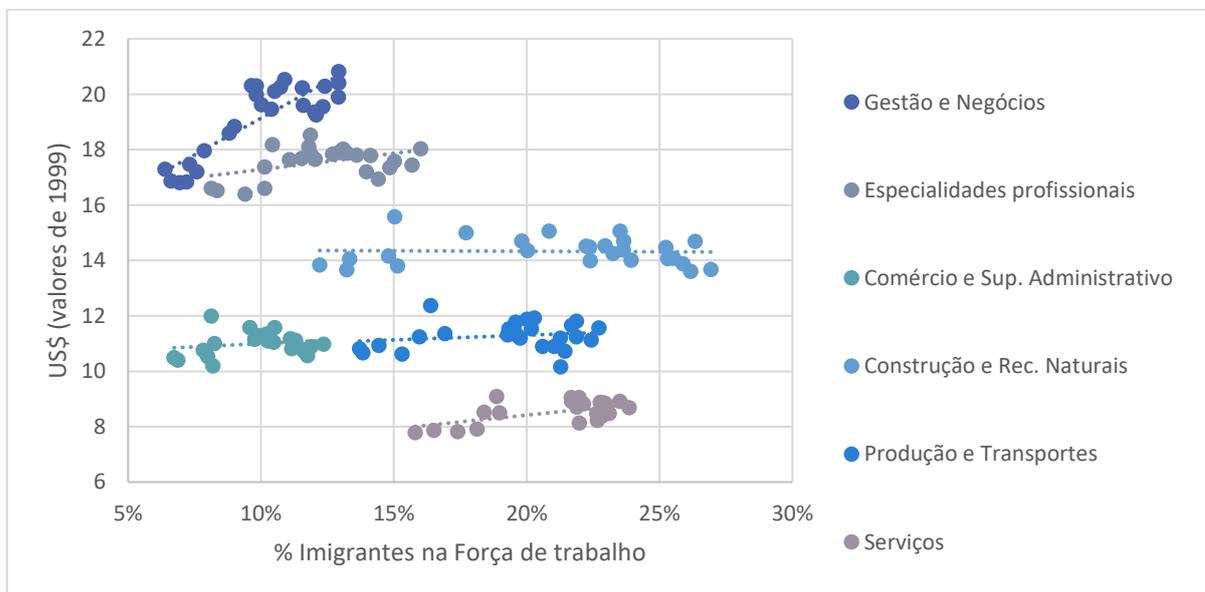
Figura 8: Taxa de desemprego, por origem da força de trabalho



Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

Em suma, apesar da população imigrante nos EUA ser cada vez mais qualificada, a oferta de trabalho imigrante segue sendo mais significativa, em termos proporcionais à população nativa, entre as ocupações menos qualificadas. Com relação aos salários dos nativos, há dois cenários. Os operários da construção, da produção e dos transportes mantêm salários superiores aos colegas imigrantes com qualificação e ocupação semelhante, mas essa diferença tende a se reduzir conforme salários nativos se mantêm relativamente estagnados frente aos imigrantes na mesma categoria e demais salários na estrutura salarial entre nativos. Já os trabalhadores nativos nos serviços não especializados registram salários tão baixos quanto nativos. Esses elementos sugerem a existência de diferentes padrões de fixação de salários em cada mercado ocupacional. A hipótese de segmentação do mercado de trabalho fornece uma ferramenta valiosa para lidar com esse fenômeno. Como a segmentação dos mercados de trabalho deriva da ação de empregadores e trabalhadores organizados, a forma como esses dois atores se envolvem com a força de trabalho estrangeira é fundamental para entender as implicações da imigração no mercado de trabalho pouco qualificado. O próximo capítulo se concentra exatamente nesse assunto.

Figura 9: Salários nativos medianos *versus* participação de imigrantes na força de trabalho



Nota: Os salários médios foram corrigidos para a inflação pelo índice CPI-99 e estão representados no eixo vertical em dólares de 1999.

Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

A Figura 9 mostra a mediana dos salários nativos para as seis categorias ocupacionais analisadas contra a porcentagem de imigrantes na força de trabalho. Com a exceção das ocupações do comércio e apoio administrativo, que têm baixa participação de imigrantes, as

categorias com maior proporção de trabalhadores imigrantes são as que têm os salários mais baixos. Porém, dentro de cada categoria não se vê uma piora conforme aumenta a participação de trabalhadores imigrantes.

É difícil atribuir essa estagnação dos salários nativos nos setores pouco especializados exclusivamente à presença de imigrantes. A disponibilidade da força de trabalho imigrante na produção, construção e transportes por salários mais baixos, associada à queda na demanda por trabalho nesses segmentos com certeza reduzem o poder de barganha dos trabalhadores nativos. Mas não é possível afirmar que, na ausência dos operários imigrantes, o emprego e os salários teriam crescido. Além disso, nota-se que os salários nativos nos serviços cresceram mesmo com as altas parcelas de imigrantes na força de trabalho. Isso sugere que o efeito da reestruturação industrial sobre a demanda por trabalho é mais importante na formação salarial do que a expansão da oferta por parte dos imigrantes.

## **2.2 Distribuição setorial do emprego nativo e imigrante**

Esta seção dedica-se a analisar em que medida os trabalhadores estadunidenses menos qualificados e trabalhadores imigrantes ocupam os mesmos mercados locais de trabalho. O objetivo é aprofundar a discussão sobre a ameaça que a imigração representa para grupos de trabalhadores nativos, considerando que existe certa especialização de nativos e imigrantes em determinadas indústrias e ocupações. A seção anterior mostrou que a ameaça da competição com imigrantes se concentra nos mercados de trabalho menos qualificado, tanto pela participação relativa de imigrantes mais elevada quanto pelo diferencial de salários entre nativos e imigrantes. Esta seção atualiza um estudo publicado no início dos anos 1990, que examinava exatamente este problema.

Altonji e Card (1991) comparam indicadores do censo americano de 1970 e de 1980 a fim de discutir em que medida o aumento nos fluxos migratórios nos anos 1980 havia impactado o mercado de trabalho dos trabalhadores americanos menos especializados. Devido à heterogeneidade do mercado de trabalho estadunidense, os autores argumentam que o impacto da imigração é distinto para diferentes grupos de trabalhadores nativos, considerando o nível de especialização, gênero e raça. Os autores então comparam a distribuição setorial do emprego de nativos pouco qualificados e de imigrantes para entender em que grau estes dois grupos ocupavam os mesmos mercados de trabalho. A análise inclui um índice de competitividade no

mercado de trabalho, que mede o efeito de um influxo migratório sobre a oferta de trabalho observada nos mercados em que cada grupo demográfico está presente.

Os resultados indicavam que a expansão da oferta de trabalho observada por nativos não qualificados era em grande medida proporcional ao influxo de imigrantes. Isto é, a distribuição setorial do emprego de nativos e imigrantes não exacerbava a competição no mercado de trabalho sofrida por grupos específicos de nativos. Dentre os quatro grupos analisados, o grupo de mulheres negras com até 12 anos de escolaridade apresentou o pior índice de competição com imigrantes, enquanto homens negros pareciam ser o grupo menos afetado. Adicionalmente, comparando as parcelas relativas do emprego setorial que cada grupo demográfico detinha em cidades com altas e baixas taxas de imigração, os autores observaram que, nas cidades com maior imigração, os nativos menos qualificados saíram das indústrias mais “intensivas” em mão-de-obra imigrante. Além disso, no geral, a queda do emprego nesses setores foi menor em cidades com mais imigrantes. Os autores sugeriam, portanto, que a presença de imigrantes era um elemento que permitia a sobrevivência de indústrias de baixos salários (ALTONJI; CARD, 1991).

Passados trinta anos da publicação deste estudo, a questão da exposição, maior ou menor, dos nativos pouco qualificados à competição com imigrantes segue relevante. Como indicado nas páginas anteriores, ainda que tenha aumentado significativamente os fluxos de imigrantes altamente especializados, ainda há uma predominância do trabalho imigrante nos mercados de baixa qualificação e baixos salários. Isto não se deve apenas às características observáveis da população que imigra aos EUA, qual seja, escolaridade e experiência profissional. Nas economias desenvolvidas em geral, mas nos Estados Unidos em particular, há uma dinâmica que bloqueia ou dificulta o acesso de imigrantes aos postos de trabalho mais especializados, conforme evidencia o estudo de Dustmann, Schönberg e Stuhler (2016). Esse tema será discutido em detalhe no capítulo seguinte.

Altonji e Card compararam os efeitos da imigração para trabalhadores nativos negros e brancos, homens e mulheres. À época, havia uma preocupação de que, devido ao caráter não qualificado do trabalho imigrante se aproximar do perfil ocupacional da população negra, os nativos menos qualificados negros sofreriam efeitos adversos mais pronunciados do que trabalhadores brancos. Trabalhos mais recentes mostram que o padrão atual da segmentação do mercado de trabalho torna a população hispânica, descendente de gerações anteriores de imigrantes latino-americanos, o grupo étnico-racial mais sujeito à competição com novos imigrantes no mercado de baixos salários (HUDSON, 2007; PEDACE, 2006; WIENER, 2019).

Portanto, o presente estudo inclui dois grupos adicionais: mulheres e homens hispânicos nativos pouco qualificados.

Além disso, discutiu-se na seção anterior como o padrão do emprego vem se alterando em função do processo de reestruturação industrial estadunidense. Cabe avaliar as consequências dessa mudança para a competição no mercado de trabalho de nativos e imigrantes a um nível mais detalhado do que o tratado acima. É de interesse avaliar também o crescimento relativo dos setores que mais empregam imigrantes frente aos demais.

### 2.2.1 Dados

Os dados utilizados na presente seção são do Censo de 2000 e da *American Community Survey* de 2010 e de 2018 (o último ano disponível). Assim como os dados da CPS, os dados utilizados nesta seção foram obtidos junto ao IPUMS. As amostras estão restritas a homens e mulheres adultos, entre 19 e 64 anos de idade, empregados na semana de aplicação da pesquisa. São considerados nativos menos qualificados aqueles com escolaridade de até 12 anos (ensino médio completo). Estes são divididos em seis grupos de trabalhadores nativos na amostra conforme o gênero e a identificação étnico-racial: mulheres e homens brancos não-hispânicos, mulheres e homens negros não-hispânicos, mulheres e homens hispânicos<sup>20</sup>. Para o grupo de imigrantes são considerados todos os imigrantes, homens e mulheres, em todos os níveis de escolaridade.

A tabela abaixo mostra algumas características da população nativa e imigrante nas amostras. Esses dados evidenciam algumas mudanças que afetam o estudo em questão. Em primeiro lugar, vale notar que a proporção de nativos que têm como escolaridade máxima ensino médio completo reduziu-se de 42% em 2000 para 32% na amostra de 2018. Portanto, a definição dos grupos de nativos não qualificados de que trata essa seção representa uma porção cada vez menor da população nativa em geral. Em segundo lugar, observa-se duas alterações relevantes nas amostras de trabalhadores imigrantes. A população imigrante parece ser cada vez mais feminina e mais escolarizada. Supondo que a distribuição setorial do emprego está associada a características de gênero e escolaridade, e uma vez que os indicadores analisados a seguir foram produzidos considerando a amostra de imigrantes integralmente, algumas

---

<sup>20</sup> Seguindo a classificação étnico-racial utilizada pelo BLS (2019), são considerados hispânicos todos os indivíduos que responderam afirmativamente à questão sobre origem hispânica, latina ou espanhola, independentemente da resposta relativa à declaração racial. Brancos e negros são, respectivamente, os indivíduos que responderam “branco” ou “negro/afro-americano” na questão sobre identificação racial e não se identificaram como hispânicos.

mudanças ao longo do tempo podem ser produto de um efeito de composição por essas transformações da população imigrante.

Tabela 4: Características da amostra

	2000	2010	2018
<b>Nativos</b>			
Idade (média)	39.5	41.9	41.5
% Mulheres	48%	50%	49%
% Até 12 anos de escolaridade	42%	34%	32%
Renda anual mediana	29000	38000	43000
<b>Imigrantes</b>			
Idade (média)	38.5	41.9	43.5
% Mulheres	42%	45%	46%
% Até 12 anos de escolaridade	54%	48%	43%
Renda anual mediana	20000	27300	35000

Fonte: Elaboração própria.

Seguindo o trabalho original de Altonji e Card (1991), limitamos a amostra às 120 maiores cidades – na verdade “*metropolitan statistical areas*” (MSAs) – disponíveis nos três anos investigados. Para comparar os resultados em cidades com alta e baixa presença de trabalhadores migrantes, foram criadas duas subamostras. A subamostra de cidades de alta imigração é composta pelas 20 cidades (MSAs) com a maior participação de imigrantes entre trabalhadores. A subamostra de cidades de baixa imigração é composta pelas 40 cidades com as menores porcentagens de imigrantes entre os trabalhadores ocupados. A lista das cidades nas duas subamostras e a respectiva participação relativa de imigrantes encontra-se no Apêndice C. A maioria das cidades na subamostra Alta Imigração localiza-se no estado da Califórnia.

A tabela abaixo mostra a parcela de imigrantes em cada amostra para os três anos estudados.

Tabela 5: Proporção de imigrantes (%) e variação (p.p.) por amostra

	<b>Todas as cidades</b>		<b>Alta imigração</b>		<b>Baixa imigração</b>	
	% Imigrantes	Variação	% Imigrantes	Variação	% Imigrantes	Variação
2000	10,9%		27,4%		3,6%	
2010	14,8%	3,9p.p.	34,2%	6,8p.p.	5,7%	2,1p.p.
2018	15,4%	0,6p.p.	33,8%	-0,4p.p.	6,6%	0,9p.p.

Fonte: Elaboração própria.

A Tabela 5 mostra que o crescimento da participação de imigrantes nas cidades da amostra foi muito maior entre 2000 e 2010 e parece ter se arrefecido desde então. Nas cidades que são tradicionais receptoras de imigrantes, houve uma pequena redução da participação de

imigrantes sobre a população total. Ao longo de todo o período, a porcentagem de trabalhadores migrantes quase dobrou nas cidades com menor índice de imigração. Este é um indício da maior já mencionada dispersão geográfica dos fluxos imigratórios nos EUA nas primeiras décadas do século XXI em comparação às décadas anteriores. Apesar dessa tendência, ainda há uma disparidade considerável quanto à relevância do fenômeno migratório em termos da população total nos dois grupos de cidades.

Para a classificação dos setores de atividade econômica, foi utilizado um nível intermediário de agregação. Para harmonizar as diferenças na classificação industrial utilizada em cada ano, utilizou-se como base a variável harmonizada IND1990 disponibilizada pelo IPUMS, que distingue 236 setores. Restringiu-se as amostras apenas às atividades civis, excluindo trabalhadores empregados nas forças armadas. Os setores restantes foram agrupados em 81 grupos de atividades afins.

### 2.2.2 Resultados

A Tabela 6 na página seguinte mostra os setores com maior e menor proporção de imigrantes na composição do emprego considerando a amostra completa com todas as 120 cidades. As primeiras três colunas mostram porcentagem de pessoas ocupadas no setor que são imigrantes, enquanto as demais colunas indicam a porcentagem de cada subpopulação (colunas) que é empregada no setor (linhas). O painel superior mostra os dez setores com a maior participação de imigrantes no emprego setorial total. Em conjunto, esses setores empregam mais de 10% dos imigrantes na amostra, mas apenas 5% da população em geral. Entre os nativos não qualificados, aqueles que têm maior concentração nas indústrias que empregam imigrantes são homens e mulheres latinos. Esse resultado está de acordo com trabalhos que apontam que as segunda e terceira gerações de imigrantes latino-americanos continuam sendo empregados nos mesmos tipos de trabalho que a primeira geração (HUDSON, 2007; WIENER, 2019). O terceiro grupo mais próximo é o de homens negros. As diferenças na distribuição do emprego entre os sete grupos analisados reforçam a hipótese de segmentação do mercado de trabalho e o papel de fatores sociais na configuração do emprego nos EUA.

Tabela 6: Distribuição do emprego por setores e grupo demográfico, 2018

	Imigrantes no setor			% Emprego Imigrantes	% Emprego de nativos menos qualificados						% no Emprego Total	
	2000	2010	2018		Mulheres brancas	Homens brancos	Mulheres negras	Homens negros	Mulheres hispanicas	Homens hispanicos		
<b>Top 10</b>												
Serviços domésticos	48%	55%	53%	1,3%	0,9%	0,1%	0,6%	0,1%	1,4%	0,2%	0,5%	
Serviços de táxi	52%	61%	51%	1,0%	0,1%	0,4%	0,4%	0,9%	0,2%	0,5%	0,4%	
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	56%	55%	48%	0,4%	0,2%	0,1%	0,2%	0,1%	0,2%	0,1%	0,2%	
Agricultura	47%	50%	43%	1,0%	0,3%	0,7%	0,1%	0,3%	0,7%	1,2%	0,5%	
Lavanderias, tinturarias e toalheiros	42%	50%	42%	0,3%	0,2%	0,1%	0,3%	0,3%	0,4%	0,2%	0,2%	
Serviços para edifícios	34%	43%	41%	1,9%	1,2%	1,1%	1,7%	1,8%	2,2%	1,4%	0,9%	
Atividades paisagísticas e horticultura	38%	43%	37%	1,3%	0,3%	1,7%	0,0%	1,4%	0,2%	2,2%	0,7%	
Alojamento	33%	40%	36%	1,7%	1,0%	0,6%	2,2%	1,1%	2,0%	1,1%	1,0%	
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	26%	31%	33%	1,5%	0,6%	0,8%	0,3%	0,5%	0,5%	0,6%	0,9%	
Estacionamentos e lava-jatos	32%	40%	29%	0,1%	0,1%	0,2%	0,0%	0,4%	0,1%	0,4%	0,1%	
<b>Total: 10 setores</b>	..	..	..	10,6%	4,9%	5,7%	5,8%	6,9%	8,0%	7,9%	5,3%	
<b>Últimos 10</b>												
Atividades de recreação e lazer	14%	16%	15%	1,27%	1,73%	1,71%	1,17%	1,37%	1,72%	1,70%	1,72%	
Indústrias extrativas	9%	13%	15%	0,23%	0,13%	0,74%	0,01%	0,34%	0,08%	0,82%	0,31%	
Educação	10%	12%	14%	7,14%	7,36%	2,56%	7,23%	3,66%	6,65%	2,41%	10,08%	
Atividades de organizações associativas	10%	13%	14%	1,06%	1,40%	0,60%	1,04%	1,03%	0,88%	0,52%	1,54%	
Comércio varejista de plantas e flores	15%	14%	14%	0,10%	0,33%	0,26%	0,04%	0,06%	0,10%	0,12%	0,14%	
Serviços de utilidade pública	9%	12%	13%	0,73%	0,60%	2,51%	0,44%	2,19%	0,55%	1,88%	1,11%	
Outras atividades profissionais, científicas e técnicas	10%	12%	13%	0,39%	0,32%	0,44%	0,25%	0,82%	0,26%	0,46%	0,59%	
Publicidade	11%	12%	13%	0,32%	0,23%	0,17%	0,12%	0,08%	0,17%	0,16%	0,51%	
Comércio varejista de material de construção	9%	11%	11%	0,39%	0,99%	1,53%	0,57%	1,16%	0,67%	1,29%	0,70%	
Administração pública	8%	10%	11%	2,64%	3,53%	3,47%	5,66%	4,38%	3,36%	2,82%	4,79%	
<b>Total: 10 setores</b>	..	..	..	14,28%	16,62%	13,97%	16,53%	15,09%	14,43%	12,18%	21,48%	

Fonte: Elaboração própria.

Nas indústrias com maior percentual de trabalhadores imigrantes, nota-se uma tendência de aumento da parcela de imigrantes na indústria em 2010 e queda em 2018. As exceções são a indústria de maquinário elétrico, que manteve uma trajetória ascendente, e a indústria do vestuário, que reduziu a participação de imigrantes ao longo de todo o período. Acompanhando a tendência geral de aumento da participação estrangeira no mercado de trabalho, as indústrias com baixa participação imigrante tiveram aumento constante, mas baixo no indicador.

O índice de competição no mercado de trabalho definido por Altonji e Card (1991) é construído a partir da distribuição de cada grupo em todos os setores. Os autores definem o aumento proporcional na oferta de trabalho observada por cada grupo demográfico  $N$ :

$$\sum_i S_{Ni} \left( \frac{\Delta E_i}{E_i} \right)$$

onde  $S_{Ni}$  representa a parcela do grupo nativo  $N$  empregada no setor  $i$ ,  $\Delta E_i$  a variação no emprego total no setor  $i$  (influxo de migrantes) e  $E_i$  o nível de emprego total no setor. Ou seja, o aumento que a imigração gera na oferta de trabalho *proporcional a cada grupo demográfico* é o somatório do crescimento do emprego em todos os setores ponderados pela fração que cada setor representa no emprego do grupo nativo  $N$ .

Supondo que novos imigrantes tenham uma distribuição ocupacional idêntica à dos imigrantes já estabelecidos, temos que a variação causada pela imigração

$$\Delta E_i = S_{Ii} \Delta E \quad \text{e} \quad E_i = S_i E$$

$S_{Ii}$  representa a parcela de imigrantes empregada no setor  $i$  e  $S_i$  representa a parcela do setor  $i$  no emprego total da economia. Logo, o aumento proporcional na força de trabalho causado pela imigração  $\Delta E$  pode ser definido como

$$\beta \frac{\Delta E}{E}, \quad \text{sendo} \quad \beta = \sum_i \frac{S_{Ni} S_{Ii}}{S_i}.$$

Se a distribuição do emprego por atividade econômica é uniforme para todos os grupos demográficos, este indicador  $\beta$  deve ser igual a um. Porém, conforme notam Altonji e Card, em mercados heterogêneos, o impacto *observado* por um grupo demográfico no crescimento da força de trabalho pode ser maior (ou menor) do que o crescimento médio efetivamente

produzido pelo influxo de imigrantes, quanto mais semelhantes (ou diferentes) forem as distribuições ocupacionais de ambos. Esse índice  $\beta$  pondera o efeito proporcional de um aumento na oferta conforme a participação de cada grupo nos mercados de trabalho setoriais. Ou seja, avalia o quanto o aumento na imigração representa em termos de acirramento da competição no mercado de trabalho sofrida pelos trabalhadores estadunidenses. Quanto mais a especialização de um grupo nativo no mercado de trabalho se assemelha à especialização da força de trabalho imigrante, maior deve ser o indicador. Os resultados para os seis grupos de trabalhadores pouco qualificados estão na tabela abaixo.

Em primeiro lugar, vale notar que os índices estimados variam em torno de um, assim como encontrado no estudo original em 1991. O valor mínimo encontrado é 0,952 para mulheres negras na amostra de cidades com alta imigração em 2000 e o máximo 1,169 para homens latinos em cidades de baixa imigração em 2010. Em segundo lugar, nas cidades de alta imigração, nota-se uma tendência de pequeno aumento do índice para todos os grupos, exceto para homens hispânicos, que mantiveram índice estável e alto. Nas cidades de baixa imigração e na amostra geral, não existe uma tendência geral clara.

Tabela 7: Índice estimado de competição no mercado de trabalho ( $\beta$ ), nativos não qualificados

	<b>Mulheres brancas</b>	<b>Homens brancos</b>	<b>Mulheres negras</b>	<b>Homens negros</b>	<b>Mulheres latinas</b>	<b>Homens latinos</b>
<b>Todas as cidades</b>						
2000	1,013	1,063	1,031	1,067	1,056	1,125
2010	1,007	1,088	1,029	1,087	1,048	1,123
2018	1,006	1,072	1,013	1,061	1,056	1,107
<b>Alta imigração</b>						
2000	0,970	1,051	0,952	1,019	1,035	1,124
2010	0,976	1,065	0,972	1,031	1,037	1,115
2018	0,981	1,067	0,979	1,040	1,042	1,114
<b>Baixa imigração</b>						
2000	1,043	0,968	1,108	1,047	1,158	1,065
2010	1,029	1,056	1,086	1,104	1,103	1,169
2018	1,007	1,056	1,034	1,057	1,116	1,094

Fonte: Elaboração própria.

O índice na tabela acima confirma que homens hispânicos são os que estão em competição mais direta com novos imigrantes, enquanto mulheres brancas são o grupo menos afetado pelo aumento da imigração. Considerando toda a amostra de 120 cidades americanas,

o aumento de 1 ponto percentual na parcela de imigrantes na cidade representaria 1,11% de acréscimo na oferta no mercado de trabalho de homens latinos, 1,07% para homens brancos e em torno de 1,06% para homens negros e mulheres latinas.

Em termos dos grupos de nativos mais afetados, os resultados divergem do apresentado por Altonji e Card (1991). Em primeiro lugar, a adição da categoria de trabalhadores latinos/hispânicos, separando-os de trabalhadores brancos e negros não-hispânicos, demonstra que de fato há uma proximidade maior entre novos imigrantes e gerações descendentes de imigrantes latinos. A população hispânica nativa é a que apresenta a distribuição do emprego mais próxima de imigrantes. Nas 20 cidades de alta imigração e na amostra completa de 120 cidades, os índices de competição no mercado de trabalho se mantiveram relativamente estáveis para mulheres e homens latinos. Não há qualquer evidência de deslocamento ou especialização relativa de latino/as pouco qualificados que os distancie da competição com novos imigrantes. Em segundo lugar, parece haver uma inversão no padrão conforme o gênero dos trabalhadores. Hoje, homens de todos os grupos étnico-raciais analisados compartilham mais mercados com imigrantes do que as trabalhadoras nativas, apesar do aumento na proporção de mulheres entre a população imigrante nos EUA.

No geral, os índices para cada grupo são mais altos na subamostra de cidades com baixo grau de imigração do que na de alta imigração. Isto é verdade especialmente para mulheres brancas e negras com até 12 anos de escolaridade. Ambos os grupos apresentam um padrão semelhante: leve aumento do índice nas cidades de alta imigração e redução do índice em cidades com baixa imigração, mantendo números muito próximos de um. Isto significa que nas cidades que tradicionalmente recebem influxos maiores de imigrantes, o emprego dessas trabalhadoras se dirige a setores diferentes daqueles que empregam mão-de-obra imigrante, mas ao longo do tempo a diferença entre os dois tipos de cidade se dissipou.

Já entre os homens menos qualificados, o cenário é outro: atualmente, os três grupos são tão ou mais próximos dos trabalhadores imigrantes nas cidades de tradição migratória alta. Há um processo que torna homens brancos e latinos relativamente mais próximos de imigrantes em termos de mercado de trabalho nas cidades de alta imigração do que nas demais. Ambos os grupos de homens brancos e negros não hispânicos nestas cidades observaram aumento nos índices de competição, enquanto homens latinos mantiveram índices altos. Conclui-se que atualmente o padrão do emprego masculino aproxima os trabalhadores nativos não qualificados dos trabalhadores imigrantes nos mercados de trabalho locais, ao contrário do que foi encontrado nos anos 1980. Os principais setores que reúnem homens não qualificados nativos e imigrantes são a produção de alimentos, construção, agricultura (para nativos brancos e

hispanicos), serviços residenciais e de paisagismo, e táxis (nativos negros). Com respeito às mulheres, os principais pontos de convergência com imigrantes no mercado de trabalho são no serviço doméstico, outros serviços residenciais, serviços pessoais e hotelaria.

As mudanças no índice  $\beta$  podem refletir alterações nos seus três componentes: distribuição do emprego de imigrantes, distribuição do emprego total ou distribuição do emprego do grupo nativo em questão. Para entender melhor a trajetória do emprego dos seis grupos nativos analisados aqui, seguimos a análise conforme proposta por Altonji e Card voltando-nos às parcelas relativas do emprego detidas por cada grupo. O objetivo é verificar a possibilidade de haver um deslocamento de grupos nativos de setores em que há forte presença de imigrantes, comparando cidades de alta imigração com cidades com baixa imigração. Para tanto, calcula-se a parcela relativa do grupo nativo no emprego da indústria  $i$ , comparando cidades de alta imigração e baixa imigração, controlada pela diferença na participação do grupo nativo no emprego total nas duas regiões. Esse indicador é obtido conforme a expressão abaixo, em que o indexador A é referente à subamostra de cidades de alta imigração e B à subamostra de baixa imigração:

$$\text{Parcela relativa do emprego} = \frac{(E_{Ni}^A/E_i^A)}{(E_{Ni}^B/E_i^B)} \div \frac{(E_N^A/E^A)}{(E_N^B/E^B)}$$

Números menores que um indicam que o grupo em questão ocupa uma parcela menor do emprego no setor econômico  $i$  nas cidades de alta imigração em comparação às cidades com baixa incidência da imigração. Portanto, esse é um indício da ocorrência de deslocamento do emprego nativo. A Tabela 8 mostra a participação relativa dos seis grupos de nativos selecionados nos principais setores que empregam imigrantes nos EUA nas colunas 4 a 9. A última coluna exibe razão entre o emprego total do setor nas cidades com alta imigração sobre o emprego total do setor nas cidades de baixa imigração.

Já Tabela 9 mostra a evolução da participação relativa dos grupos no emprego ao longo do tempo. As colunas 2 a 7 exibem a razão da participação relativa de cada grupo em 2018 sobre os valores de 2000. Nesse caso, um crescimento relativo igual a 1 indica que não houve mudança ao longo do tempo na relação entre a participação de nativos nas indústrias em cidades de alta e baixa imigração. Números menores que um indicam a participação do grupo nativo no mercado do setor  $i$  em cidades com alta imigração relativa a cidades com baixa imigração é menor hoje do que era em 2000. A oitava coluna apresenta o crescimento do emprego total de cada setor relativo entre as duas subamostras, enquanto a última coluna apresenta o crescimento em forma de razão do emprego total de cada setor na amostra completa.

Tabela 8: Participação relativa no emprego por setor, 2018

	% Emprego imigrantes	% Emprego total	Nativos menos qualificados						Alta vs. Baixa imigração
			Mulheres brancas	Homens brancos	Mulheres negras	Homens negros	Mulheres Hispânicas	Homens hispânicos	
<b>Setores com maior participação de imigrantes</b>									
Serviços domésticos	1,3%	0,5%	0,34	0,43	0,43	0,71	0,56	0,67	2,38
Serviços de táxi	1,0%	0,4%	0,42	0,96	0,44	0,79	0,54	0,71	4,37
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	0,4%	0,2%	0,28	0,51	0,28	0,00	0,26	..	2,00
Agricultura	1,0%	0,5%	0,75	0,30	0,70	0,48	2,4 6	2,86	1,60
Lavanderias, tinturarias e toalheiros	0,3%	0,2%	0,29	0,41	0,11	0,35	0,58	..	1,05
Serviços para edifícios	1,9%	0,9%	0,48	1,00	0,32	0,86	0,57	1,19	1,23
Atividades paisagísticas e horticultura	1,3%	0,7%	1,00	0,72	0,00	0,67	..	0,70	1,11
Alojamento	1,7%	1,0%	0,58	0,93	0,53	0,96	0,42	0,72	1,80
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1,5%	0,9%	0,59	0,55	0,15	0,51	0,53	0,82	1,21
Estacionamentos e lava-jatos	0,1%	0,1%	1,14	0,78	0,99	0,37	0,88	0,62	0,90
<b>Outros principais empregadores de imigrantes</b>									
Hospitais e serviços de saúde	10,9%	11,0%	0,95	1,39	1,02	1,42	1,58	0,92	0,81
Construção	8,2%	6,2%	1,26	1,07	2,61	1,14	1,40	1,18	0,99
Educação	7,1%	10,1%	1,35	1,58	1,01	1,16	1,17	0,73	1,00
Serviços de alimentação e bebidas	6,5%	5,2%	0,81	1,06	0,76	0,75	0,74	0,79	1,02
Atividades imobiliárias e de seguros	3,9%	5,1%	1,26	1,73	1,38	2,08	1,27	1,46	1,07
Serviços de informática e tratamento de dados	3,9%	2,8%	0,83	1,09	1,22	0,65	0,40	1,80	1,91
Administração pública	2,6%	4,8%	1,03	1,08	2,11	1,29	1,18	0,76	1,06
Atividades de serviços financeiros	2,3%	2,4%	0,90	1,91	1,06	1,46	0,70	0,67	0,99
Transporte rodoviário de carga	1,7%	1,6%	1,35	0,89	1,23	1,24	1,84	2,17	0,68
Comércio por atacado, bens não-duráveis	1,6%	1,3%	1,01	0,78	0,84	0,69	2,38	1,13	1,26

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 9: Crescimento relativo do emprego por setor, 2000-2018

	Crescimento relativo do grupo nativo no setor						Crescimento do emprego setorial	
	Mulheres brancas	Homens brancos	Mulheres negras	Homens negros	Mulheres Hispânicas	Homens hispânicos	Alta vs. Baixa imigração	Todas as cidades
<b>Setores com maior participação de imigrantes</b>								
Serviços domésticos	0,90	0,57	1,12	0,81	0,71	--	0,92	1,24
Serviços de táxi	0,83	1,63	0,17	0,84	3,84	2,89	1,05	2,32
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	1,91	3,04	2,05	0,00	0,88	--	0,87	0,45
Agricultura	1,10	1,06	0,58	2,19	6,40	7,85	1,08	1,29
Lavanderias, tinturarias e toalheiros	0,66	0,43	0,31	0,57	0,84	--	1,05	0,64
Serviços para edifícios	0,84	0,89	0,65	1,67	1,05	1,02	1,06	1,34
Atividades paisagísticas e horticultura	1,00	0,99	0,00	1,33	--	0,87	0,91	1,22
Alojamento	0,79	0,72	1,53	1,31	0,93	0,71	1,34	1,04
Fabricação de máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1,00	0,87	0,34	1,03	1,51	1,67	1,07	0,64
Estacionamentos e lava-jatos	2,18	1,17	0,88	0,56	--	2,23	0,88	1,02
<b>Outros principais empregadores de imigrantes</b>								
Hospitais e serviços de saúde	0,95	1,14	0,88	1,05	1,19	0,53	1,12	1,38
Construção	0,95	0,94	1,57	1,19	0,64	1,20	1,23	1,04
Educação	1,12	1,15	0,91	0,84	0,74	0,31	1,18	1,29
Serviços de alimentação e bebidas	1,06	1,08	1,40	1,28	1,09	0,75	1,23	1,36
Atividades imobiliárias e de seguros	1,14	1,24	1,15	1,41	1,19	1,02	0,98	1,11
Serviços de informática e tratamento de dados	0,89	0,73	0,68	0,50	1,00	5,30	1,23	1,89
Administração pública	0,97	0,96	1,04	0,86	1,08	1,30	1,18	1,11
Atividades de serviços financeiros	0,94	1,09	1,06	0,86	0,66	0,23	1,19	1,07
Transporte rodoviário de carga	1,25	0,75	0,85	0,68	0,30	0,80	1,21	1,11
Comércio por atacado, bens não-duráveis	1,15	0,96	1,35	0,89	2,58	1,03	1,22	0,85

Fonte: Elaboração própria.

No primeiro painel da Tabela 8, observa-se que nas 10 indústrias com maior participação de imigrantes, a participação relativa dos grupos de nativos menos qualificados em cidades com alta migração é menor que um. O mesmo se observa para serviços de alimentação e bebidas, no segundo painel. O segundo painel da Tabela 8 mostra outros dez setores que empregam, juntos, quase metade dos trabalhadores estrangeiros nos EUA. Entre esses setores, o quadro é menos claro. Essas atividades também empregam parcelas relevantes de nativos não-qualificados, inclusive nas cidades com alta imigração. Parece haver uma tendência de deslocamento de trabalhadores nativos para fora dos setores em que a participação de imigrantes é mais significativa: serviços do setor de baixos salários (pessoais, hotelaria, alimentação) e algumas indústrias (vestuário e maquinário elétrico).

A principal exceção é o emprego de latinos na agricultura e serviços residenciais, não há sinal de deslocamento para eles nesses dois setores. Além disso, a última coluna da Tabela 8 mostra que os setores em que o trabalho imigrante é mais importante ocupam uma parcela maior do emprego total nas cidades de alta incidência da imigração do que nas demais. Essas duas tendências, o deslocamento de nativos e a maior relevância dos setores “intensivos” em trabalho imigrante nas cidades mais afetadas pela imigração, sugerem que esses setores, predominantemente de baixos salários, parecem se sustentar a partir do emprego de imigrantes e com reduzida participação de nativos não qualificados.

Olhando a tabela seguinte, que analisa a evolução do emprego por setor entre 2000 e 2018, observa-se que a maioria das indústrias destacadas cresceu mais em cidades de alta imigração. Alguns setores que tiveram queda no emprego total, também tiveram uma queda menor nas cidades com alta imigração. Este é o caso do setor de lavanderias, em que todos os grupos de nativos menos qualificados tiveram declínio da participação relativa no emprego. A indústria de maquinário elétrico também observou uma redução menor no nível de emprego nas cidades de alta imigração, com redução da participação dos grupos nativos, mas aumento na participação de mulheres e homens latinos.

É importante notar que a noção de deslocamento do emprego nativo pode dar a impressão de que se trata de uma “expulsão” involuntária dos nativos de empregos que vão sendo ocupados por imigrantes. Dado que os setores com alta participação de imigrantes são maiores e crescem mais nas cidades em que há mais imigrantes, seria possível argumentar a presença imigrante na verdade viabiliza esses setores. Em 1991, Altonji e Card levantaram essa hipótese. Eles alegaram que certos setores industriais de baixos salários sobreviviam devido à disponibilidade de mão-de-obra imigrante, conforme nativos se dirigiam a outros mercados. Alguns resultados acima apontam para a mesma conclusão. No entanto, um dos exemplos

citados pelos autores em 1991, a indústria de vestuário, teve queda mais forte no emprego total nas cidades de alta imigração e de fato houve um aumento da parcela relativa de mulheres e homens brancos e mulheres negras nativas entre os ocupados. Já o fato do trabalho doméstico ser mais que duas vezes maior nas cidades de alta imigração (primeira linha na Tabela 8) dificilmente pode ser explicado sem recorrer à mão-de-obra de mulheres latinas, imigrantes e nativas, presente nessas cidades. A abordagem de mercados segmentados ressalta o papel dos imigrantes em economias avançadas em criar novas posições no mercado ou liberar nativos de ocupações vistas como degradantes pela sociedade local (PIORE, 1979d).

Em suma, a análise dos indicadores propostos em Altonji e Card (1991) sobre os dados da distribuição do trabalho menos qualificado entre 2000 e 2018 sugere algumas conclusões. A primeira é que existe uma divergência na exposição de nativos à presença de trabalhadores imigrantes conforme seu gênero, raça e etnia. Os nascidos nos EUA identificados como latinos estão relativamente mais expostos que estadunidenses brancos e negros não-hispânicos. A segunda conclusão é que onde a imigração é mais forte, os trabalhadores nativos menos qualificados tendem a trabalhar em outros setores que não os principais mercados da mão-de-obra imigrante. Este resultado está de acordo com o encontrado por Peri e Sparber (2009) com respeito a uma certa especialização de tarefas entre nativos e imigrantes menos qualificados nos EUA. Isto atenua a competição entre os dois grupos de trabalhadores e reduz o risco de que a imigração resulte em perdas salariais para nativos. Existe, no entanto, uma aproximação no perfil ocupacional de imigrantes e homens nativos nas cidades de baixa imigração. Essa informação diz muito pouco dada a baixa porcentagem de imigrantes nessa amostra (6,6%). Contudo, pode se tornar relevante se a tendência de dispersão da população imigrante para centros urbanos e rurais fora dos tradicionais “portos de entrada” se mantiver no futuro.

### **2.3 Considerações finais**

Este capítulo buscou mostrar o que a crescente participação de imigrantes no mercado de trabalho estadunidense significa em termos da oferta relativa à demanda por trabalho, dividindo o mercado simplesmente por ocupações ou setores. Combinando as duas análises das seções anteriores, nota-se que existe uma relação entre o processo de reestruturação industrial americana e a exposição dos trabalhadores nativos à competição com trabalhadores estrangeiros no mercado de trabalho. A polarização do emprego observada entre os nativos não foi tão intensa entre imigrantes. Estes tiveram um crescimento relativamente homogêneo em todas as categorias ocupacionais. Consequentemente, imigrantes hoje compõem uma parcela maior da

força de trabalho em ocupações de tarefas manuais e/ou rotineiras, agrupadas na construção, transportes e indústria. Não por acaso o estudo a níveis de subsetores industriais na seção 2.2 mostrou que homens não especializados e imigrantes hoje compartilham mais mercados do que no fim do século passado.

A seção 2.1 mostra que, no geral, imigrantes ocupam parcelas maiores dos mercados de trabalho em setores de baixa qualificação e baixos salários. Portanto, a preocupação a respeito de potenciais efeitos adversos para trabalhadores nativos se concentra sobre os trabalhadores menos qualificados. Por um lado, a compressão do emprego industrial tem direcionado trabalhadores, sobretudo homens, para outras atividades, de baixa ou alta qualificação. Nas ocupações ligadas à produção, aos transportes e à construção, a participação de imigrantes cresceu significativamente nos últimos 25 anos. Isso pode explicar por que os índices de competição no mercado de trabalho na seção 2.2 exibiram aumento entre os homens de todos os grupos étnico-raciais, visto que se tratam de ocupações predominantemente masculinas. Nessas categorias, os salários recebidos por trabalhadores migrantes estão abaixo da média entre nativos, mas têm crescido mais rapidamente.

Por outro lado, os dados sobre a evolução da estrutura ocupacional de trabalhadores nativos e estrangeiros mostram que o crescimento do setor de serviços de baixa qualificação no mercado de trabalho americano expande a parcela de trabalhadores nativos no segmento de baixos salários, tradicionalmente ocupado por imigrantes. Os salários nesse segmento amplo são tão baixos entre nativos quanto entre imigrantes, ainda que tenham tido um crescimento real relativo acima da média. Nesse mercado, do ponto de vista das condições relativas da oferta de trabalho e seu efeito sobre o poder de barganha dos trabalhadores, se a expansão do emprego nativo nos serviços não especializados pode aumentar a sobreposição dos mercados ocupacionais nativo e imigrantes, a própria expansão do setor como um todo na economia é um fator atenuante. Esse atenuante está ausente nos demais setores de baixa ou média qualificação, que têm observado um declínio na estrutura ocupacional estadunidense. Existem, no entanto, outros fatores que moderam essa absorção da oferta de trabalho imigrante pelo sistema econômico e incidem na trajetória dos salários. Este é o objeto do próximo capítulo.

### 3 FATORES EXTRAMERCADO NA RELAÇÃO ENTRE IMIGRAÇÃO E SALÁRIOS NATIVOS

O capítulo anterior mostrou que a competição entre imigrantes e nativos se concentra em alguns mercados e recai sobre alguns grupos demográficos específicos. Seguindo a perspectiva teórica apresentada no Capítulo 1, o presente capítulo se volta para os elementos extramercado, ou seja, elementos que vão além da condição relativa dada entre oferta e demanda por trabalho, que influem na absorção da mão-de-obra imigrante no mercado de trabalho e no processo de barganha salarial para o trabalho não qualificado. Três fatores são analisados: a segmentação do mercado de trabalho – responsável por canalizar a força de trabalho a tipos de emprego muito diferentes –, o movimento organizado dos trabalhadores estadunidenses e sua relação com os trabalhadores migrantes nas primeiras décadas do século XXI e o salário mínimo legal.

Em primeiro lugar, destaca-se a segmentação do mercado de trabalho, que divide a força de trabalho em dois ou mais segmentos com características distintas no processo de determinação salarial. Esse processo também pode ser tratado desde a perspectiva da precarização do trabalho. Como se discute na seção 3.1, a contratação de mão-de-obra imigrante parece ser um componente das estratégias corporativas com esse fim. Em segundo lugar, é necessário avaliar a condição de barganha coletiva dos trabalhadores nos setores mais afetados pela imigração. Há duas questões relevantes: quais os recursos de poder que estão à disposição dos trabalhadores, nativos e imigrantes, para evitar perdas salariais e como o emprego imigrante se relaciona com o movimento sindical. A seção 3.2 discute esses pontos.

A queda na sindicalização e aumento da segmentação do mercado de trabalho são dois processos que ocorrem em paralelo, potencializados pela redução da demanda relativa na indústria. A imigração incide nesse processo como estratégia corporativa de redução da sindicalização e aumento da flexibilidade nas relações trabalhistas. Isso é possível porque os trabalhadores imigrantes são especialmente vulneráveis. Não obstante, existem iniciativas no movimento trabalhista que incluem ou até são liderados por imigrantes. Além da organização coletiva dos trabalhadores nativos e imigrantes, o salário mínimo é outra ferramenta poderosa para alavancar o poder de barganha salarial dos trabalhadores na base da hierarquia do mercado de trabalho. A seção 3.3 se debruça sobre este potencial do salário mínimo na proteção de nativos e imigrantes no mercado de trabalho.

### 3.1 Segmentação e trabalho imigrante no mercado de baixos salários

No Capítulo 1, foi discutido como a imigração incide sobre o mercado de trabalho segmentado. Trata-se de dois mercados: de um lado, identifica-se um segmento primário criado pelas empresas mais modernas com altos salários e segurança no trabalho, onde também atuam sindicatos no controle da oferta de trabalho e provisão de benefícios; de outro, estão os postos de trabalho com alta rotatividade e baixos salários, em que a determinação salarial está muito mais sujeita aos “mecanismos de mercado” da oferta e demanda. Segundo a perspectiva dualista, a imigração de trabalhadores não qualificados se dirige a alimentar este segundo segmento.

Na década de 1970, Piore (1979b) observou o paradoxo entre o efeito esperado do progresso técnico – o direcionamento da demanda por trabalho mais qualificado – e a absorção de fluxos contínuos de trabalhadores migrantes não qualificados. Para o autor, esses trabalhadores, em sua maioria não-documentados, desempenhavam um papel fundamental ao ocuparem vagas em empregos típicos do mercado secundário, que passaram a ser recusados pelos grupos sociais que tradicionalmente os ocupavam: jovens, negros e mulheres. Esses postos de trabalho eram rejeitados pela população nativa porque não ofereciam perspectivas de carreira, apresentavam altas taxas de rotatividade e eram frequentemente considerados humilhantes. A mudança tecnológica não extinguiu a necessidade de tais trabalhos, que seguiam funcionais para o sistema econômico, tanto na manufatura quanto em serviços relacionados, absorvendo a volatilidade da demanda agregada, ou em serviços pessoais, fornecendo às famílias americanas um certo padrão de vida por um custo relativamente baixo (PIORE, 1979c, 1979d).

Desde os anos 1990, as transformações nos mercados de trabalho estadunidense e europeu motivaram a substituição dos conceitos dualistas por noções mais amplas de segmentação do mercado de trabalho (HUDSON, 2007; KÖHLER; GOETZELT; SCHRÖDER, 2006; PÉTIT, 2007). Atualmente, Hudson (2007) considera que os empregos no mercado norte-americano podem ser agrupados em três segmentos, utilizando como critérios de qualidade a existência de (i) salários acima do nível federal de pobreza, (ii) planos de previdência e (iii) planos de saúde. O mercado secundário, para o autor, é definido pelos postos de trabalho que não atendem a nenhum desses critérios, enquanto no mercado primário os empregos atendem a todos os três critérios.

Hudson mostra que a participação relativa do mercado secundário está crescendo às custas do segmento intermediário e do mercado primário, que concentra os empregos seguros

e bem remunerados. Dentro de cada ocupação, a alocação de trabalhadores nos segmentos inferiores do mercado de trabalho é mais determinada pela cidadania estrangeira e contratação em regimes não tradicionais do que pela raça ou gênero do indivíduo. A sindicalização, embora em queda, tem um efeito contrário importante: está positivamente associada à retenção de empregos de boa qualidade (com melhores salários e benefícios). O estudo de Hudson não analisa efeitos diretos da imigração sobre as oportunidades dos trabalhadores nativos, mas nota que trabalhadores em ocupações com alta proporção de latinos entre os ocupados têm uma propensão maior a também terem empregos ruins. O autor conclui que, juntamente com a implementação de arranjos não convencionais de contratação, o emprego de mão-de-obra imigrante é agora uma parte fundamental do processo de segmentação do mercado realizado pelos empregadores norte-americanos (HUDSON, 2007).

A expansão de arranjos de trabalho não convencionais – por exemplo, empregos de meio período, trabalho temporário, contingente ou sazonal – faz parte de uma mudança mais geral nas relações de trabalho. Outros sintomas são a diminuição da duração média do emprego e um aumento na percepção de insegurança no trabalho (KALLEBERG, 2009). Kalleberg (2009) argumenta que, desde meados da década de 1970, para lidar com a pressão do mercado frente ao acirramento da concorrência internacional e um novo paradigma de produção, os empregadores desenvolvem estratégias destinadas a repassar o risco e a volatilidade econômica da empresa para seus funcionários, tendo as demissões como peça central. O declínio da sindicalização e a desregulamentação governamental dos mercados de trabalho e de produtos mediam esse processo, deixando a classe trabalhadora com poucos recursos para resistir aos ataques corporativos (HUDSON, 2007; KALLEBERG, 2009).

Na ausência de controle por parte de sindicatos ou governo, a contratação de trabalhadores estrangeiros e a imposição de contratos de trabalho contingente à demanda funcionam como opções de saída para contornar direitos trabalhistas e para evitar despesas adicionais associadas a relações de trabalho estáveis. A consequência é um aprofundamento das disparidades no mercado de trabalho, não apenas em relação à remuneração, mas também à qualidade do emprego:

A substituição do trabalho assalariado tradicional em jornada integral por arranjos não convencionais e a restrição da mobilidade do trabalhador no mercado de trabalho conforme a sua cidadania são mecanismos importantes para criar e canalizar trabalhadores a empregos ruins. Ao criar mercados de trabalho em dois níveis dentro da mesma firma, setor ou ocupação, esses mecanismos permitem aos empregadores

oferecer a alguns trabalhadores bons salários, benefícios e condições de trabalho, enquanto os negam a outros<sup>21</sup> (HUDSON, 2007, p. 307).

Parrado e Kandel (2011) mostram que há mais semelhanças do que diferenças no destino da migração de nativos e da imigração de estrangeiros nos EUA, o que contraria a hipótese de Borjas (2003) de acirramento da competição no mercado de trabalho e consequente migração interna de estadunidenses em resposta à imigração. As diferenças que existem podem ser explicadas pelas mudanças setoriais na demanda por trabalho, somadas à segmentação do mercado que direciona certos grupos populacionais aos empregos no chamado mercado secundário. Enquanto a localização de latinos imigrantes está positivamente associada ao crescimento do emprego em setores de baixa qualificação, como frigoríficos e serviços não especializados, a migração de nativos responde positivamente à expansão do emprego na administração pública. Entre os nativos, as diferenças do padrão migratório de grupos raciais/étnicos em função da estrutura ocupacional – além do estímulo comum do emprego no setor público – dão maior respaldo à hipótese de segmentação do mercado de trabalho. Enquanto latinos nascidos nos EUA também migram para áreas com expansão do setor de frigoríficos, homens brancos respondem fortemente à expansão do emprego na construção, e a migração de homens negros está associada à demanda por trabalho em serviços de alta qualificação.

Como discutido no capítulo anterior, o emprego de imigrantes mal remunerados pode estar substituindo empregos seguros e relativamente bem pagos em ocupações de “colarinho azul”, com maior intensidade do trabalho manual. A indústria de frigoríficos, por exemplo, tornou-se cada vez mais dependente de um grande contingente de trabalhadores não qualificados, conforme discutem Champlin e Hake (2006). A estratégia adotada pelas empresas do setor incluiu o fechamento de antigas plantas sindicalizadas e a abertura de grandes plantas industriais em regiões rurais, apesar da baixa disponibilidade de mão-de-obra nessas localidades. Para atender à demanda de mão-de-obra, as empresas recrutaram ativamente trabalhadores latinos, especialmente imigrantes mexicanos. Em 2006, estudos estimaram que entre 20% a 50% da força de trabalho nas fábricas americanas de frigoríficos eram trabalhadores

---

<sup>21</sup> Tradução livre do original em inglês: “The substitution of nonstandard work for traditional wage and salary employment in full time jobs and restrictions on worker mobility due their citizenship status serve as important mechanisms for creating and channeling workers into bad jobs. By creating two-tiered labor markets within the same firm, industry, or occupation, these mechanisms enable employers to provide some workers good wages, benefits, and working conditions while denying them to others.”

não autorizados<sup>22</sup> (CHAMPLIN; HAKE, 2006). Segundo os dados da CPS, os trabalhadores estrangeiros somam atualmente cerca de 40% da força de trabalho na indústria de produtos de carne nos Estados Unidos.

A ausência de sindicatos como atores institucionais no mercado enfraquece a posição dos trabalhadores para negociar salários e controlar as condições do local de trabalho no setor que apresenta a maior taxa de acidentes no trabalho. Além disso, embora trabalhadores não-documentados tecnicamente tenham os mesmos direitos trabalhistas que os cidadãos norte-americanos (MILKMAN, 2011), sua posição efetiva de negociação é enfraquecida pela constante ameaça de deportação e pela incapacidade legal de processar empregadores (CHAMPLIN; HAKE, 2006). Assim, ao dificultar o exercício de direitos por parte dos migrantes individuais, mas não reduzir o número de imigrantes indocumentados no território americano, a política migratória restritiva dos EUA fornece à indústria de frigoríficos um crescente número de trabalhadores vulneráveis, dispostos a aceitar empregos mal pagos e inseguros, sem perspectivas de mobilidade ascendente (CHAMPLIN; HAKE, 2006).

Outro fator subjacente ao aumento de imigrantes nas áreas rurais predominantemente brancas nos Estados Unidos é o recrutamento de trabalhadores latinos para trabalharem em canteiros de obras e serviços de utilidade associados à gentrificação em curso desde os anos 1990, com a expansão de propriedades de classe alta em regiões interioranas (NELSON; TRAUTMAN; NELSON, 2015). Estudos de caso mostram a conformação de novas relações de trabalho, incluindo a substituição de mão-de-obra branca nativa por mão-de-obra imigrante em tarefas menos qualificadas, enquanto o trabalho manual mais especializado segue sendo realizado por trabalhadores brancos nativos. Segundo Nelson, Trautman e Nelson (2015), a vulnerabilidade dos trabalhadores latinos decorrente do status de cidadania, classe social e raça garante uma força de trabalho disciplinada, não sindicalizada e flexível. Essa chamada “força de trabalho *just-in-case*” aceita tanto longas horas de trabalho como pouco ou nenhum trabalho, dependendo da demanda altamente volátil enfrentada pelos empregadores na área (NELSON; TRAUTMAN; NELSON, 2015).

Theodore (2016) relata um processo semelhante no mercado nacional de construção residencial. Apesar de um mercado aquecido nos anos 1990 e início dos anos 2000, com frequente escassez frequente de mão-de-obra, os trabalhadores não tiveram parte nos ganhos. Eles foram empurrados para a economia informal, atuando como *day-laborers* em condições

---

<sup>22</sup> É interessante notar a semelhança desse relato com a instrumentalização das divisões étnicas entre trabalhadores pelos industrialistas para mitigar iniciativas de organização sindical relatada nas primeiras décadas do século XX (REICH et al., 1973).

precárias. Segundo Theodore (2016) empreiteiros, operando com pequenas margens de lucro, vieram a preferir contratar trabalhadores imigrantes, frequentemente sem documentos. Esse processo foi viabilizado à medida que o Estado se retirava da cena promovendo a desregulamentação dos mercados (THEODORE, 2016).

O trabalho doméstico, setor em que aproximadamente metade das trabalhadoras é imigrantes (vide Tabela 6) é outro setor altamente precarizado, calcado na informalidade. Uma pesquisa com trabalhadoras domésticas nos EUA encontrou que 36% das entrevistadas eram imigrantes sem documentos. Trabalhadoras domésticas com situação migratória irregular não apenas recebem salários mais baixos do que imigrantes em situação regular e cidadãos estadunidenses, como também são mais propensas a realizar tarefas pesadas, entrar em contato com produtos de limpeza tóxicos, trabalhar mesmo doentes e sofrer acidentes no trabalho (BURNHAM; THEODORE, 2012).

Registros do papel ativo dos empregadores no recrutamento de trabalhadores migrantes pelos empregadores mudam a discussão sobre a responsabilidade pela imigração "ilegal" de indivíduos migrantes para a estrutura da demanda de trabalho das empresas americanas (KRISSMAN, 2001; PIORE, 1979d). Em relação ao objetivo deste trabalho, destaca-se também a relevância de se olhar para a dinâmica do lado da demanda ao interpretar as consequências econômicas da imigração. Segundo a abordagem de mercados segmentados, o sistema econômico encontra maneiras de manter a divisão no mercado de trabalho. Dado que o interesse primordial dos trabalhadores nativos é avançar para postos de trabalho mais estáveis e de melhor qualidade e remuneração, o impacto da interrupção da migração pode ser ainda pior, confinando os trabalhadores nativos ao mercado secundário:

Se os empregos que eles compartilham com os migrantes forem aprimorados quando houver menos trabalhadores para ocupá-los, pode ser que os trabalhadores nativos se beneficiem com menos imigração. Mas se as ocupações são essenciais para o funcionamento contínuo do sistema - e se elas não podem ser melhoradas sem uma mudança radical do sistema -, a sociedade procurará outras maneiras de manter a oferta de trabalho. [...] Parece mais provável que procuraremos reduzir a mobilidade vertical (por meio de discriminação ou outros meios) de grupos que atualmente possuem empregos temporários ou de baixo nível e expandir a força de trabalho tradicional mudando instituições como seguro-desemprego e benefícios sociais<sup>23</sup> (PIORE, 1979d, p. 210).

---

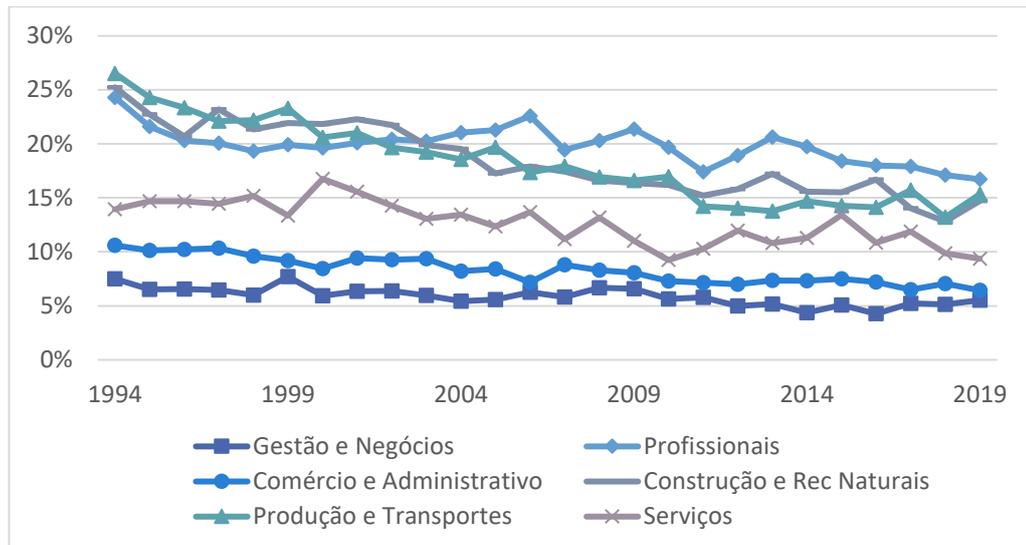
<sup>23</sup> Tradução livre do original em inglês: "If the jobs they share with migrants are improved when there are fewer workers to fill them, then native-born workers might well be better off with less immigration. But if the jobs are essential to the continued functioning of the system - and if they can't be upgraded without radically changing the system - then the society will look for other ways to maintain the labor supply. [...] It seems more likely that we will seek to curtail the upward mobility (through discrimination or other means) of groups that presently hold low-level or temporary jobs and to expand that traditional labor force by changing institutions like unemployment insurance and welfare benefits."

Ou seja, se bem pode haver efeitos adversos com maior imigração, a falta dessa mão-de-obra poderia incentivar outras medidas para restringir os trabalhadores nativos nas ocupações ruins. Por isso, a imigração pode ser favorável aos trabalhadores nativos ao permitir maior mobilidade no mercado de trabalho (CONSTANT, 2014; PIORE, 1979d). Contudo, essa mobilidade só é efetiva se houver disponibilidade de bons empregos e caminhos de ascensão no mercado de trabalho. Essa é uma questão que se renova no contexto da reestruturação industrial americana, em que há uma disparidade cada vez maior entre a qualificação e a qualidade dos empregos disponíveis. A resposta dos trabalhadores às estratégias de precarização do empregador também é um fator relevante.

### **3.2 Movimento sindical e trabalhadores estrangeiros**

O aumento da participação de imigrantes na indústria estadunidense ocorre em paralelo ao processo de dessindicalização – a redução do percentual da força de trabalho que é representada por sindicatos em processos de negociação coletiva. No geral, imigrantes têm graus de sindicalização mais baixos que trabalhadores nativos (DELGADO, 2013). Além disso, o relato a respeito da indústria de frigoríficos sugere que a contratação de imigrantes e a redução da representação sindical estão relacionados. Contudo, a dimensão da queda de representação sindical não pode ser explicada pelo avanço da imigração. A Figura 10 mostra a trajetória da sindicalização para as seis categorias ocupacionais desde os anos 1990. O indicador é a porcentagem de trabalhadores ocupados ou procurando emprego que são representados por sindicatos em acordos de negociação coletiva. Nota-se um processo claro de queda em todas as categorias, mais pronunciado nas que partiam de níveis mais altos de sindicalização.

Figura 10: Porcentagem de trabalhadores na força de trabalho representados por negociação coletiva



Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

O Capítulo 2 mostrou que as ocupações em serviços, construção, produção e transportes têm observado aumento na proporção de trabalhadores imigrantes nas últimas décadas. A literatura indica que a expansão do emprego de imigrantes em ocupações pouco qualificadas tem sido ancorada em baixos salários e precarização do trabalho. No entanto, a comparação entre os resultados de nativos e imigrantes em termos de salário, na seção 2.1.1, revela padrões diferentes para cada mercado ocupacional. As diferenças nos padrões salariais coincidem com os diferentes graus de organização entre os trabalhadores em cada categoria, conforme analisado abaixo. Argumentamos que diferentes relações entre trabalhadores imigrantes e nativos em relação aos movimentos trabalhistas podem explicar pelo menos em parte por que operários da produção e transportes parecem estar protegidos do trabalho imigrante de baixa remuneração quando comparado aos trabalhadores dos serviços.

Considerando o papel dos contornos salariais discutidos no Capítulo 1, a relação entre as organizações de barganha coletiva e a força de trabalho imigrante tem papel determinante sobre quão próxima ou distante será a evolução dos salários de nativos e de imigrantes. Quanto mais estreitos os laços entre trabalhadores, independentemente da sua nacionalidade, maiores as chances de sucesso no processo de barganha salarial. Nesse sentido, a defesa de salários decentes para trabalhadores estrangeiros seria uma estratégia para contornar a ameaça de baixos salários a partir da competição entre imigrantes e nativos. De acordo com Piore (1979c), o relativo distanciamento de trabalhadores imigrantes dos trabalhadores nativos exerce importante influência sobre o comportamento dos salários dos migrantes pouco qualificados, especialmente com relação à base da estrutura salarial.

Um estudo que analisou o efeito da sindicalização da força de trabalho nas quinze ocupações que pagam os salários médios mais baixos nos EUA constatou que pertencer a um sindicato elevava os salários dos trabalhadores em 16%. Além disso, a sindicalização aumentava a probabilidade de acessar planos de saúde e planos de aposentadoria patrocinados pelo empregador em cerca de 25 pontos percentuais (SCHMITT et al., 2008). Por outro lado, Freeman e Katz (1991) mostram que indústrias sindicalizadas tiveram maiores perdas salariais em resposta à exposição internacional (comércio e imigração) nos anos 1970 e 1980 do que setores não sindicalizados, embora os sindicatos tenham exibido efeitos positivos sobre o nível de emprego.

A literatura destaca uma relação ambígua entre trabalhadores imigrantes e o movimento trabalhista nos Estados Unidos. As comunidades imigrantes foram fundamentais para o desenvolvimento dos sindicatos no início do século XX (PIORE, 1979d; TAFT, 1983). No entanto, a política de imigração costumava ser um tópico polêmico dentro das organizações do movimento sindical (MILKMAN, 2011; TAFT, 1983). Seguindo a hipótese de segmentação do mercado de trabalho, existe um conflito de interesses paradoxal entre trabalhadores nativos estáveis e sindicalizados e imigrantes trabalhando em empregos precários. Recordando Piore (1979c, p. 109),

A própria estrutura da demanda por migrantes resulta, em primeiro lugar, da organização de certos grupos de trabalhadores para assegurar suas oportunidades de emprego e da tentativa dos empregadores de escapar à rigidez que esses grupos impõem.<sup>24</sup>

Como existem posições limitadas para as quais os empregadores estão dispostos a oferecer melhores salários e benefícios, a canalização dos piores postos de trabalho aos migrantes seria funcional para os trabalhadores nativos estáveis (PIORE, 1979c). Ao mesmo tempo, à medida que os empregadores são pressionados a reduzir custos e que a proteção no mercado de trabalho é desmantelada, a possibilidade de substituir trabalhadores sindicalizados por imigrantes para reduzir a parcela de empregos do tipo primário representa uma ameaça às as oportunidades para nativos. É por isso que alguns autores argumentam que a imigração prejudica o poder de barganha dos trabalhadores nativos (PIVETTI; BARBA, 2016; REICH; GORDON; EDWARDS, 1973). No entanto, como observa Milkman (2011), os próprios

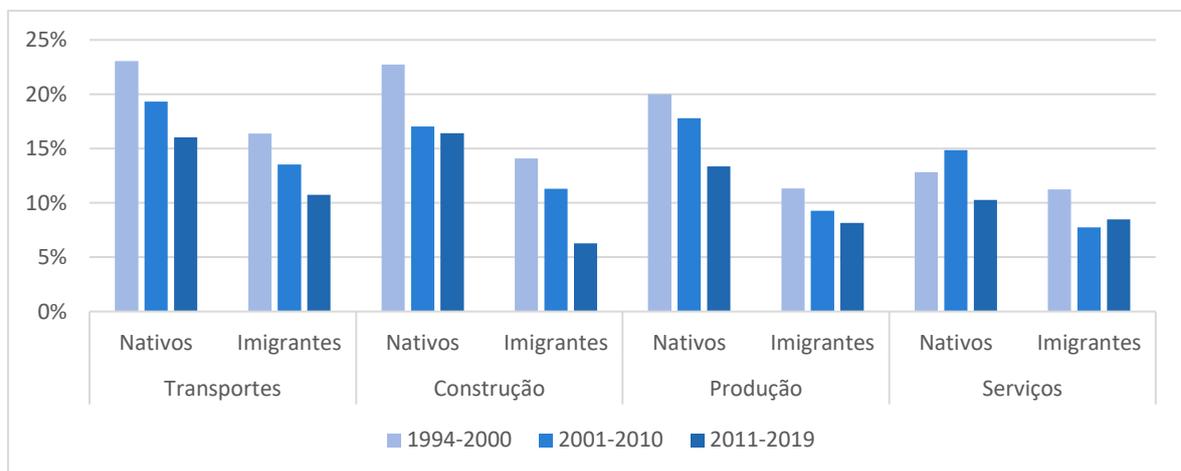
---

<sup>24</sup> Tradução livre do original em inglês: “The very structure of the demand for migrants in the first place results from the organization of certain groups of workers to secure their employment opportunities and the attempt of employers to escape the rigidities that these groups impose.”

imigrantes com baixos salários estão na linha de frente contra as estratégias de empregadores que pioram a remuneração e as condições no local de trabalho. Recentemente, trabalhadores imigrantes nos Estados Unidos têm se envolvido regularmente em lutas coletivas para melhorar suas circunstâncias – seja em organizações sindicais tradicionais ou em centros de trabalhadores (*worker centers*) e grupos de defesa dos direitos de imigrantes nos EUA (MILKMAN, 2011).

Nos últimos anos, houve uma mudança na visão dos sindicatos sobre a agenda de imigração, e algumas organizações líderes aumentaram os esforços de recrutamento entre trabalhadores imigrantes, especialmente nos serviços relacionados ao comércio, zeladoria, restaurantes e hotelaria (MILKMAN, 2011). Segundo Delgado (2013), na virada do século as organizações sindicais desistiram de influir na política migratória estadunidense para controlar a oferta de trabalho no país. Ao contrário, passaram a organizar trabalhadores imigrantes, inclusive não-documentados, a fim de reduzir os atrativos para empregadores ao contratá-los. No entanto, os trabalhadores imigrantes ainda têm graus mais baixos de representação sindical em comparação com trabalhadores americanos em ocupações de baixa a média qualificação. Os gráficos abaixo mostram as taxas médias de cobertura para trabalhadores em categorias ocupacionais selecionadas.

Figura 11: Porcentagem de trabalhadores na força de trabalho representados por sindicato, ocupações selecionadas



Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

As taxas de cobertura sindical na Figura 11 mostram uma tendência de queda para nativos e imigrantes nos transportes, produção e construção. No entanto, os nativos mantêm taxas de cobertura consideravelmente mais altas em comparação com os trabalhadores estrangeiros nessas ocupações. Na última década, a taxa média de cobertura para trabalhadores nativos foi de 16% em transportes e produção e 13% na construção. As ocupações da construção

observam a maior diferença entre as taxas de estrangeiros e nativos, atingindo 10 pontos percentuais na última década.

Os dados apresentados na seção 2.1 mostram que os trabalhadores nativos conseguiram manter uma diferença de renda considerável em relação aos trabalhadores imigrantes nas ocupações associada à produção, transportes e construção. Em associação com os dados de cobertura por negociação coletiva acima, isso sugere que o movimento sindical pode estar garantindo a qualidade de pelo menos uma parte dos empregos nativos. Isto se dá em um contexto em que os sindicatos têm cada vez menos poder e adotam atitudes defensivas, tendo sua atuação cada vez mais restringida pelas estratégias corporativas de terceirização e redimensionamento das unidades de produção (DELGADO, 2013). Ainda que se mantenha um *gap* salarial para nativos, os salários e o crescimento do emprego nessas ocupações mostram um declínio estrutural. À luz desse resultado, a dessindicalização, em conjunto com o emprego de trabalhadores imigrantes, parece particularmente problemática para o padrão de vida de trabalhadores pouco ou semiqualeificados nos Estados Unidos.

Já os trabalhadores de serviços tradicionalmente exibem taxas mais baixas de cobertura sindical, e a Figura 11 não mostra uma trajetória linear ao longo do tempo. Com respeito ao conjunto da economia, as ocupações de serviços tiveram nas últimas décadas um crescimento relativo, tanto em emprego quanto em salários reais. No entanto, os salários nessa categoria ainda representam o piso da estrutura salarial no mercado de trabalho americano, como mostra a Figura 6 no capítulo anterior. Os empregos em serviços não especializados concentram a parcela mais vulnerável dos trabalhadores americanos (HUDSON, 2007).

É difícil organizar os trabalhadores de serviços seguindo o modelo sindical tradicional. Muitas ocupações na categoria de serviço são marcadas por arranjos ocasionais de trabalho, especialmente trabalho doméstico, agências de trabalho temporário ou trabalho diário, ou possuem um local de trabalho descentralizado. Hudson (2007) destaca a interação entre o aumento no emprego de serviço e no trabalho contingente e o emprego de imigrantes não qualificados como fatores que levam a um ambiente adverso para a sindicalização. Milkman (2011), no entanto, argumenta que os trabalhadores em empregos tradicionalmente desorganizados, e principalmente os latinos com baixos salários, são o foco de uma nova forma de organização trabalhista nos EUA: os centros de trabalhadores, ou *worker centers*.

Os centros de trabalhadores são organizações não governamentais (ONGs) que operam na esfera local voltadas a questões do trabalho (MILKMAN, 2011). Diferentemente das agências de trabalho temporário, esses centros estabelecem normas trabalhistas e níveis mínimos de salário para trabalhadores em ambientes informais de trabalho sem cobrar taxas

sobre a remuneração. Eles também promovem programas e atividades educacionais com o objetivo de aprimorar o senso de coletividade entre os trabalhadores e trabalhadoras com baixos salários (THEODORE, 2016). Um dos temas na agenda defendida por essas organizações é a reivindicação de um caminho para a legalização de trabalhadores não autorizados nos EUA (MILKMAN, 2011; THEODORE, 2016). Segundo Milkman (2011), apesar de avanços positivos, o raio de ação dos centros de trabalhadores ainda é limitado por vários fatores: a base de trabalhadores “representados” é instável, faltam recursos materiais e humanos e, além disso, têm uma abordagem limitada com respeito à definição de agenda. Estes centros parecem mais aptos para evitar perdas do que para obter melhorias reais nos salários ou nas condições de trabalho (MILKMAN, 2011).

### **3.3 O papel do salário mínimo no mercado de trabalho com imigração**

Conforme apresentado na Introdução, a literatura sugere que os trabalhadores no segmento de baixos salários do mercado de trabalho americano podem sofrer mais com crescente presença de imigrantes. Uma parcela importante de trabalhadores imigrantes nos EUA é ocupada em empregos neste segmento. Além disso, a tendência de intensificação da precarização e segmentação do mercado de trabalho, associada com os desafios enfrentados pelo movimento sindical nos EUA enfraquecem o poder de barganha dos trabalhadores no segmento de baixos salários. Conseqüentemente, o salário mínimo legal assume um papel relevante para proteger os trabalhadores.

A teoria econômica convencional prevê que a implementação de uma taxa de salário mínimo ou o reajuste do salário mínimo já existente implica um *trade-off* entre ganhos salariais e redução no nível de emprego no segmento de baixos salários (ZAVODNY, 2014). Já institucionalistas e pós-Keynesianos dão foco para outros impactos do salário mínimo, em sua maioria positivos (KAUFMAN, 2010). Esse debate naturalmente se estende à análise dos benefícios que um salário mínimo pode ter para proteger trabalhadores nativos das possíveis perdas provocadas pela imigração. As divergências decorrem, em última instância, de explicações diferentes para a determinação do nível dos salários e do emprego, abordadas no Capítulo 1. Ambos os lados concordam sobre o efeito positivo do salário mínimo para os salários de migrantes e nativos, mas há divergências na interpretação do efeito sobre o desemprego.

O principal efeito esperado do salário mínimo em um mercado de trabalho recebendo fluxos de imigrantes é funcionar como um limite inferior para a remuneração nos mercados de

baixos salários. A ideia é simples: os empregadores não podem pagar abaixo da taxa estabelecida pelo governo, a menos que contratem trabalhadores ilegalmente. Assim, se a imigração causa pressões no mercado de trabalho que pressionam os salários para baixo, o salário mínimo define o quanto os salários podem cair (EDO; RAPOPORT, 2018; ZAVODNY, 2014). Quanto maior o nível do mínimo em relação aos salários do mercado, menor é o efeito que a competição com imigrantes poderia ter sobre os salários nativos (EDO; RAPOPORT, 2018).

Ao que parece, o salário mínimo é uma instituição particularmente relevante para impor um limite à exploração de trabalhadores migrantes não documentados, mesmo quando sua contratação não passa por mecanismos legais (PIORE, 1979c; ZAVODNY, 2014). Piore (1979c) argumenta que o salário mínimo não é apenas uma política para evitar perdas salariais nos trabalhos que têm salários baixos, mas torna-se uma ferramenta da sociedade que recebe imigrantes para garantir seu padrão de vida tendo em vista que, a longo prazo, a oferta de mão-de-obra é praticamente ilimitada a qualquer taxa de salário: “Sem alguma regulação, o salário, portanto, deve cair a um nível em que, em última instância, ameace o emprego de trabalhadores nativos e ofenda seu senso de equidade, e simplesmente não é razoável esperar que a sociedade permita que isso ocorra”<sup>25</sup> (PIORE, 1979c, p. 99).

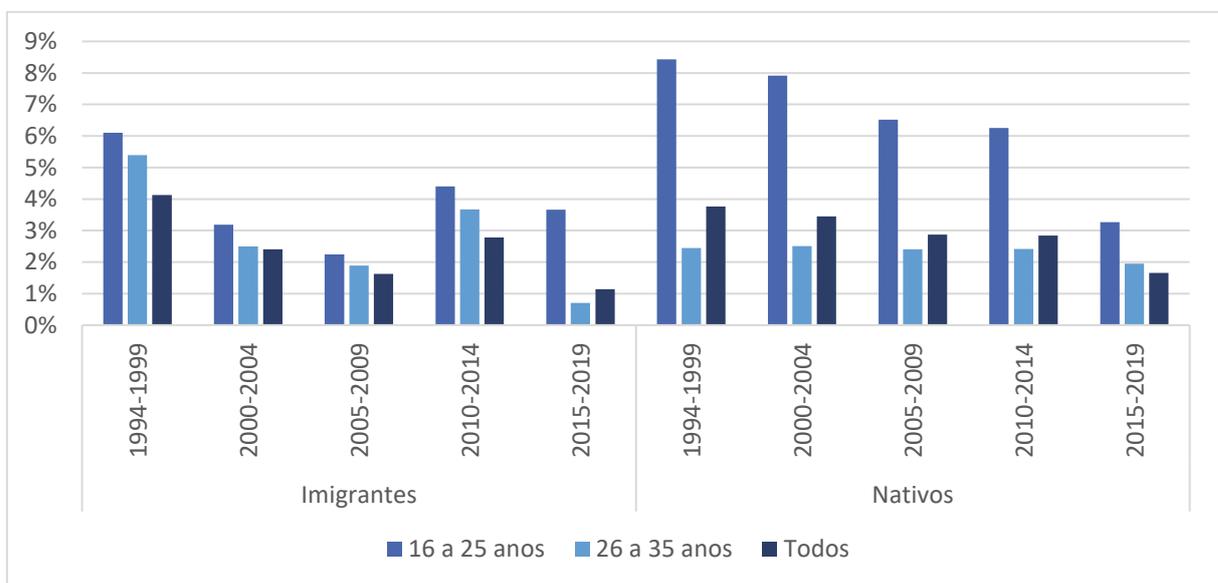
A literatura destaca dois principais contratempos ao efeito positivo do salário mínimo no mercado de trabalho local frente à imigração: o fato de que o mínimo pode não atingir todos os trabalhadores e de que os trabalhadores nativos poderiam sofrer um efeito negativo compensatório em termos de emprego (ZAVODNY, 2014). A cobertura do salário mínimo varia de país para país e afeta a sua relevância para o processo de fixação de salários (BOSCH; GAUTIER, 2011). Nos Estados Unidos, jovens entrando no mercado de trabalho, pessoas com deficiência e trabalhadores em ocupações que recebem gorjetas ou comissões sobre vendas estão isentos de receber a taxa mínima federal de US\$ 7,25. Além disso, os empregadores podem contratar trabalhadores imigrantes, especialmente aqueles com status migratório irregular, com o fim de evitar obrigações trabalhistas. Se os empregadores decidirem evitar custos adicionais de mão-de-obra impostos por um salário mínimo mais alto, demitindo funcionários atuais e contratando imigrantes por salários abaixo do nível legal, esse comportamento pode levar a um aumento do desemprego entre trabalhadores nativos. Este efeito será discutido adiante.

---

<sup>25</sup> Tradução livre do original em inglês: “Without some regulation, the wage, therefore, is likely to fall eventually to a level at which it threatens the employment of native workers and offends their sense of equity, and it is simply not reasonable to expect that the society will let this occur”

Alguns estudos têm buscado comparar o efeito do salário mínimo sobre trabalhadores migrantes e nativos nos Estados Unidos, mas os resultados são contraditórios (ZAVODNY, 2014). Ao contrário do que é sugerido por alguns críticos à imigração, Zavodny (2014) mostra que os níveis de cobertura das leis de salário mínimo são semelhantes para trabalhadores imigrantes e nativos. A exceção é o trabalho rural, em que os trabalhadores não-documentados são ligeiramente mais propensos a receber remuneração abaixo do mínimo estatutário quando comparados com os trabalhadores rurais (FAN; PENA, 2019).

Figura 12: Porcentagem de trabalhadores com salários inferiores ao salário mínimo federal



Fonte: Elaboração própria com dados da CPS-IPUMS.

O gráfico acima mostra a porcentagem de trabalhadores assalariados que recebem salários por hora abaixo do mínimo federal conforme os dados do ASEC-CPS, considerando todas as idades e apenas os jovens no mercado de trabalho. No geral, os dados da CPS indicam que a incidência de salários abaixo do mínimo legal é maior entre nativos do que entre imigrantes, uma diferença explicada principalmente pela alta proporção de jovens até 25 anos com baixos salários. Na média entre 2015 e 2019, 1,1% dos trabalhadores imigrantes recebiam salários abaixo do mínimo frente a 1,7% entre os nativos.

O nível do salário mínimo federal nos EUA foi ajustado pela última vez em 2009, após ajustes consecutivos em 2007 e 2008. A parcela de trabalhadores recebendo salários inferiores ao mínimo federal naturalmente vem caindo conforme o valor real do mínimo se deprecia. O incremento na proporção de imigrantes com remuneração abaixo do mínimo no período entre 2010 e 2014 indica que o reajuste dos salários em resposta ao aumento do mínimo entre 2007

e 2009 tardou mais para esse grupo. É importante notar que a interpretação desses dados exige cuidado. Estes são reportados pelo BLS conforme as respostas fornecidas pelos próprios indivíduos assalariados. Devido ao caráter da pesquisa, pode haver uma subnotificação de baixos salários entre imigrantes não-documentados, já que estes podem evitar responder pesquisas domiciliares.

Ainda assim, há motivos para crer que mesmo trabalhadores não autorizados, descobertos pela legislação do salário mínimo, se beneficiam com o aumento do salário mínimo. Um estudo setorial sobre os efeitos do salário mínimo sobre migrantes e nativos não encontrou relação entre a intensidade do emprego de imigrantes e violação da legislação do salário mínimo (CORTES, 2004). Na verdade, Cortes (2004) observou que as mulheres imigrantes empregadas nos setores industriais com maior percentual de imigrantes, o grupo com piores salários na amostra, eram o grupo mais protegido pelo salário mínimo. Outro estudo voltado aos trabalhadores rurais nos EUA mostrou que trabalhadores não cobertos pela legislação do salário mínimo tiveram efeitos positivos sobre a remuneração e nível de emprego a partir do aumento do salário mínimo. Contudo, os efeitos positivos foram menores para estes trabalhadores do que para os protegidos pela legislação do salário mínimo (FAN; PENA, 2019).

Na literatura estruturalista brasileira, a influência do salário mínimo legal sobre a tendência dos salários abaixo é conhecido como efeito farol (SOUZA; BALTAR, 1979). Ao estabelecer uma referência para a taxa de salário de mão-de-obra não qualificada nos setores convencionais, o mínimo também indica uma tendência para salários definidos informalmente abaixo do mínimo (SOUZA; BALTAR, 1979). Colocando de outra forma, se trabalhadores têm mobilidade entre o setor coberto e o setor não coberto pelo salário mínimo, o aumento do salário mínimo significa uma alta na renda alternativa para os trabalhadores não cobertos (opção de saída do setor) e, assim, pressiona salários não cobertos para cima (FAN; PENA, 2019). Um efeito adicional para trabalhadores informais está relacionado aos efeitos macroeconômicos do salário mínimo. Medeiros (2015) observa que, devido ao efeito distributivo do salário mínimo e seu efeito positivo sobre a demanda agregada, um aumento na taxa mínima pode impulsionar o consumo de bens e serviços que empregam mão-de-obra em mercados informais de baixos salários.

A respeito do efeito do salário mínimo e da imigração sobre o emprego nativo, é importante esclarecer precisamente do que se trata. Foi mencionado acima que um aumento do salário mínimo pode estimular empregadores a substituírem empregados nativos por imigrantes de forma irregular para continuar pagando baixos salários. Essa discussão está localizada no que se identificou como *mercado secundário* no Capítulo 1. A extensão do desemprego nativo

em consequência deste efeito depende do quão praticável é a substituição por imigrantes, tanto do ponto de vista de qualificações necessárias quanto dos custos implicados na contratação de funcionários novos, sem treinamento. Outra questão é a própria extensão da cobertura do salário mínimo, especialmente para trabalhadores imigrantes. Este efeito de substituição de imigrantes por nativos pressupõe que há uma discrepância importante entre nativos e imigrantes no que diz respeito à proteção do salário mínimo. A extensão dos direitos trabalhistas aos trabalhadores não autorizados nos EUA é objeto de debate (CHAMPLIN; HAKE, 2006; DELGADO, 2013), mas como discutido acima, na prática há indícios de que trabalhadores imigrantes nos EUA não são particularmente excluídos da cobertura pelo salário mínimo. De outra forma, pode se considerar que na medida em que o salário mínimo seja suficientemente abrangente, ele também evita tal efeito de desemprego nativo por substituição por trabalho irregular imigrante.

Vale notar que este efeito, hipotético, do desemprego nativo em decorrência da imigração em mercados com salário mínimo, discutido acima, não depende de qualquer suposição sobre variação no *nível geral de emprego* em resposta ao aumento na taxa de salário. Trata-se de uma mudança em quem ocupa um determinado número de posições de trabalho para um dado nível da demanda agregada. Assim, esse efeito não é exatamente o mesmo que o efeito teórico negativo do desemprego comumente abordado na literatura convencional. A teoria neoclássica prevê que a imposição legal de um nível mínimo para os salários acima da taxa de equilíbrio entre a oferta e a demanda por trabalho deve reduzir o nível de emprego no segmento de baixos salários. O efeito em termos de *desemprego* é duplo. Do lado da demanda, as empresas contratam menos trabalhadores em resposta ao aumento dos custos e optam por contratar trabalhadores relativamente mais qualificados. Do lado da oferta, mais pessoas desempregadas permanecem no mercado de trabalho, esperando ganhar um bom salário quando forem contratadas. A expansão adicional da oferta de trabalho em decorrência da imigração agrava os resultados, levando a taxas possivelmente mais altas de desemprego. Ou, alternativamente, o salário mínimo aumenta a competição entre nativos e imigrantes, tornando o mercado de trabalho mais rígido com menos oportunidades de emprego (EDO; RAPOPORT, 2018; ZAVODNY, 2014).

Embora amplamente aceita na teoria, a evidência empírica não corrobora a ocorrência de redução do *emprego* associada a aumentos do salário mínimo prevista pelo *mainstream* (CARD; KRUEGER, 1995; DOUCOULIAGOS; STANLEY, 2009). Na verdade, adotando o princípio da demanda efetiva, o salário mínimo pode *aumentar* o nível de emprego por seu efeito na demanda agregada. Salários mais altos implicam níveis mais altos de consumo,

impulsionando o crescimento econômico e a demanda por trabalho agregada<sup>26</sup> (KAUFMAN, 2010). No que diz respeito ao impacto da imigração no mercado de trabalho, um salário mínimo mais alto pode *reduzir* a concorrência potencial entre trabalhadores nativos e imigrantes, aumentando as ofertas de emprego. Edo e Rapoport (2018) estimam, com dados dos Estados Unidos entre 2000 e 2013, que a presença de imigrantes em mercados locais tem efeitos adversos tanto sobre os salários nativos quanto sobre a taxa de emprego dos trabalhadores nativos, mas que esse efeito é tanto menor quanto mais alto for o salário mínimo efetivo no estado. Além disso, estima-se que o nível do salário mínimo reduz a saída de trabalhadores da força de trabalho motivada pela competição com imigrantes, especialmente no caso das mulheres.

Nos últimos anos, o salário mínimo federal vem perdendo o seu valor. A desvalorização real do salário mínimo tem um efeito perverso para a distribuição de renda, uma vez que permite que o leque salarial se amplie com salários mais baixos na base. Além disso, quanto mais baixo o salário mínimo com relação à estrutura salarial, menor é sua relevância para o processo de determinação salarial. Em contrapartida, mais estados e mesmo localidades municipais têm adotado salários mínimos locais acima do limite federal. Essas iniciativas são importantes para proteger nativos e imigrantes pouco qualificados. Tendo em vista que o salário mínimo federal parece relevante para a determinação dos salários dos imigrantes trabalhando nos EUA, ele é uma ferramenta para impedir que a vulnerabilidade enfrentada pelos imigrantes nos mercados de baixos salários seja instrumentalizada para rebaixar ainda mais os salários e prejudicar também trabalhadores nativos.

### 3.4 Conclusão

O Capítulo 2 dedicou-se a discutir em que medida os trabalhadores imigrantes e nascidos nos EUA ocupam os mesmos mercados de trabalho, olhando para a sua distribuição ocupacional e geográfica. Conforme explicitado no primeiro capítulo, há mecanismos extramercado que influenciam as condições de competição e barganha salarial no mercado de trabalho e devem ser incorporados à discussão sobre impactos da imigração. Em primeiro lugar, a discussão sobre segmentação do mercado de trabalho e contratação de imigrantes em

---

<sup>26</sup> Kaufman (2010) também observa que o salário mínimo pode contribuir para uma distribuição mais igualitária dos ganhos de produtividade entre trabalho e capital. Isso tem efeitos positivos a longo prazo, pois ajuda na construção de um caminho sustentável para o sistema econômico, garantindo que o consumo cresça em ritmo semelhante à expansão da capacidade produtiva.

ocupações pouco qualificadas reforça a constatação da seção 2.2: os postos de trabalho ocupados por imigrantes nos mercados de baixos salários não são, no geral, os mesmos ocupados por nativos, embora exista uma dinâmica de substituição que reforça a segmentação do mercado de trabalho.

Com respeito à determinação salarial, pode-se pensar que a exploração da mão-de-obra imigrante impacta negativamente o poder de barganha dos trabalhadores nativos, exercendo pressão negativa sobre sua taxa de salário. No entanto, esta proposição não encontrou evidências gerais nos estudos empíricos, discutidos no Capítulo 1, nem nas análises seguidas neste capítulo. A abordagem da segmentação dos mercados de trabalho seguida na dissertação indica que essa ameaça é limitada dentro do que se define como o mercado secundário, no qual mecanismos institucionais de formação dos salários estão relativamente ausentes. Isto pode explicar porque estudos quantitativos sobre impactos da imigração mostram efeitos salariais negativos para trabalhadores menos qualificados, mas não tanto sobre o salário médio. O problema então é o tamanho do mercado secundário e para que tipos de empregos os trabalhadores nativos estão sendo canalizados.

Ao longo do Capítulo 2 e da primeira seção do presente capítulo, discutiu-se como há evidências de que nativos, inclusive os não qualificados, não estão nos mesmos mercados, não competem pelas mesmas vagas que imigrantes – seja desde uma perspectiva de distribuição ocupacional, seja pelo tipo de oportunidades e condições de trabalho disponíveis para ambos os grupos. Essa relativa “proteção” de nativos frente à concorrência com imigrantes depende da existência de “bons” postos de trabalho e caminhos para ascensão dos trabalhadores menos qualificados no mercado de trabalho. Contudo, o quadro estrutural observado nas últimas décadas é pessimista: se bem cresce a demanda por trabalhadores qualificados, a precarização do trabalho incide hoje sobre todos os estratos do mercado.

Piore (1979c) argumenta que sempre haverá uma hierarquia no mercado de trabalho, não apenas pela diferenciação salarial, mas pelos status social atrelado ao trabalho. Portanto, sempre haverá uma base da hierarquia ocupacional a qual trabalhadores nativos buscam superar. Nesse sentido, os imigrantes em mercados de baixos salários, por assumirem esses postos de trabalho vistos na sociedade local como degradantes, “resolvem” um problema inerente a qualquer mercado com diferenciação do trabalho. No entanto, a queda no padrão de vida disponível para os trabalhadores nos mercados de trabalho intensivos em mão-de-obra imigrante não qualificada também afeta a parcela limitada de nativos nesse segmento, que hoje são em sua maioria descendentes de imigrantes latino-americanos. A única maneira de garantir a manutenção do nível da remuneração e das condições de trabalho para todos os trabalhadores

nativos parece passar pela garantia dos mesmos níveis para os trabalhadores imigrantes. Isto, porém, vai de encontro ao interesse dos empregadores estadunidenses na contratação de imigrantes para as posições de baixa qualificação e baixos salários. Por isso mesmo, a alternativa passa por fazer uso dos meios coletivos de barganha, seja pela organização entre trabalhadores, seja por meio da regulamentação do Estado.

A segmentação do mercado de trabalho e o movimento sindical estão associados, já que a própria sindicalização é um fator na criação de empregos bem remunerados e seguros, típicos do chamado mercado primário. A queda na densidade sindical significa que, nos mercados em que a competição entre trabalhadores se torna mais acirrada por consequência da imigração, os trabalhadores têm poucos recursos coletivos para assegurar sua posição na estrutura salarial. A inclusão dos trabalhadores estrangeiros na organização de meios coletivos de barganha se torna uma estratégia necessária para contornar as tentativas por parte dos empregadores estadunidenses de piorar salários e condições de trabalho se apoiando na vulnerabilidade da força de trabalho imigrante.

Tendo em vista o crescimento da participação dos serviços de baixos salários na estrutura ocupacional, a queda na porção de empregos seguros e bem remunerados (mercado primário) e os desafios para a organização coletiva dos trabalhadores nesse contexto, o salário mínimo é cada vez mais relevante para proteger trabalhadores nos mercados de baixos salários, imigrantes e nativos. Na ausência de outros fatores institucionais que impulsionem o poder de barganha dos trabalhadores, o salário mínimo desempenha o papel de uma “negociação coletiva compulsória” (MEDEIROS, 2015). No entanto, o mínimo deve ser suficientemente alto, com relação aos salários do “mercado”, para que seja efetivo na formação dos salários na base da estrutura salarial. Além disso, é necessário que a legislação sobre o salário mínimo se estenda aos trabalhadores imigrantes, tanto documentados quanto não documentados.

## CONCLUSÃO

A imigração de trabalhadores para os Estados Unidos, embora não seja novidade em termos históricos, se tornou um tema relevante no debate público nas últimas décadas. Os grupos de interesse que defendem uma política migratória mais restritiva frequentemente fazem alusão aos efeitos negativos da presença de imigrantes para a empregabilidade e os salários dos trabalhadores nativos, especialmente os menos escolarizados. Economistas do trabalho têm buscado estimar o impacto da imigração sobre os salários, sem evidências que validem esse argumento. Não obstante, a teoria econômica, em diferentes correntes, prevê que um excesso de mão-de-obra deve pressionar os salários à baixa. Assim, há um debate sobre como capturar corretamente esse efeito empiricamente. A maioria dos estudos nesse sentido trata a resposta dos salários às flutuações na oferta como um processo relativamente automático. Quando as instituições do mercado de trabalho são abordadas, são tratadas como imperfeições que transferem o ajuste via salários para o ajuste via emprego, em linha com a teoria neoclássica do mercado de trabalho.

O Capítulo 1 desenvolve um marco analítico calcado nas perspectivas institucionalistas e estruturalistas da determinação salarial, discutindo como o efeito da imigração nos mercados de trabalho pode ser analisado desde uma perspectiva heterodoxa. Em linha com a heterogeneidade do efeito na imigração no mercado de trabalho observada na literatura, recorre-se a referências que expliquem a diferenciação dos salários, nomeadamente a estrutura salarial de Dunlop (1957) e a abordagem de mercados segmentados, com destaque para o trabalho de Piore (1979c). Em suma, argumenta-se que a estrutura salarial está sujeita a movimentos na oferta de trabalho, mas também depende da demanda em cada mercado, das condições de barganha coletiva disponíveis aos trabalhadores e das instituições do mercado de trabalho que impulsionam ou reduzem o poder de barganha dos trabalhadores. Além disso, é necessário considerar como a segmentação do mercado de trabalho limita e aloca a oferta de trabalho a diferentes oportunidades.

O segundo capítulo se divide em duas partes. Na primeira, são analisadas as características gerais do trabalho imigrante nos Estados Unidos a partir de dados da *Current Population Survey* de 1994 a 2019. Contrastando o perfil ocupacional dos imigrantes nos EUA com a evolução do emprego e dos salários nativos, conclui-se que a imigração tem efeitos diferentes para cada estrato, considerando categorias ocupacionais amplas. O crescimento de imigrantes atuando nos mercados profissionais de alta qualificação não parece apresentar qualquer desafio, enquanto esse setor apresenta crescimento relativo tanto em termos de

emprego quanto de remuneração. Nos setores de baixa a média qualificação, pode-se dividir dois cenários. De um lado, serviços não especializados, em que se mantém constante uma alta participação de imigrantes, há expansão do emprego de nativos e os salários, ainda muito baixos, tiveram um crescimento importante no último ciclo econômico. De outro lado, estão as ocupações caracterizadas como “colarinho azul”, que envolvem trabalho manual ou mecânico: construção civil e indústrias extrativas e produção e transportes. Esse conjunto observou, no geral, uma redução absoluta do nível de emprego e estagnação dos salários nativos.

É difícil atribuir essa estagnação exclusivamente à presença de imigrantes. A disponibilidade da força de trabalho imigrante na produção, construção e transportes a salários mais baixos que o padrão, associada à queda na demanda por trabalho nesses segmentos, com certeza reduz o poder de barganha dos trabalhadores nativos. Ainda assim, não é possível afirmar que, na ausência dos operários imigrantes, o emprego e os salários teriam crescido. Além disso, nota-se que os salários nativos nos serviços cresceram mesmo com as altas parcelas de imigrantes na força de trabalho. Isto sugere que o efeito da reestruturação industrial sobre a demanda por trabalho é mais importante na formação salarial do que a expansão da oferta por parte dos imigrantes.

A segunda parte do Capítulo 2 dedica-se a uma análise mais detalhada da competição entre imigrantes e nativos menos qualificados no mercado de trabalho nas cidades com presença imigrante vis-à-vis as demais cidades, reproduzindo o estudo de Altonji e Card (1991) com dados de 2000, 2010 e 2018. Os resultados reforçam o indicado pela seção anterior: a reestruturação do emprego na economia ampliou a competição entre homens nativos pouco escolarizados e imigrantes ao longo do período. Apesar da concentração dos trabalhadores imigrantes em ocupações de baixa especialização, não há indícios de competição exacerbada com os trabalhadores menos escolarizados nascidos nos EUA, com exceção da população nativa latina, descendente de gerações anteriores de imigrantes latino-americanos.

O Capítulo 3 volta a análise a três dimensões que afetam a relação entre imigração e poder de barganha dos trabalhadores. Primeiro, nota-se que embora a imigração de trabalhadores seja geralmente interpretada como um fenômeno exógeno do lado da oferta, as perspectivas desde os mercados segmentados sugerem que o trabalho imigrante não é exógeno, mas uma parte funcional real do sistema econômico atual. A fácil disponibilidade de mão-de-obra não qualificada para os setores da construção e manufatura trazida pela imigração é congruente às estratégias corporativas empregadas desde os anos 1980 para aumentar a flexibilidade da força de trabalho e reduzir os custos do trabalho na produção. Apesar da crescente debilidade dos sindicatos enquanto atores na determinação salarial nos EUA, nos

setores em que estão presentes ainda são instrumentos para combater cortes nos salários e benefícios. O resultado é uma disparidade entre salários de imigrantes e trabalhadores nativos em alguns segmentos. Nos serviços, tradicionalmente não sindicalizados, há relatos de iniciativas de organização coletiva de trabalhadores, com a participação dos e das trabalhadoras imigrantes. Contudo, essas iniciativas ainda são limitadas no poder de determinação salarial. Em suma, o quadro do poder de barganha dos trabalhadores é desfavorável, tendo em vista o aumento da participação dos serviços de baixos salários na estrutura ocupacional (discutido no Capítulo 2), a redução da porção de empregos seguros e bem remunerados (seção 3.1) e os desafios para barganha coletiva (seção 3.2). Nesse contexto, o salário mínimo é cada vez mais relevante para proteger trabalhadores nativos e imigrantes da competição entre si e garantir ganhos salariais para os trabalhadores nas posições mais vulneráveis do mercado de trabalho.

Em síntese, esta dissertação busca contribuir para o debate sobre as implicações da imigração no mercado de trabalho estadunidense, mostrando como elementos destacados pela literatura institucionalista heterodoxa ajudam a interpretar o processo, embora sejam pouco abordados nos trabalhos recentes sobre o assunto. A imigração de trabalhadores não é e não pode ser interpretada como um simples “choque de oferta”. A reestruturação industrial e a imigração de trabalhadores para os Estados Unidos estão relacionadas em pelo menos dois sentidos. O primeiro diz respeito à compatibilidade entre a composição dos trabalhadores imigrantes e as qualificações demandadas pelo sistema econômico: cada vez mais polarizadas entre serviços profissionais especializados e serviços manuais e de baixa qualificação. O segundo diz respeito ao papel atribuído ao trabalho migrante não especializado na segmentação do mercado de trabalho, com aumento da precarização do emprego. O status de imigrante, em associação com dinâmicas de discriminação racial, coloca uma parcela dos trabalhadores estrangeiros menos qualificados, em sua maioria latino-americanos, em posição de maior vulnerabilidade.

É difícil separar o papel da presença de imigrantes nos mercados de trabalho não especializado de outros processos no contexto institucional do mercado de trabalho que apontam para uma perda do poder de barganha dos trabalhadores. A especialização ocupacional de migrantes versus nativos, a segmentação de mercados e o movimento sindical são três elementos que protegem parcelas dos trabalhadores nativos da exposição à imigração no mercado de trabalho e possíveis perdas salariais. No entanto, a tendência que se apresenta é a erosão da proteção via esses três processos. Se as mudanças na estrutura ocupacional direcionam os trabalhadores de ocupações na indústria e serviços técnicos para serviços básicos mal remunerados, a quantidade de trabalhadores nativos expostos à competição com

trabalhadores migrantes não especializados deve ser cada vez maior. Uma vez que cresce o segmento de baixos salários, no entanto, a estratégia precisa passar pelo impulsionamento do poder de barganha dos trabalhadores tanto nativos quanto imigrantes, seja desde o movimento organizado de trabalhadores ou desde a regulação do Estado. Isto é ainda mais importante ao se considerar que, enquanto o trabalho de imigrantes não qualificados e frequentemente em situação irregular se mantiver funcional às firmas, políticas de imigração restritivas estão fadadas ao fracasso. O salário mínimo institucional segue sendo uma ferramenta à disposição da sociedade estadunidense para garantir o padrão de vida mínimo para seus trabalhadores mais vulneráveis, nascidos ou não nos EUA.

## REFERÊNCIAS

- ALTONJI, J.; CARD, D. The effects of immigration on the labor market outcomes of less-skilled natives. *In*: ABOWD, J. M.; FREEMAN, R. B. (org.). **Immigration, trade, and the labor market**. Chicago: University of Chicago Press, 1991. (A National Bureau of Economic Research project report).p. 201–234. *E-book*.
- ANGRIST, J. D.; KUGLER, A. D. Protective or counter-productive? labour market institutions and the effect of immigration on natives. **The Economic Journal**, [S. l.], v. 113, n. 488, p. F302–F331, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/1468-0297.00136>
- APPELBAUM, E. The labor market in Post-Keynesian theory. *In*: PIORE, M. (org.). **Unemployment and Inflation: institutionalist and structuralist views**. White Plains: M. E. Sharpe, 1979. *E-book*.
- AUTOR, D. **The Polarization of Job Opportunities in the U.S. Labor Market**. [S. l.]: The Hamilton Project and the Center for American Progress, 2010. *E-book*. Disponível em: <https://economics.mit.edu/files/5554>. Acesso em: 9 set. 2019.
- BLS. FOREIGN-BORN WORKERS: LABOR FORCE CHARACTERISTICS—2018. Washington, DC, p. 14, 2019.
- BLS. **SOC 2010 User Guide**. Washington, DC: U. S. Bureau of Labor Statistics, 2010. Disponível em: [https://www.bls.gov/soc/soc\\_2010\\_user\\_guide.pdf](https://www.bls.gov/soc/soc_2010_user_guide.pdf). Acesso em: 5 ago. 2020.
- BORJAS, G. J. *et al.* How Much Do Immigration and Trade Affect Labor Market Outcomes? **Brookings Papers on Economic Activity**, [S. l.], v. 1997, n. 1, p. 1, 1997. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/2534701>
- BORJAS, G. J. The Labor Demand Curve is Downward Sloping: Reexamining the Impact of Immigration on the Labor Market. **The Quarterly Journal of Economics**, [S. l.], v. 118, n. 4, p. 1335–1374, 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1162/003355303322552810>
- BORJAS, G. J.; FREEMAN, R. B. From Immigrants to Robots: The Changing Locus of Substitutes for Workers. **The Russell Sage Foundation Journal of the Social Sciences**, [S. l.], v. 5, n. 5, p. 32, 2019.
- BOSCH, G.; GAUTIÉ, J. Low wage work in five European countries and the USA: the role of national institutions. **Cuadernos de Relaciones Laborales**, [S. l.], v. 29, n. 2, p. 303–335, 2011.
- BOSTON, T. D. Segmented Labor Markets: New Evidence from a Study of Four Race-Gender Groups. **ILR Review**, [S. l.], v. 44, n. 1, p. 99–115, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/001979399004400107>
- BURNHAM, L.; THEODORE, N. **Home Economics: The Invisible and Unregulated World of Domestic Work**. New York: National Domestic Workers Alliance, 2012. Disponível em: <https://www.ilo.org/dyn/migpractice/docs/238/Report.pdf>. Acesso em: 7 jul. 2020.
- CAPPS, R.; FIX, M. E.; PASSEL, J. S. The Dispersal of Immigrants in the 1990s. **Immigrant Families and Workers: Facts and Perspectives**, [S. l.], v. Brief no. 2, p. 2, 2002.

CARD, D. The Impact of the Mariel Boatlift on the Miami Labor Market. **ILR Review**, [S. l.], v. 43, n. 2, p. 245–257, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/001979399004300205>

CARD, D. Immigrant inflows, Native Outflows, and the Local Market Impacts of Higher Immigration. **Journal of Labor Economics**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 22–64, 2001.

CARD, D. Immigration and Inequality. **American Economic Review**, [S. l.], v. 99, n. 2, p. 1–21, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/aer.99.2.1>

CARD, D.; KRUEGER, A. B. Time-Series Minimum-Wage Studies: A Meta-analysis. **American Economic Review**, [S. l.], v. 85, n. 2, p. 238–243, 1995.

CARD, D.; KRUEGER, A. B. **Myth and Measurement**. Princeton: Princeton University Press, 1997. *E-book*.

CHAMPLIN, D.; HAKE, E. Immigration as industrial strategy in American meatpacking. **Review of Political Economy**, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 49–70, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09538250500354140>

CONSTANT, A. Do migrants take the jobs of native workers? **IZA World of Labour**, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15185/izawol.10>

CORTES, K. E. Wage Effects on Immigrants from an Increase in the Minimum Wage Rate: An Analysis by Immigrant Industry Concentration. [S. l.], p. 31, 2004.

D'AMURI, F.; PERI, G. Immigration, Jobs, and Employment Protection: Evidence from Europe before and during the Great Recession. **Journal of the European Economic Association**, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 432–464, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/jeea.12040>

DE SILVA, D. G. *et al.* The Effect of Migration on Wages: Evidence from a Natural Experiment. **American Economic Review**, [S. l.], v. 100, n. 2, p. 321–326, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/aer.100.2.321>

DELGADO, H. Unions and immigrants. *In*: GOLD, S. J.; NAWYN, S. J. (ed.). **Routledge International Handbook of Migration Studies**. New York: Routledge, 2013. p. 131–144. *E-book*.

DOERINGER, P. B.; PIORE, M. J. **Internal Labor Markets and Manpower Analysis**. White Plains: M.E. Sharpe, 1985.

DOUCOULIAGOS, H.; STANLEY, T. D. Publication Selection Bias in Minimum-Wage Research? A Meta-Regression Analysis. **British Journal of Industrial Relations**, [S. l.], v. 47, n. 2, p. 406–428, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-8543.2009.00723.x>

DUNLOP, J. T. THE TASK OF CONTEMPORARY WAGE THEORY. *In*: **The theory of wage determination**. London: Palgrave Macmillan, 1957. p. 3–27. *E-book*.

DUSTMANN, C.; FRATTINI, T.; PRESTON, I. A study of migrant workers and the national minimum wage and enforcement issues that arise. [S. l.], p. 92, 2007.

DUSTMANN, C.; GLITZ, A.; FRATTINI, T. The labour market impact of immigration. **Oxford Review of Economic Policy**, [S. l.], v. 24, n. 3, p. 477–494, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxrep/grn024>

DUSTMANN, C.; SCHÖNBERG, U.; STUHLER, J. The Impact of Immigration: Why Do Studies Reach Such Different Results? **Journal of Economic Perspectives**, [S. l.], v. 30, n. 4, p. 31–56, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/jep.30.4.31>

EDO, A. How do rigid labor markets absorb immigration? Evidence from France. **IZA Journal of Migration**, [S. l.], v. 5, n. 1, p. 7, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s40176-016-0055-1>

EDO, A. The Impact of Immigration on the Labor Market. **Journal of Economic Surveys**, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 922–948, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/joes.12300>

EDO, A. *et al.* The Effects of Immigration in Developed Countries: Insights from Recent Economic Research. **CEPII Policy Brief**, [S. l.], v. 22, p. 24, 2018.

EDO, A.; RAPOPORT, H. Minimum Wages and the Labor Market Effects of Immigration. **IZA DP No. 11778**, [S. l.], 2018.

FAN, M.; PENA, A. A. Do minimum wage laws affect those who are not covered? Evidence from agricultural and non-agricultural workers. **PLOS ONE**, [S. l.], v. 14, n. 10, p. e0221935, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0221935>

FLOOD, S.; KING, M.; RODGERS, R.; RUGGLES, S.; WARREN, J. R.. **Integrated Public Use Microdata Series, Current Population Survey: Version 7.0** [dataset]. Minneapolis, MN: IPUMS, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.18128/D030.V7.0>>.

FREEMAN, R. B. Globalization and Inequality. *In: Handbook of Economic Inequality*. [S. l.]: Oxford University Press, 2011. *E-book*. Disponível em: <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199606061.013.0023>. Acesso em: 12 maio. 2019.

FREEMAN, R. B.; KATZ, L. F. Industrial Wage and Employment Determination in an Open Economy. *In: ABOWD, J. M.; FREEMAN, R. B. (org.). Immigration, trade, and the labor market*. Chicago: University of Chicago Press, 1991. (A National Bureau of Economic Research project report).p. 235–259. *E-book*.

FRIEDBERG, R. M.; HUNT, J. The Impact of Immigrants on Host Country Wages, Employment and Growth. **Journal of Economic perspectives**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 23–44, 1995.

Full Transcripts: Trump’s Speech on Immigration and the Democratic Response. **The New York Times**, New York, 8 jan. 2019. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2019/01/08/us/politics/trump-speech-transcript.html>>. Acesso em: 30 ago. 2019.

GLEICHER, D.; STEVANS, L. K. Net Employment Reserves and Occupational Wage Rate Determination. **Journal of Post Keynesian Economics**, [S. l.], v. 15, n. 1, p. 125–146, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/01603477.1992.11489930>

GROSSMAN, J. B. The Substitutability of Natives and Immigrants in Production. **The Review of Economics and Statistics**, [S. l.], v. 64, n. 4, p. 596–603, 1982. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/1923944>

HUDSON, K. The new labor market segmentation: Labor market dualism in the new economy. **Social Science Research**, [S. l.], v. 36, n. 1, p. 286–312, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2005.11.005>

INGLEHART, R.; HAERPFER, C.; MORENO, A.; WELZEL, C.; KIZILOVA, K.; DIEZ-MEDRANO, J.; LAGOS, M.; NORRIS, P.; PONARIN, E. & B. PURANEN et al. (eds.). **World Values Survey: All Rounds - Country-Pooled Datafile Version**: <http://www.worldvaluessurvey.org/WVSDocumentationWVL.jsp>. Madrid: JD Systems Institute, 2014.

IOM. **Global Migration Data Portal**. [s. l.], 2020. Disponível em: <https://migrationdataportal.org/>. Acesso em: 31 jan. 2020.

KAUFMAN, B. E. The institutional and neoclassical schools in labor economics. In: DELL P. CHAMPLIN (ed.). **The Institutional Tradition in Labor Economics**. [S. l.]: M. E. Sharpe, 2004. *E-book*.

KAUFMAN, B. E. Institutional economics and the minimum wage: broadening the theoretical and policy debate. **Industrial and Labor Relations Review**, [S. l.], v. 63, n. 3, p. 427–453, 2010.

KÖHLER, C.; GOETZELT, I.; SCHRÖDER, T. Firm-employment systems and labour market segmentation – An old approach to a new debate? In: KÖHLER, C. (ed.). **Trends in employment stability and labour market segmentation**. Jena: SFB, 2006. p. 22–35. *E-book*.

KRISSMAN, F. “Them” or “Us”? Assessing Responsibility for Undocumented Migration from Mexico. [S. l.], 2001. Disponível em: <https://escholarship.org/uc/item/09h369sq#author>. Acesso em: 11 fev. 2020.

KRISTAL, T. The Capitalist Machine: Computerization, Workers’ Power, and the Decline in Labor’s Share within U.S. Industries. **American Sociological Review**, [S. l.], v. 78, n. 3, p. 361–389, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0003122413481351>

KRUGMAN, P. R. Trade and Wages, Reconsidered. **Brookings Papers on Economic Activity**, [S. l.], v. 2008, n. 1, p. 103–154, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1353/eca.0.0006>

LAVOIE, M. **Post-Keynesian economics: new foundations**. Paperback ed. reprinted with amendments ed. Cheltenham: Elgar, 2015. *E-book*.

LEE, D. S. Wage inequality and the minimum wage. **The Quarterly Journal of Economics**, [S. l.], v. 114, n. 3, p. 977–1023, 1999.

LEVRERO, E. Marx on Absolute and Relative Wages and the Modern Theory of Distribution. **Review of Political Economy**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 91–116, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/09538259.2013.737126>

MARX, K. Salário, preço e lucro. *In*: MARX, K.; ENGELS, F. **Textos**. São Paulo: Edições Sociais, 1977. v. 3.

MARX, K. **O Capital: crítica da economia política**. São Paulo: Abril, 1983. (Os economistas).v. 1.

MEDEIROS, C. A. D. **Padrões de industrialização e ajuste estrutural: um estudo comparativo dos regimes salariais em capitalismo tardios**. 1992. Dissertação - Unicamp, São Paulo, 1992.

MEDEIROS, C. A. D. A influência do salário mínimo sobre a taxa de salários no Brasil na última década. **Economia e Sociedade**, Campinas, v. 24, n. 2 (54), p. 263–292, 2015.

MEDEIROS, C. A. de; TREBAT, N. Inequality and Income Distribution in Global Value Chains. **Journal of Economic Issues**, [S. l.], v. 51, n. 2, p. 401–408, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00213624.2017.1320916>

MILKMAN, R. Immigrant Workers, Precarious Work, and the US Labor Movement. **Globalizations**, [S. l.], v. 8, n. 3, p. 361–372, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/14747731.2011.576857>

NELSON, L.; TRAUTMAN, L.; NELSON, P. B. Latino Immigrants and Rural Gentrification: Race, “Illegality,” and Precarious Labor Regimes in the United States. **Annals of the Association of American Geographers**, [S. l.], v. 105, n. 4, p. 841–858, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/00045608.2015.1052338>

OCDE. **An overview of growing income inequality in OECD countries: main findings**. [S. l.]: OECD Publishing, 2011. *E-book*.

ORRENIUS, P. M.; ZAVODNY, M. Does immigration affect wages? A look at occupation-level evidence. **Labour Economics**, [S. l.], v. 14, n. 5, p. 757–773, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.labeco.2006.09.006>

OSTRY, J.; BERG, A.; TSANGARIDES, C. Redistribution, Inequality, and Growth. **Staff Discussion Notes**, [S. l.], v. 14, n. 02, p. 1, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.5089/9781484352076.006>

OTTAVIANO, G. I. P.; PERI, G. Rethinking the Effect of Immigration on Wages. **Journal of the European Economic Association**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. 152–197, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1542-4774.2011.01052.x>

OTTAVIANO, G. I. P.; PERI, G.; WRIGHT, G. C. Immigration, Offshoring, and American Jobs. **American Economic Review**, [S. l.], v. 103, n. 5, p. 1925–1959, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/aer.103.5.1925>

PARRADO, E. A.; KANDEL, W. Industrial change, Hispanic immigration, and the internal migration of low-skilled native male workers in the United States, 1995–2000. **Social Science Research**, [S. l.], v. 40, n. 2, p. 626–640, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.ssresearch.2010.11.001>

PEDACE, R. Immigration, Labor Market Mobility, and the Earnings of Native-Born Workers. **American Journal of Economics and Sociology**, [S. l.], v. 65, n. 2, p. 313–345, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1536-7150.2006.00453.x>

PERI, G. Do immigrant workers depress the wages of native workers? **IZA World of Labor**, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15185/izawol.42>. Acesso em: 2 set. 2019.

PERI, G.; SPARBER, C. Task Specialization, Immigration, and Wages. **American Economic Journal: Applied Economics**, [S. l.], v. 1, n. 3, p. 135–169, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1257/app.1.3.135>

PÉTIT, H. Is the concept of labour market segmentation still accurate? **Économies et sociétés.**, [S. l.], v. XLI, n. 28, Série AB, Économie du travail, ISMEA, p. 891–896, 2007.

PIKETTY, T. **O capital no século XXI**. [S. l.]: Editora Intrínseca, 2014. *E-book*.

PIORE, M. Wage determination in low wage markets. *In*: PIORE, M. (org.). **Unemployment and Inflation: institutionalist and structuralist views**. White Plains: M. E. Sharpe, 1979 a.

PIORE, M. Unemployment and Inflation: an alternative view. *In*: PIORE, M. (org.). **Unemployment and Inflation: institutionalist and structuralist views**. White Plains: M. E. Sharpe, 1979 b.

PIORE, M. **Birds of Passage: migrant labor and industrial societies**. Cambridge, MA: Cambridge University Press, 1979 c.

PIORE, M. Foreign Workers. *In*: PIORE, M. (org.). **Unemployment and Inflation: institutionalist and structuralist views**. White Plains: M. E. Sharpe, 1979 d.

PIORE, M. The Shifting Grounds for Immigration. **Annals of the American Academy of Political and Social Science**, [s.l.], v. 485, p. 23–33, 1986.

PIVETTI, M.; BARBA, A. **La scomparsa della Sinistra in Europa**. Reggio Emilia: Imprimatur, 2016. *E-book*.

PORTES, A.; RUMBAUT, R. G. **Immigrant America: a portrait**. 4. ed. Oakland: University of California Press, 2014. *E-book*.

REICH, M.; GORDON, D.; EDWARDS, R. Dual Labor Markets: A Theory of Labor Market Segmentation. **American Economic Review**, [S. l.], v. 63, n. 2, p. 359–365, 1973.

RUBERY, J. Structured labour markets, worker organisation and low pay. **Cambridge Journal of Economics**, [S. l.], n. 2, p. 17–36, 1978.

RUGGLES, S.; FLOOD S.; GOEKEN R.; GROVER, J.; MEYER E.; PACAS J.; SOBEK M. **IPUMS USA: Version 10.0 [dataset]**. Minneapolis, MN: IPUMS, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18128/D010.V10.0>.

SOUZA, P. R.; BALTAR, P. E. Salário mínimo e taxa de salários no Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 629-659, dez. 1979. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/handle/11058/6982>. Acesso em: 3 jan. 2020.

STANSBURY, A.; SUMMERS, L. **The Declining Worker Power Hypothesis: An Explanation for the Recent Evolution of the American Economy**. Cambridge, MA: National Bureau of Economic Research, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3386/w27193>. Acesso em: 16 jul. 2020.

STEVANS, L. K. Immigration and Occupational Crowding in the United States. **Labour**, [S. l.], v. 10, n. 2, p. 357–374, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/j.1467-9914.1996.tb00089.x>

TAFT, P. Workers of a New Century. *In*: MORRIS, R. B. (ed.). **A History of the American Worker**. Princeton: Princeton University Press, 1983. p. 115–149. *E-book*.

UN DESA. **International Migrant Stock Data: The 2017 Revision**. (United Nations database, POP/DB/MIG/Stock/Rev.2017). New York: UNDESA, 2019.

WIENER, N. **Diversity in Segmentation**. Patterns of Immigrant Competition in US Labor Markets. NSSR, Working Paper 01/2019. New York, p. 27, 2019.

ZAVODNY, M. Who benefits from the minimum wage—natives or migrants? **IZA World of Labor**, [S. l.], 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.15185/izawol.98>. Acesso em: 18 ago. 2018.

## APÊNDICE A – Distribuição ocupacional da força de trabalho nativa e imigrante

Grupos ocupacionais conforme o BLS	1994-2019		2015-2019	
	Imigrantes	Nativos	Imigrantes	Nativos
<b>Gestão e Negócios</b>	<b>11,00%</b>	<b>16,34%</b>	<b>12,15%</b>	<b>17,51%</b>
Ocupações de gestão	7,80%	11,77%	8,45%	12,21%
Operações financeiras e comerciais	3,20%	4,57%	3,70%	5,29%
<b>Profissionais</b>	<b>18,02%</b>	<b>21,78%</b>	<b>20,21%</b>	<b>24,17%</b>
Computação e Matemática	3,56%	2,16%	4,83%	2,76%
Arquitetura e Engenharia	2,16%	1,98%	2,22%	2,01%
Ciências, Exatas, Naturais e Sociais	1,23%	1,06%	1,27%	0,91%
Serviços sociais e comunitários	0,88%	1,64%	0,94%	1,92%
Ciências Jurídicas	0,45%	1,22%	0,47%	1,32%
Educação, Treinamento e Bibliotecas	3,56%	6,54%	3,72%	6,91%
Artes, Design, Entretenimento, Esportes e Mídia	1,42%	2,00%	1,45%	2,23%
Profissionais e técnicos de saúde	4,76%	5,19%	5,29%	6,10%
<b>Suporte administrativo e de vendas</b>	<b>17,13%</b>	<b>25,55%</b>	<b>15,53%</b>	<b>23,23%</b>
Vendas e afins	8,80%	11,74%	7,95%	10,80%
Suporte administrativo	8,33%	13,82%	7,58%	12,44%
<b>Produção e Transportes</b>	<b>17,30%</b>	<b>12,61%</b>	<b>15,32%</b>	<b>11,14%</b>
Produção de bens	9,98%	6,31%	7,73%	5,16%
Transporte e movimentação de materiais	7,32%	6,30%	7,59%	5,98%
<b>Recursos Naturais, Construção e Manutenção</b>	<b>13,38%</b>	<b>8,84%</b>	<b>13,54%</b>	<b>7,99%</b>
Agropecuária, pesca e florestal	1,78%	0,51%	1,69%	0,52%
Extração	0,08%	0,14%	0,08%	0,13%
Construção	8,60%	4,63%	9,01%	4,10%
Instalação, Manutenção e Reparação	2,93%	3,57%	2,76%	3,24%
<b>Ocupações de Serviços</b>	<b>23,17%</b>	<b>14,87%</b>	<b>23,26%</b>	<b>15,96%</b>
Apoio à saúde	2,64%	2,13%	2,69%	2,28%
Serviços de proteção e segurança	0,91%	2,15%	0,90%	2,18%
Cuidados e serviços pessoais	3,80%	2,92%	4,71%	3,55%
Limpeza e manutenção predial e de Terrenos	8,10%	2,85%	8,01%	2,75%
Serviços de alimentação	7,71%	4,82%	6,96%	5,20%
<b>Ocupações civis (total)</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>	<b>100,00%</b>

## APÊNDICE B – Estimação do *gap* salarial de imigrantes

Conforme descrito na seção 2.1.1, as análises de regressão apresentadas aqui utilizaram os microdados do suplemento de março da CPS (ASEC) entre 1994 e 2019. A amostra foi restringida aos trabalhadores ocupados com valores positivos para os salários horários. A tabela abaixo mostra a porcentagem média de trabalhadores que recebem salários horários entre o total de ocupados por categoria:

*Porcentagem dos trabalhadores assalariados que recebem salários por hora, média para o período 1994-2019:*

<b>Grupo ocupacional</b>	<b>Nativos</b>	<b>Imigrantes</b>
Gestão e Negócios	25%	22%
Profissionais	40%	34%
Suporte administrativo e de vendas	64%	60%
Construção, Manutenção e Recursos Naturais	76%	73%
Produção e Transportes	80%	79%
Ocupações de Serviço	79%	75%
<b>Todas as ocupações civis</b>	<b>58%</b>	<b>60%</b>

*Descrição das variáveis utilizadas:*

<b>Variável</b>	<b>Código CPS-IPUMS</b>	<b>Valores</b>
<b>Dependente:</b> Log do salário por hora	HOURWAGE*CPI99	Média: 2,328 Desvio Padrão: 0,498
<b>Independente:</b> Nascido no exterior	CITIZEN	0 = Cidadão nascido nos EUA 1 = Cidadão naturalizado estrangeiro ou não-cidadão
<b>Dummies individuais:</b> Membro de sindicato Mulher Negro	UNION SEX RACE	0 = Não 1 = Sim
Ocupação	OCC2010	452 ocupações civis
Escolaridade	EDUC	Ensino médio incompleto, Ensino médio completo, Ensino superior incompleto, Diploma Tecnólogo, Ensino superior completo, Diploma profissional, Mestrado, Doutorado
Faixa Etária	AGE	16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 45 anos, 46 a 55 anos, 56 a 65 anos, mais de 65 anos

**Resultados:**

Modelo 1 – Efeitos fixos, amostra completa, 1994-2019

	<b>Gestão e Negócios</b>	<b>Profissionais</b>	<b>Comércio e Sup. Admin.</b>	<b>Construção e Rec. Naturais</b>	<b>Produção e Transportes</b>	<b>Serviços</b>
<b>Variável independente</b>						
Nascido no exterior	-0,0074 (0,0136)	-0,0083 (0,008)	-0,0064 (0,0047)	-0,0579*** (0,007)	-0,0682*** (0,0052)	0,0256*** (0,0048)
<b>Variáveis de controle</b>						
Ocupações detalhadas	46	110	67	75	100	54
Educação	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Faixa etária	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Efeitos fixos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>R<sup>2</sup> ajustado</b>	0,263	0,408	0,329	0,33	0,28	0,349
<b>N</b>	13585	33001	60182	25881	42048	47781

\* p-valor<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. O erro padrão do coeficiente está entre parênteses.

Modelo 2 – Efeitos fixos, homens de 18-65 anos, 1994-2019

	<b>Gestão e Negócios</b>	<b>Profissionais</b>	<b>Comércio e Sup. Admin.</b>	<b>Construção e Rec. Naturais</b>	<b>Produção e Transportes</b>	<b>Serviços</b>
<b>Variável independente</b>						
Nascido no exterior	-0,0176 (0,0227)	-0,0243 (0,0144)	-0,0408*** (0,0092)	-0,0627*** (0,0073)	-0,0789*** (0,0064)	0,0099 (0,0081)
<b>Variáveis de controle</b>						
Ocupações detalhadas	46	110	67	75	100	54
Educação	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Faixa etária	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Efeitos fixos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>R<sup>2</sup> ajustado</b>	0,296	0,385	0,33	0,306	0,274	0,364
<b>N</b>	4928	9453	14992	24065	29489	17277

\* p-valor<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. O erro padrão do coeficiente está entre parênteses.

Modelo 3 – Efeitos fixos, amostra completa, 2015-2019

	Gestão e Negócios	Profissionais	Comércio e Sup. Admin.	Construção e Rec. Naturais	Produção e Transportes	Serviços
<b>Variável independente</b>						
Nascido no exterior	0,0343 (0,0305)	0,0346 (0,0177)	0,0023 (0,0115)	-0,0511** (0,0161)	-0,0389** (0,0132)	0,0385*** (0,0110)
<b>Variáveis de controle</b>						
Ocupações detalhadas	46	110	67	75	100	54
Educação	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Faixa etária	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Efeitos fixos	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>R<sup>2</sup> ajustado</b>	0,230	0,349	0,308	0,289	0,252	0,285
<b>N</b>	2619	6210	9181	4104	5945	8552

\* p-valor<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. O erro padrão do coeficiente está entre parênteses.

Modelo 4 – Efeitos fixos, amostra completa, 1994-2019

	Gestão e Negócios	Profissionais	Comércio e Sup. Admin.	Construção e Rec. Naturais	Produção e Transportes	Serviços
<b>Variáveis independentes</b>						
Nascido no exterior	-0,0147 (0,0134)	-0,0137 (0,0079)	-0,0094* (0,0047)	-0,0565*** (0,0067)	-0,0638*** (0,0050)	0,0145** (0,0047)
Membro de sindicato	0,1354*** (0,0135)	0,1736*** (0,0067)	0,2064*** (0,0048)	0,2597*** (0,0056)	0,2272*** (0,0044)	0,2073*** (0,0059)
Mulher	-0,1301*** (0,0078)	-0,1137*** (0,0059)	-0,0748*** (0,0031)	-0,1339*** (0,0109)	-0,1696*** (0,0043)	0,0832*** (0,0041)
Negro(a)	-0,0577*** (0,0116)	-0,0949*** (0,0078)	-0,0164*** (0,0039)	-0,1207*** (0,0092)	-0,0671*** (0,0051)	0,0346*** (0,0049)
<b>Variáveis de controle</b>						
Ocupações detalhadas	46	110	67	75	100	54
Educação	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Faixa etária	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Ef. fixos ano	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
<b>R<sup>2</sup> ajustado</b>	0,285	0,429	0,357	0,388	0,352	0,372
<b>N</b>	13585	33001	60182	25881	42048	47781

\* p-valor<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. O erro padrão do coeficiente está entre parênteses.

Modelo 5 – Mínimos quadrados ordinários, amostra completa, 1994-2019

	<b>Gestão e Negócios</b>	<b>Profissionais</b>	<b>Comércio e Sup. Admin.</b>	<b>Construção e Rec. Naturais</b>	<b>Produção e Transportes</b>	<b>Serviços</b>
<b>Variável independente</b>						
Status: nascido no exterior	-0,0051 (0,0137)	-0,0086 (0,008)	-0,0054 (0,0048)	-0,0557*** (0,0069)	-0,0681*** (0,0052)	0,0308*** (0,0048)
<b>Controles</b>						
Ocupação detalhada	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Educação	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Faixa etária	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim
Efeitos fixos	Não	Não	Não	Não	Não	Não
<b>R<sup>2</sup> ajustado</b>	0,257	0,406	0,324	0,328	0,277	0,344
<b>N</b>	13585	33001	60182	25881	42048	47781

\* p-valor<0.05, \*\* p<0.01, \*\*\* p<0.001. O erro padrão do coeficiente está entre parênteses.

## APÊNDICE C – Lista de cidades com alta e baixa imigração

### Cidades de alta imigração, 2010

Rank	Cidade (Área estatística metropolitana)	% Imigrante	Var. 2000-2010
1	miami-fort lauderdale-west palm beach, fl	47.8%	6.7%
2	san jose-sunnyvale-santa clara, ca	47.7%	7.5%
3	los angeles-long beach-anaheim, ca	44.1%	3.1%
4	salinas, ca	40.0%	7.7%
5	mcallen-edinburg-mission, tx	38.7%	5.2%
6	san francisco-oakland-hayward, ca	36.7%	5.5%
7	new york-newark-jersey city, ny-nj-pa	36.0%	5.2%
8	visalia-porterville, ca	33.6%	8.0%
9	fresno, ca	32.3%	8.0%
10	oxnard-thousand oaks-ventura, ca	31.3%	8.5%
11	el paso, tx	30.9%	1.2%
12	riverside-san bernardino-ontario, ca	30.7%	7.0%
13	stockton-lodi, ca	30.4%	8.3%
14	santa maria-santa barbara, ca	29.9%	6.7%
15	houston-the woodlands-sugar land, tx	29.7%	7.9%
16	las vegas-henderson-paradise, nv	29.1%	9.0%
17	trenton, nj	28.9%	11.1%
18	bakersfield, ca	28.9%	6.9%
19	san diego-carlsbad, ca	28.8%	4.5%
20	washington-arlington-alexandria, dc-va-m	28.5%	7.8%

### Cidades de baixa imigração, 2010

Rank	City	% Immigrant	Change
81	indianapolis-carmel-anderson, in	8.1%	4.3%
82	deltona-daytona beach-ormond beach, fl	8.1%	1.0%
83	omaha-council bluffs, ne-ia	7.9%	3.6%
84	virginia beach-norfolk-newport news, va-	7.8%	2.2%
85	greenville-anderson-mauldin, sc	7.7%	3.6%
86	ogden-clearfield, ut	7.6%	2.1%
87	memphis, tn-ms-ar	7.5%	3.1%
88	boise city, id	7.5%	2.6%
89	charleston-north charleston, sc	7.4%	2.7%
90	milwaukee-waukesha-west allis, wi	7.2%	2.0%
91	cleveland-elyria, oh	7.2%	1.7%
92	pensacola-ferry pass-brent, fl	7.1%	2.3%
93	little rock-north little rock-conway, ar	6.8%	3.8%
94	birmingham-hoover, al	6.8%	4.3%
95	louisville/jefferson county, ky-in	6.5%	3.2%
96	buffalo-cheektowaga-niagara falls, ny	6.5%	2.2%

**Cidades de baixa imigração, 2010 (continuação)**

97	spokane-spokane valley, wa	6.1%	1.2%
98	lansing-east lansing, mi	6.1%	3.1%
99	st. louis, mo-il	5.7%	1.9%
100	lancaster, pa	5.7%	2.3%
101	augusta-richmond county, ga-sc	5.6%	2.2%
102	syracuse, ny	5.4%	1.1%
103	chattanooga, tn-ga	5.4%	2.1%
104	cincinnati, oh-ky-in	5.3%	2.1%
105	harrisburg-carlisle, pa	5.3%	1.2%
106	baton rouge, la	5.2%	2.1%
107	toledo, oh	5.1%	2.3%
108	scranton--wilkes-barre--hazleton, pa	5.0%	3.3%
109	mobile, al	5.0%	1.6%
110	dayton, oh	4.4%	1.1%
111	knoxville, tn	4.4%	2.0%
112	akron, oh	4.3%	1.0%
113	lafayette, la	4.2%	1.1%
114	shreveport-bossier city, la	4.2%	2.0%
115	york-hanover, pa	4.1%	1.5%
116	springfield, mo	3.9%	1.9%
117	pittsburgh, pa	3.7%	1.2%
118	portland-south portland, me	3.7%	0.7%
119	canton-massillon, oh	2.3%	0.8%
120	youngstown-warren-boardman, oh-pa	1.7%	-0.4%

**Outras cidades na amostra:**

Rank	City	% Immigrant	Change
21	vallejo-fairfield, ca	27.7%	6.5%
22	modesto, ca	27.3%	5.0%
23	bridgeport-stamford-norwalk, ct	26.2%	5.6%
24	dallas-fort worth-arlington, tx	23.7%	6.4%
25	urban honolulu, hi	23.7%	1.9%
26	chicago-naperville-elgin, il-in-wi	23.1%	4.0%
27	sacramento--roseville--arden-arcade, ca	22.0%	6.9%
28	orlando-kissimmee-sanford, fl	21.1%	6.8%
29	cape coral-fort myers, fl	21.0%	10.7%
30	santa rosa, ca	20.7%	4.2%
31	boston-cambridge-newton, ma-nh	20.0%	5.2%
32	seattle-tacoma-bellevue, wa	19.8%	5.6%
33	reno, nv	19.4%	2.8%
34	atlanta-sandy springs-roswell, ga	18.7%	6.6%
35	phoenix-mesa-scottsdale, az	18.0%	3.6%
36	austin-round rock, tx	17.3%	3.6%

37	tucson, az	16.5%	3.0%
38	tampa-st. petersburg-clearwater, fl	16.2%	5.4%
39	san antonio-new braunfels, tx	15.8%	4.8%
40	salt lake city, ut	15.8%	4.5%
41	portland-vancouver-hillsboro, or-wa	15.6%	3.8%
42	hartford-west hartford-east hartford, ct	15.4%	3.5%
43	raleigh, nc	15.0%	4.3%
44	lakeland-winter haven, fl	14.9%	6.9%
45	new haven-milford, ct	14.9%	4.1%
46	fayetteville-springdale-rogers, ar-mo	14.7%	7.4%
47	providence-warwick, ri-ma	14.3%	1.6%
48	denver-aurora-lakewood, co	14.2%	2.7%
49	north port-sarasota-bradenton, fl	14.1%	4.4%
50	worcester, ma-ct	13.4%	5.1%
51	albuquerque, nm	12.5%	4.4%
52	philadelphia-camden-wilmington, pa-nj-de	12.3%	4.3%
53	baltimore-columbia-towson, md	12.3%	5.3%
54	ann arbor, mi	12.2%	1.7%
55	charlotte-concord-gastonia, nc-sc	12.2%	5.0%
56	minneapolis-st. paul-bloomington, mn-wi	11.8%	4.6%
57	springfield, ma	11.4%	3.2%
58	detroit-warren-dearborn, mi	10.4%	1.9%
59	provo-oreem, ut	10.4%	2.1%
60	jacksonville, fl	10.3%	3.2%
61	oklahoma city, ok	10.2%	4.1%
62	greensboro-high point, nc	10.0%	4.0%
63	richmond, va	10.0%	3.5%
64	manchester-nashua, nh	10.0%	2.2%
65	wichita, ks	10.0%	3.8%
66	reading, pa	9.9%	5.2%
67	nashville-davidson--murfreesboro--frankl	9.7%	4.5%
68	corpus christi, tx	9.6%	2.9%
69	palm bay-melbourne-titusville, fl	9.5%	3.0%
70	new orleans-metairie, la	9.4%	3.5%
71	allentown-bethlehem-easton, pa-nj	9.4%	3.8%
72	winston-salem, nc	9.3%	3.7%
73	columbus, oh	8.9%	3.7%
74	huntsville, al	8.7%	5.5%
75	albany-schenectady-troy, ny	8.6%	2.7%
76	anchorage, ak	8.5%	1.7%
77	grand rapids-wyoming, mi	8.3%	1.0%
78	rochester, ny	8.3%	2.0%
79	colorado springs, co	8.3%	0.9%
80	kansas city, mo-ks	8.1%	2.7%